

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MARONILDES FELIX LIMEIRA

ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES DA
UFPB: um estudo comparativo

João Pessoa
2011

MARONILDES FELIX LIMEIRA

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES DA
UFPB: um estudo comparativo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Machado Lopes de Mendonça

**João Pessoa
2011**

L733a Limeira, Maronildes Felix.
Análise da produção científica em Ciências das Religiões da UFPB: um estudo comparativo / Maronildes Felix Limeira.- João Pessoa, 2011.
106f. : il.
Orientador: Otávio Machado Lopes de Mendonça
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE
1. Produção Científica – Pós-Graduação – Ciências das Religiões. 2. Ciências das Religiões – Pós-Graduação – UFPB. 3. Ensino religioso – escolas.

UFPB/BC

CDU: 001.91:279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

**“ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES DA UFPB: um estudo comparativo”**

Maronildes Felix Limeira

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:


Prof. Dr. Otávio Machado Lopes de Mendonça
Orientador - PPGCR


Profa. Dr.ª. Carla Witter
Membro - USJT-SP


Profa. Dr.ª. Marisete Fernandes de Lima
Membro - Interno - PPGCR

Aos meus filhos, **Rafaella** e **Luiz Eduardo**,
pela inspiraço.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Otávio Mendonça, pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal e pelo incentivo, que foi determinante nesse processo;

À Prof^a. Dr^a. Nilza Barbosa, acima de tudo, uma grande amiga! Colaboradora de todas as horas;

À Dr^a. Geraldina Witter, referência mundial em Produção Científica. Toda honra!

A toda a minha família, amigos e professores que, indiretamente, mas efetivamente, me ajudaram nessa travessia.

A DEUS, FORÇA MAIOR!

“O valor de todo conhecimento está no seu vínculo com as nossas necessidades, aspirações e ações; de outra forma, o conhecimento torna-se um simples lastro de memória, capaz apenas – como um navio que navega com demasiado peso – de diminuir a oscilação da vida cotidiana.”

V. O. Kliutchevski

LIMEIRA, Maronildes Felix. **Análise da Produção Científica Em Ciências das Religiões da UFPB**: um estudo comparativo, 106f. Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa. 2011

RESUMO

Essa pesquisa se propôs a analisar a produção científica do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, especificamente do Mestrado, com foco nas duas primeiras turmas (T1 e T2), para compará-la com a produção de outras universidades brasileiras que desenvolvem pesquisa nesse campo de estudos, com destaque para as dissertações apresentadas em 2009 e 2010, período de conclusão das referidas turmas dessa Universidade. Trata-se de um estudo documental, descritivo, para cuja análise comparativa consultou-se o catálogo nacional de teses e dissertações, que disponibilizou 102 trabalhos de cinco universidades de qualidade reconhecida: Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP - e Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM. Os resultados apontam que esse campo de estudos tem atraído profissionais das mais variadas áreas de conhecimento, a maioria do gênero masculino. Na análise dos trabalhos, observa-se certa dificuldade na elaboração dos títulos, devido à extensão e ao uso indevido de sinais de pontuação; observa-se, ainda, uma variedade de temas abordados e áreas enfocadas, o que, talvez, seja justificado por causa da formação dos pesquisadores. A pesquisa exploratória foi a mais aplicada e foram empregados com mais frequência os procedimentos bibliográfico, documental e de pesquisa de campo. Conclui-se que esse mapeamento pode contribuir para o bom andamento do programa e, conseqüentemente, com a proposta do Ensino Religioso nas escolas.

Palavras-chave: Produção do conhecimento. Pós-graduação. Universidades brasileiras. Fenômeno religioso.

LIMEIRA, Maronildes Felix. **Analysis of Scientific Production in Religious Science UFPB:** a comparative study, 106f. Masters Dissertation in Religious Science. Federal University of Paraiba - UFPB. Joao Pessoa. 2011.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the scientific production of the Postgraduate Program in Religious Science (PPGCR), Federal University of Paraiba - UFPB, specifically of the Masters, with a focus on the first two classes (T1 and T2), to compare it with the production of other Brazilian universities that develop research in this field studies, with emphasis in the dissertations presented in 2009 and 2010, completion time of those mentioned classes of this University. It is a documentary study, descriptive, for which comparative analysis referred to the national catalog of theses and dissertations, that has provided 102 papers of five universities of recognized quality: Federal University of Juiz de Fora - UFJF, Catholic University of Pernambuco - UNICAP, Pontifical Catholic University of Sao Paulo - PUC / SP, Methodist University of Sao Paulo - UMESP- and Mackenzie Presbyterian University - UPM. The results show that this field studies has attracted professionals from different fields of knowledge, most of them males. In the works analysis, we note some difficulty in the titles elaboration because of the extent and misuse of punctuation marks, it is also evident a variety of themes discussed and focused areas, which perhaps is justified by the researchers formation. The exploratory research was the most applied and, it was most frequently used bibliographic procedures, documentary and field research. We conclude that this information mapping can contribute to the good progress of the program and, consequently, with the proposal of the Religious Education in schools.

Keywords: Production of knowledge. Postgraduate. Brazilian universities. Religious phenomenon.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gênero dos autores das dissertações	65
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 2 – Gênero dos autores das dissertações (UFPB)	67
Tabela 3 – Formação acadêmica dos autores das dissertações (Graduação)	69
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 4 – Formação acadêmica (Graduação) dos autores das dissertações (UFPB)	72
Tabela 5 – Número de vocábulos dos títulos.....	75
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 6 – Número de vocábulos dos títulos (UFPB)	77
Tabela 7 – Característica dos títulos: pontuação	78
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 8 – Característica dos títulos: pontuação (UFPB)	80
Tabela 9 – Áreas de conhecimento	83
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 10 – Áreas de conhecimento (UFPB)	85
Tabela 11 – Temas abordados nas pesquisas	88
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 12 – Temas abordados nas pesquisas (UFPB)	89
Tabela 13 – Tipologia: com base nos objetivos	91
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 14 – Tipologia: com base nos objetivos (UFPB)	92
Tabela 15 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados.....	93
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Tabela 16 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados (UFPB)	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero dos autores das dissertações	65
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 2 – Gênero dos autores das dissertações (UFPB)	67
Gráfico 3 – Formação acadêmica dos autores das dissertações (Graduação)	70
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 4 – Formação acadêmica (Graduação) dos autores das dissertações (UFPB)	73
Gráfico 5 – Número de vocábulos dos títulos	75
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 6 – Número de vocábulos dos títulos (UFPB)	77
Gráfico 7 – Característica dos títulos: pontuação	78
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 8 – Característica dos títulos: pontuação (UFPB)	81
Gráfico 9 – Áreas de conhecimento	83
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 10 – Áreas de conhecimento (UFPB)	85
Gráfico 11 – Temas abordados nas pesquisas	88
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 12 – Temas abordados nas pesquisas (UFPB)	89
Gráfico 13 – Tipologia: com base nos objetivos	91
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 14 – Tipologia: com base nos objetivos (UFPB)	92
Gráfico 15 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados	93
(UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)	
Gráfico 16 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados (UFPB)	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 RELIGIÃO: FENÔMENO HISTÓRICO	17
2.1 CIÊNCIA E RELIGIÃO: SISTEMAS DE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DO MUNDO	18
3 CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES: UM CAMPO EM EXPANSÃO	24
3.1 UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO	26
4 PRODUÇÃO CIENTÍFICA: CONCEITOS E DELIMITAÇÕES	29
4.1 O PAPEL DA UNIVERSIDADE	32
4.2 MEIOS DE DIVULGAÇÃO	37
4.3 UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO RELIGIOSO	40
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
5.1 AS UNIVERSIDADES	50
5.1.1 Universidade Federal de Juiz De Fora - UFJF	51
5.1.2 Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP	52
5.1.3 Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP	54
5.1.4 Universidade Metodista de São Paulo - UMESP	56
5.1.5 Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM	58
5.1.6 Universidade Federal da Paraíba – UFPB	60
5.2 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, a religião tem forte influência na formação do homem e da sociedade. O pluralismo, no campo religioso e no cultural, são fundamentos que norteiam o viver da comunidade humana, que busca o sentido da vida e de sua existência diante da finitude. A partir do Século XX, com o impacto da ciência na vida cotidiana, um novo paradigma se instala, com uma visão mais holística e integral do ser humano, que procura valorizar a relação entre as partes e o todo, perpassando pela religiosidade.

O fenômeno religioso tem merecido a atenção dos pesquisadores, o que representa uma resposta aos anseios dos professores que conduzem o ensino religioso nas escolas públicas. Entretanto, é preciso verificar o que vem sendo efetivamente pesquisado sobre esse ensino, para a melhoria do processo educacional.

A realização de pesquisa em uma determinada área do saber é importante, já que gera uma base de dados científicos que podem solidificar um determinado conhecimento ou saber, permitindo o avanço científico e da própria sociedade (WITTER, 1996b). Assim, a pesquisa é o ponto inicial na busca de resultados que, quando comprovados, passam a ser denominados de produção científica. Para que a ciência evolua e tenha êxito, é necessária uma formação adequada de produtores e consumidores do conhecimento.

A produção científica retrata as universidades e as instituições de pesquisa, que oferecem à comunidade científica soluções para os problemas e os questionamentos humanos, de modo a contribuir para a transformação da sociedade. Por isso, uma das preocupações das universidades brasileiras, nos últimos tempos, é a realização de pesquisas que gerem o conhecimento científico. A atividade científica é, então, globalizante, embora tendo como objetivo uma destinação específica, isso não quer dizer que seus resultados tenham que ser apenas de uso imediato.

O trabalho intelectual de estudiosos e pesquisadores depende de um sistema de comunicação, que compreende canais formais, os quais são utilizados tanto para comunicar os resultados de seus achados quanto para se informarem dos resultados alcançados por outros pesquisadores (FUNARO; NORONHA, 2006). Estudos para avaliar a produção científica são importantes, pois fornecem os padrões de comunicação utilizados pelos indivíduos que participam desse processo.

A pesquisa científica surge, muitas vezes, da necessidade de estudar um assunto sobre o qual não se encontra referência na literatura, ou, por vezes, aprofundar conhecimentos fixando-se numa linha de pesquisa (MENDES, 1991). A pretensão em pesquisar o tema

escolhido surgiu da necessidade de produzir, divulgar e apreender resultados de pesquisas, tendo como base o ensino religioso.

Considerando que a produção científica em Ciências das Religiões é um tema pouco debatido e explorado, tornou-se essencial realizar esta pesquisa, com o intuito de verificar o que vem sendo produzido nesse campo do conhecimento, relacionado à educação, a fim de contribuir para melhorar a atuação do profissional do Ensino Religioso e apresentar à instituição, mais especificamente, à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, um mapeamento de sua produção.

Nessa perspectiva, este estudo se propõe a analisar a produção científica do Mestrado em Ciências das Religiões da UFPB, comparando-a com a de universidades brasileiras que atuam com o Programa de Pós-graduação, nesse campo de estudos, visando levantar dados relevantes, como temas predominantes, presença da religião em teses de Educação, identificação das áreas do conhecimento contempladas, caracterização de sujeitos pesquisados, metodologias aplicadas, tipologia e conclusões das pesquisas.

Nesse sentido, justifica-se esta pesquisa nas áreas pessoal, social e institucional, por ser geradora de incrementos nessas três dimensões. No que diz respeito à satisfação pessoal, pelo acréscimo de conhecimentos, que contribuirão com os trabalhos realizados como educadora; para a sociedade, porquanto acrescenta ao processo educacional informações úteis ao sistema educacional; para a instituição de ensino superior, representada pelo Curso de Ciências das Religiões, a revisão de sua prática e produção de conhecimentos.

Assim, a vontade de pesquisar a produção científica em Ciências das Religiões é resultado de inquietações relativas à experiência profissional, à consciência da importância da produção científica, para a melhoria do processo educacional, e à necessidade de investigar para ampliar o conhecimento e melhorar o desempenho profissional, na área da pesquisa e da docência universitária.

A produção científica em Ciências das Religiões, com ênfase na Educação, constitui objeto central da pesquisa, devido à importância dos estudos dessa área para a formação do educador, considerando que o ato de educar tem uma relação intrínseca com o Ensino Religioso, visto que envolve princípios éticos. Portanto, esse curso representa um campo de formação para a docência e para a pesquisa científica, de modo a conhecer a produção do conhecimento científico nessa área.

Segundo C. Witter (1996, 2005), a importância de pesquisas sistemáticas sobre produção científica de um determinado tema ou assunto pode revelar a situação do

conhecimento de um campo de estudo e levantar diretrizes para novos temas de pesquisas e de distribuição de fomento.

Tendo em vista o exposto, o **objetivo geral** desta pesquisa é fazer uma meta-análise dos resumos das dissertações de Mestrado de Ciências das Religiões, defendidas em universidades brasileiras que desenvolvem esse programa, especificamente no período 2009 – 2010. Dissertações publicadas no Catálogo Nacional de Teses e Dissertações, para um estudo comparativo com as dissertações do Mestrado em Ciências das Religiões da UFPB. Essa análise solicita a formulação dos seguintes **objetivos específicos**:

- Investigar a autoria e a caracterização dos sujeitos das pesquisas;
- Verificar as áreas de conhecimento e os temas que elas enfocam;
- Constatar sua estrutura e tipologia.

Segundo Kourganoff (1990), pesquisa é o conjunto de investigações, operações e trabalhos intelectuais ou práticos que tenham como objetivo a descoberta de novos conhecimentos, a invenção de novas técnicas e a exploração ou a criação de novas realidades.

A investigação científica requer a adoção de métodos científicos, representados pelo conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos. Adotar uma metodologia significa escolher um percurso que, muitas vezes, precisa ser reinventado a cada etapa e, por isso, exige não somente regras, mas muita criatividade e imaginação. Para Gil (2010), um bom pesquisador deve, além do conhecimento do assunto, ter curiosidade, criatividade, integridade intelectual e sensibilidade social.

A metodologia da pesquisa e da produção científica assume um importante papel, nos seus mais variados meios e formas de utilização, formando pensadores que chegam à natureza de determinado problema ou fenômeno com melhores condições de estudá-lo, explicando-o, quando solicitado, e modificando-o, quando necessário.

Trata-se de uma pesquisa documental, descritiva, tendo por suporte o banco de dissertações do Mestrado em Ciências das Religiões da UFPB e o catálogo nacional de teses e dissertações, com a produção científica de cinco universidades brasileiras: a Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, a Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, a Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e a Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM, que atuam com Programa de Pós-graduação nesse campo de estudos.

No programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB, foram analisadas as dissertações das duas primeiras turmas concluídas - T1 e T2 - afinal, a

terceira turma - T3 - encontra-se na fase de conclusão, a quarta turma - T4 - da qual fazemos parte, ainda com suas pesquisas em andamento, e a quinta turma - T5 - iniciou os estudos recentemente.

As dissertações das universidades brasileiras mencionadas foram pesquisadas através do site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD¹. Na estratégia de busca, utilizou-se a expressão “Ciência e Religião”, com opção pela classificação por ano de defesa, numa sequência de ordenação decrescente. Filtraram-se as dissertações e foram obtidos 66 trabalhos, no ano de 2009, e 36, no ano de 2010, num total de 102 dissertações.

No primeiro momento, aprofundaram-se as leituras para dar uma ancoragem teórica à pesquisa, afinal, é impossível que um pesquisador inicie seu trabalho despojado de princípios, de ideias gerais básicas (TRIVIÑOS, 1994). Em seguida, procedeu-se à leitura dos resumos e, em alguns casos, da introdução dos trabalhos elencados.

Pádua (2004) reforça que a pesquisa bibliográfica é o procedimento inicial da pesquisa, uma vez que a sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa. Nesse caso, trata-se de uma pesquisa com dados para relatório, que poderão contribuir, de maneira peculiar, para outros estudos.

Nessa etapa, apresenta-se a abordagem teórico-conceitual, a partir do entendimento da religião como um fenômeno histórico; em seguida, estabelece-se a relação entre ciência e religião, sistemas de compreensão e interpretação do mundo. O entendimento acerca das Ciências das Religiões é apresentado como um campo em expansão e ainda sob um olhar epistemológico. Por fim, o capítulo sobre produção científica, apresenta conceitos e delimitações, o papel da universidade, os meios de divulgação e a contribuição para o ensino religioso.

Na construção deste trabalho, empregam-se os dados quantitativos, tendo em vista estudos com dados estatísticos e probabilísticos, embora os dados qualitativos passem a ser contemplados com mais ênfase por serem trabalhados valores, crenças, subjetividade, aspirações e atitudes (MINAYO, 2003).

Segundo Gamboa (1995), as duas dimensões – qualitativa e quantitativa – não se opõem, mas se inter-relacionam como duas fases do real, num movimento cumulativo e transformador, de tal maneira que não podemos concebê-las uma sem a outra, nem uma

separada da outra. Em outras palavras, toda mudança qualitativa é o resultado de certas mudanças quantitativas.

Uma qualidade nova, surgida em decorrência de mudanças quantitativas determinadas, não se comporta de maneira passiva em relação a estas últimas, mas, ao contrário, exerce uma influência de volta, que acarreta também mudanças quantitativas rigorosamente determinadas (GAMBOA, 1995). Assim, o sucesso da pesquisa dependeu dos procedimentos utilizados, do envolvimento da pesquisadora e de sua habilidade em escolher o caminho para atingir seus objetivos, em meio a erros e a acertos.

Por fim, espera-se ter oferecido algumas contribuições para o Programa de Ciências das Religiões, em termos de meta-ciência, ao apresentar o que vem sendo produzido nesse campo de estudos.

2 RELIGIÃO: FENÔMENO HISTÓRICO

Nas diferentes fases históricas, a religião sempre se fez presente, nas mais diversas culturas, com a função de integrar os indivíduos, contribuindo com as relações em sociedade. Portanto, raramente se encontra uma experiência completamente a-religiosa da vida em estado puro (ELIADE, 2008).

Assim, para compreender o fenômeno religioso, é indispensável analisá-lo num contexto sócio-histórico-cultural, afinal, com o desenvolvimento tecnológico, surgem novos paradigmas que aproximam as doutrinas, como esclarece Carvalho (1992, p. 133):

Do Catolicismo ao Protestantismo mais tradicional aos estilos de culto calcados na indústria cultural e no simulacro televisivo; dos grupos religiosos altamente etnicizantes e fechados aos novos movimentos internacionais e cosmopolitas; de discursos teológicos altamente racionalizados a ricas tradições orais e mitológicas, o complexo quadro brasileiro parece oferecer um panorama praticamente complexo das transformações da esfera.

É muito provável que as religiões, em todo o mundo, tenham surgido em função de algum tipo de inspiração divina. Entretanto, é praticamente certo que, no passado, a maioria dos povos não conseguiu assimilar tal inspiração e acabou distorcendo os objetivos de Deus. Talvez, por isso, hoje existem diferentes religiões em várias partes do mundo. A ideia de uma força superior às demais, como o deus Sol, a deusa Lua, Zeus ou Odin, formou uma fé comum a muitos povos. Contudo, foram os hebreus (e depois os judeus) que introduziram a crença num único Ser Supremo – Jeová - criador de todo o Universo. Para Vicente (2001), a religião acompanha o homem desde os primórdios, o qual sempre procurou explicar os fenômenos ao seu redor, quer por medo, por curiosidade, ou por querer controlá-los.

Da passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas, manifesta-se a dimensão da racionalização cultural, por um lado, que se revela na secularização e no desencantamento do mundo, dando origem a uma cultura profana, pela destruição das representações religiosas e metafísicas; por outro lado, um processo de racionalização social, diferenciando as estruturas sociais a partir do sistema econômico, regido pelo capital, e o aparelho burocrático do Estado, que detém o poder (HABERMAS, 1990).

Sob uma ótica cristã, uma visão de mundo prevaleceu durante séculos, e a influência da igreja era algo inegável. Com a modernidade, a religião deixa de ocupar o papel central na vida das pessoas, que vivem impregnadas de valores éticos e humanitários, independentemente de pertencerem a tradições religiosas.

Essa situação conduziu ao pensamento de que a religião estava chegando ao fim. Contudo, observa-se que ela está cada vez mais presente, nesse tempo histórico chamado de pós-modernidade. Goldstein (1993) afirma que a religiosidade está ligada ao ser humano, independentemente de raça, cultura ou tempo histórico.

É importante analisar o pensamento de Lya Luft publicado na revista Veja em 16/02/2011, no que se refere às atuais agitações no Oriente, em que ela aponta que a filosofia grega foi substituída pela religião, a religião, pelas ideologias, e as ideologias, atualmente, pelo consumismo. O pensamento pós-moderno recebeu influência de movimentos teológicos e filosóficos produzidos no Século XX.

Por fim, os papéis desempenhados pela religião mudam de acordo com o tempo e é necessário torná-la compreensível para as pessoas, através das teorias fundamentadas sobre as diferentes ciências. Durkheim (1983, p. 233) analisa a religião sob aspectos que apontam para uma transformação futura:

[...] primeiramente, ciências sociais, porque a fé religiosa tem suas raízes na sociedade; psicologia, porque a sociedade é uma síntese de consciências humanas; enfim, ciências da natureza, porque o homem e a sociedade são função do universo e não podem ser abstraídos dele senão artificialmente.

Essa análise aponta a estreita relação entre ciência e religião; afinal, se a religião está presente em todos os espaços de convivência do ser humano, significa que o cientista em seu estudo específico, precisa compreender o fenômeno religioso, para melhor compreender o seu objeto de estudo.

2.1 CIÊNCIA E RELIGIÃO: SISTEMAS DE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DO MUNDO

O processo de globalização atravessa os lugares de maneira diferenciada e desigual. Na diversidade desse processo, as religiões guardam suas especificidades, embora o lugar que o universo religioso ocupava nas sociedades tradicionais foi definitivamente remodelado e adquiriu uma nova configuração. Os aspectos práticos e espirituais da vida humana revelam a necessidade de uma exploração sistemática dos papéis que a ciência e a religião exercem no processo de desenvolvimento.

Os métodos da ciência permitiram à humanidade chegar a um entendimento coerente das leis e dos processos que governam a realidade física e, de certa forma, a operação da própria sociedade. As percepções decorrentes da religião levaram a um

entendimento relacionado às questões mais profundas dos propósitos e das iniciativas humanas. A sociedade moderna, na sua estrutura, é multireligiosa.

O conhecimento faz parte do mundo porque descreve e explica a realidade. Não há conhecimento que vá além da experiência, como também não se pode considerá-la complexa. Mesmo o conhecimento mais elevado não proporciona nada mais que um segmento do mundo existente. Assim, a realidade, por si, é parte de uma realidade mais complexa (POPPER, 1996).

A reflexão e a discussão sobre ciência e religião passam pela convergência, isto é, pela compreensão e interpretação do mundo entre esses conceitos que, muitas vezes, são entendidos como campos opostos de conhecimento. Como afirma Paiva (2002), ciência e religião têm sido um binômio problemático em algumas áreas da cultura ocidental moderna, relacionadas como entidades em conflito. Segundo Vicente (2001), se a ciência e a religião divergem em muitos aspectos, pelo menos elas têm o mesmo objetivo, que é alcançar a verdade, cada qual utilizando seus métodos.

A ciência teve seu começo nas realizações de outras civilizações - grega, babilônica, egípcia e chinesa. Os gregos criaram um estilo de vida e fizeram o conhecimento humano avançar muito além do que fora conseguido antes, abrangendo a Filosofia, a Arquitetura, a Matemática e a Literatura. Cada campo da ciência se desenvolveu, extraordinariamente, a partir de paradigmas que evoluíram, exibindo número crescente de informações sobre a natureza, criando linguagens próprias, forjando códigos, criando novas palavras, ou novas compreensões para velhas palavras.

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa, de Ferreira (2009, p. 234), Ciência s.f. 1. Conjunto metódico de conhecimentos obtidos mediante a observação e a experiência. 2. Saber e habilidade que se adquire para o bom desempenho de certas atividades. 3. Informação, conhecimento, notícia. Mendonça (1997) se refere ao estudo de Ciências como a busca, hoje institucionalizada e organizada pelo conhecimento dos princípios básicos que regem o mundo em que o homem existe e regem o comportamento do próprio ser humano.

Ciência é o conjunto organizado de conhecimentos obtidos mediante a observação, a experimentação de determinado objeto, utilizando-se um método próprio. Segundo Campos (apud WITTER, 1999), a pesquisa, a investigação, a dedução dos fenômenos, a partir da realidade empírica, é o modelo próprio da ciência. É a soma do conhecimento humano caracterizado em conjunto.

Seja em qualquer área do conhecimento, o desenvolvimento científico é fator determinante, de modo a contribuir com benefícios pessoais e com a visibilidade das instituições promotoras e do país. Para Moura (1997), a ciência está diretamente ligada à vida das pessoas e presente na independência entre países, em seu desenvolvimento e na melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes.

Ciência requer processo e resultado de pesquisa científica para a ampliação e a disseminação do conhecimento; resulta de interesses e deve ser comprometido com o coletivo, de modo a levar à sociedade informações e alternativas para a solução de seus problemas e para o desenvolvimento sustentável. Trata-se de um bem universal, por isso, a sua produção deve considerar o processo histórico, sempre levando em consideração os valores éticos da sua produção e do seu consumo. É o que acontece com o fenômeno religioso aqui enfocado, um dos mais complexos da cultura humana.

A ciência não tem a pretensão de elevar o caminho para Deus, pois esse objetivo não é atributo dela, e sim, da religião. Weber (1982, p. 168) entende que, “hoje é irreligiosa, ninguém duvidará no íntimo, mesmo que não o admita para si mesmo. A libertação em relação ao racionalismo e intelectualismo da ciência é a pressuposição fundamental da vida em união com o Divino” (WEBER, 1982, p. 168).

Ainda segundo Weber (1982), como a ciência lida com propostas objetivas, não conhece nem milagres nem revelações, é necessário que a explicação científica intervenha e controle as intervenções sobrenaturais e irracionais das crenças religiosas para compreender o fato religioso. Apesar de as duas esferas serem autônomas, a separação entre fé e ciência não é decisiva, embora se faça necessário controlar a fé como juízo de valores (WEBER, 1991).

Como a religião é de origem latina – *religare* - que corresponde a religar, restabelecer ligação, na expressão da religiosidade, refere-se a comportamentos e a crenças associadas a alguma seita religiosa; refere-se às crenças propriamente ditas, aos rituais institucionais (missas, cultos, sessões, entre outros) e não institucionais (preces, orações, oferendas etc.) como também às experiências pessoais e ao próprio conhecimento religioso.

Os estudos científicos acerca do fenômeno religioso conduzem à compreensão das várias expressões de fé espalhadas pelo mundo e são fundamentais para o conhecimento da influência desse fenômeno nas diversas áreas do saber. Como comenta Eliade (1990), um fenômeno religioso somente se revelará como tal com a condição de ser apreendido dentro da sua própria realidade, isto é, de ser estudado conforme a escala religiosa.

Nesse sentido, a ciência desempenha um papel fundamental, pois amplia o horizonte de compreensão dos fenômenos empíricos que ocorrem na natureza. É a partir da

percepção desses fenômenos que o homem constrói o modelo do mundo em que vive. Para Leonardo Boff (1994), a ética dominante na sociedade contemporânea seria utilitária e antropocentrada. Tudo se iniciaria e terminaria com o ser humano.

No campo científico, a religião é vista como as variadas e infinitas formas com que Deus se expressa no mundo, na história e no cotidiano das pessoas. As grandes instituições sociais nascem da religião, o que significa dizer que, “se a religião engendrou tudo o que há de essencial na sociedade, é porque a idéia da sociedade é a alma da religião” (DURKHEIM, 1983, p. 224).

Ao analisar historicamente a religião, que sempre se manteve muito isolada, percebe-se que essa postura acabou por prejudicar o seu estudo de forma mais abrangente. As pessoas que tentam isolar a ciência para protegê-la contra as corrupções da religião ou as que tentam rejeitar a ciência, como imposição do secularismo à religião, vivem uma vida ingênua (PETERS E BENNETT, 2003).

O relacionamento da ciência e da tecnologia é uma das receitas que os pesquisadores encontraram para gerir o mundo moderno. De acordo com Gilberto (2005), o objetivo da ciência é conhecer e compreender bem mais tudo o quanto existe; criar novas realidades; buscar proveito espiritual e material dos homens. O conhecimento científico faz parte da necessidade humana, na busca pela verdade dos fatos.

O conhecimento vem com a obrigação de fazer perguntas e desafiar nossa ignorância. Uma forma diferente de conhecimento são as crenças, que são uma maneira de explicar o universo atribuindo-lhe capacidades, qualidades, sentimentos e emoções. As crenças religiosas são uma busca pessoal e íntima pela verdade. A existência de Deus não é um objeto da ciência, mas uma crença, já que não há maneira de demonstrá-la ou negá-la. O conhecimento teológico está ligado à fé e responde a questões que outros conhecimentos não oferecem.

Assim, duas realidades são colocadas diante do homem. De um lado, está a religião, que faz com que o homem tenha uma base para se constituir no mundo, conferindo-lhe a esperança de viver, a crença em algo maior e a segurança de uma vida futura. De outro, irrompe a ciência, que apresenta ao homem a realidade do mundo como visível e sensível. A ciência sabe que pode ir somente até um determinado ponto e que, além disso, não há uma explicação racional aceitável. Assim, cala-se e deixa que a religião responda às últimas questões.

Gilbert Durand (2004) refere que uma das formas de encontrar soluções para questões não respondidas pela ciência é através da análise da imagem mítica, que fala

diretamente à alma de maneira intuitiva. O imaginário, durante muito tempo reprovado pela ciência, na atualidade, passa a auxiliá-la, afinal, a formação do mito pós-moderno se dá por sedimentação, acomodação e reelaboração de mitos milenares que satisfazem, de certa forma, às problemáticas e às aspirações do viver humano, ainda incógnitas. Isso significa que

[...] não somente mitos eclipsados recobrem o mito de ontem e fundam o epistema de hoje, mas ainda os sábios na ponta dos saberes da natureza ou do homem tomam consciência da relatividade perene do mito. O mito não é mais um fantasma gratuito que subordinamos ao perceptivo e ao racional (DURAND, 2004a, p. 20).

O objeto “religião” é algo concreto, isto é, sempre uma determinada religião. Cada uma das milhares de religiões que podem ser escolhidas e estudadas é representada como uma totalidade passível de investigação, de acordo com quatro perspectivas: como comunidade, como sistema de atos, como conjunto de doutrinas ou como sedimentação de experiências (GRESCHAT, 2005).

A busca do conhecimento é uma atividade sobre a qual o ser humano se debruça, há milênios. Pretendendo conhecer a realidade que o cerca e/ou que interioriza, não se faz o bastante somente observá-la – embora a observação tenha sido, há muito, considerada como o primeiro método de conhecimento da realidade – há que se utilizar a razão, a partir da indução ou dedução, para se elaborar o conceito, a imagem e a compreensão do objeto observado (CHIZZOTI, 1991); (FREIRE-MAIA, 1992).

Na história da ciência moderna, a comunicação entre os cientistas foi, primeiramente, formalizada pelas cartas para, a seguir, tornar-se mais extensa e mais complexa, graças ao processo de impressão de livros e, já no Século XVII, de periódicos científicos. Por volta do fim do Século XIX, os pesquisadores passaram a sentir necessidade de mais assistência para identificar, na massa de toda a literatura disponível, o material de que precisavam.

O desenvolvimento rápido da ciência e da tecnologia ampliou o campo da literatura, por isso é preciso buscar novos caminhos para divulgar a informação científica produzida, pois, em cada área do conhecimento humano, o crescimento da ciência se realiza por meio de pesquisas cujos resultados são cumulativos. Um dos principais resultados da evolução da área e sua afirmação como ciência é proporcionado pela investigação científica, pelo fato de possibilitar o aprofundamento das descobertas (JULIANO, 1994).

Até a época moderna, a Teologia apresentava-se como a única autoridade e fonte de normatividade em assuntos religiosos. Todas essas mudanças levaram os cientistas sociais

ou os que pertencem às Ciências Humanas a pensarem em estudar o fenômeno, não a partir da Teologia ou desde um paradigma pastoral, mas como fenômeno em si. Na pós-modernidade, a teologia passa a ser considerada normativa, apenas no sentido de referência.

No Brasil, a evolução da sociedade, da cultura, das igrejas e das religiões é que levou à ideia de sondar o tema mais a fundo, superando as abordagens fragmentadas e estabelecendo um olhar multidisciplinar. Para Camurça (2008), o campo da Ciência(s) da Religião deve estar sintonizado com os debates, os impasses e os avanços teórico-metodológicos que estão acontecendo nas respectivas instâncias de cada ciência humana e social.

A pós-graduação *stricto sensu*, que era bastante restrita no Brasil, até os anos sessenta do Século XX, passou a ser amplamente requisitada e, na década de setenta, começou a expandir-se e continua até o presente, cobrindo a maioria das áreas do conhecimento. Com a expansão e os avanços nos suportes informacionais, a CAPES criou um banco de teses, que disponibiliza, eletronicamente, para o público as dissertações e as teses defendidas no Brasil.

A partir de meados do século passado, cada vez mais, a produção científica, seu impacto e sua importância passaram a ser estudados e analisados dentro da proposta da cientometria e da metaciência, ou seja, como parte da Ciência da Ciência (POBLACION; WITTER; SILVA, 2006).

Entende-se, pois, que o progresso científico tem mudado a sociedade e o mundo como nunca antes aconteceu e com mudanças muito marcantes na vida das pessoas. Nesse sentido, o processo de construção do conhecimento de uma determinada área está ligado diretamente à produção de pesquisas, necessária no mundo moderno, e constitui parte integrante, tanto do processo de desenvolvimento tecnológico quanto do de oferta de serviços públicos de boa qualidade, em sua relação com o planejamento das políticas públicas.

3 CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES: um campo em expansão

No Século XIX, em meio às profundas transformações ocorridas no Ocidente pelo declínio da hegemonia cristã, instaura-se um processo de ramificação das ciências naturais e das ciências humanas, o que contribuiu para o surgimento, na metade do século, da disciplina História das Religiões, com o propósito de se fazer um estudo comparado das diferentes tradições religiosas da humanidade, então conhecidas, com o objetivo de reconstruir a história da sua evolução religiosa.

A exigência, tipicamente iluminista, de uma ciência capaz de reunificar as contribuições que as diferentes disciplinas vinham oferecendo para o conhecimento científico das religiões fez nascerem as ciências das religiões. Embora um saber sobre religiões já fosse comprovado desde a antiguidade grega, a institucionalização desse campo de estudos começou, nos últimos trinta anos do Século XIX, para destacar a influência das Ciências Humanas em relação à Filosofia e à Teologia. De acordo com Udo Tworuschka (apud USARSKI, 2006), a Ciência da Religião é a “filha emancipada da Teologia”.

O estudo das Ciências das Religiões é diferenciado do estudo da Teologia pelo fato de seus objetos de estudos serem distintos, porquanto as Ciências das Religiões não estudam Deus, mas suas formas de expressões nas pessoas e nas culturas (MENDONÇA, 2003). A dificuldade para perceber essa diferença é um obstáculo para aprofundar os estudos da religião de maneira transdisciplinar. Estudá-la, sob o aspecto transdisciplinar, pode trazer uma visão muito mais ampla de seus significados.

De acordo com reflexões de Giovanni Filoramo e Carlos Prandi (2007), considerando-se o campo metodológico das Ciências das Religiões amplo e complexo, o desenvolvimento de suas investigações torna-se uma tarefa árdua para os pesquisadores, principalmente no que se refere ao método e/ou às metodologias e suas técnicas, pelo fato de ainda estar sendo amadurecida essa nova forma de investigação.

O renascimento religioso que se constata em numerosos países e em muitas tradições religiosas está fortemente vinculado à crise antropológica do ser humano contemporâneo. A secularização e a modernidade, a partir da Revolução Francesa, conceberam-se como uma utopia libertadora do obscurantismo e do fanatismo, para uma visão mais livre e autêntica da vida. A laicidade do Estado provocou a erosão do papel social das religiões, enquanto afirmava, com a igualdade dos cidadãos diante do Estado, a liberdade religiosa para todos os tipos de credo e opinião. Assim, a sociedade passou a ser identificada

pela diversidade religiosa. De acordo com Lyon (1998), a única esperança real por uma tolerância verdadeira está em descobrir o que temos em comum e em respeitar a diversidade.

Ciências das Religiões é uma disciplina empírica, que procura compreender o fenômeno religioso em suas múltiplas dimensões, tanto na questão da percepção individual e subjetiva de que existe um mundo transcendente, quanto nas inúmeras manifestações. Trata-se de um campo multidisciplinar, com uma estrutura curricular assentada numa rede de disciplinas oriundas dos saberes filosófico, histórico e das humanidades, ajustadas à temática da religião.

A História da Religião, a Sociologia da Religião e a Psicologia da Religião são as mais referidas. Mas há outras, por exemplo, como a Geografia da Religião ou a Economia da Religião. No Brasil, na área da Ciência da Religião, são citados, frequentemente, as teorias e os resultados da Etnologia e da Antropologia.

Usarski (apud GRESCHAT, 2005) concebe que a vida religiosa, especificamente em relação as suas formas populares, manifesta-se de maneira multifacetada e constitui uma totalidade, cuja investigação adequada requer abordagem multiangular. Portanto, o pesquisador é intimado não apenas a aumentar o espectro do seu material empírico, mas também a cultivar sua sensibilidade em prol de uma compreensão o mais autêntica possível do olhar do fiel da religião em questão.

Capra (2003a) afirma que quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Essa é uma concepção holística, que integra todos os seres e perpassa todas as manifestações culturais.

Assim, o objetivo das Ciências das Religiões é fazer um inventário, o mais abrangente possível, de fatos reais do mundo religioso, sem intenção doutrinante de uma determinada visão religiosa, de maneira respeitosa e reverente com o domínio de cada culto e de cada doutrina. Não se questiona a verdade ou a qualidade de uma religião. Do ponto de vista metodológico, religiões são sistemas de sentido formalmente idênticos. É, especificamente, esse princípio metateórico que distingue a Ciência da Religião da Teologia.

Segundo Durkheim (2004), todas as religiões são verdadeiras à sua maneira; todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinada condição de vida humana. Essa afirmação confirma a pluralidade do objeto de estudo, o que significa a necessidade de uma análise interdisciplinar para melhor compreendê-lo.

A principal característica da atitude interdisciplinar é a busca pelo conhecimento, a transformação da insegurança num exercício do pensar. A interdisciplinaridade é uma atitude, a exteriorização de uma antiga visão de mundo, que é a holística, e pode ser comparada como um ato de troca, de reciprocidade, entre as áreas de conhecimento (disciplinas ou ciências).

O pesquisador de Ciências das Religiões deve desencadear um processo de conhecimento e vivência de sua própria religião, mas também um interesse por outras formas de religiosidade. É no terreno dos encontros que devemos fixar o nosso olhar e achar o fio condutor do diálogo, porque toda religião comporta uma ética, e toda ética desemboca numa religião, na mesma medida em que a ética se orienta pelo sentido do transcendente da vida humana (CATÃO, 1995).

No Brasil, a Ciência da Religião é uma disciplina relativamente nova, reconhecida academicamente, do ponto de vista de políticas e leis que regem o ensino superior no país nos níveis de graduação e pós-graduação. Começamos, pois, a ver o surgimento de cursos que se propõem a formar cientistas da religião habilitados ao Ensino Religioso, visto que o fenômeno religioso plural e inserido no contexto latino-americano precisava de um estudo mais profundo.

Portanto, assim como as Ciências das Religiões, a produção científica vem crescendo e adquirindo seu espaço nos diversos tipos de trabalhos e temas variados. Da mesma forma, vem aumentando o número de pesquisas voltadas para a análise da produção científica, o que permite conhecer o desenvolvimento desse campo de estudos, de modo a contribuir para que os profissionais da área atuem melhor.

3.1 UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO

A ciência caminha por meio do acúmulo de observações e provas concretas, replicáveis por grupos diferentes. No início do Século XX, surge a discussão entre os pesquisadores das Ciências da Religião quanto a explicar ou compreender a religião. O modelo da explicação, válido no campo dos fenômenos naturais, analisa a religião destituída do objeto fé, em oposição ao modelo da compreensão, válido no campo dos fenômenos espirituais.

Hoje, essa contraposição vem sendo superada. A ciência monoteísta, baseada num conceito radicalmente fortalecido, foi substituída por uma concepção mais flexível e pluralista, com seu correspondente politeísmo metodológico. O fato decisivo que se opõe a

qualquer separação radical entre as ciências do homem e as ciências da natureza é que as premissas das primeiras invadem o campo das segundas; enquanto as generalizações das segundas influem cada vez mais sobre as primeiras (FILORAMO; PRANDI, 2007).

Para Camurça (2008), o campo de Ciência(s) da Religião deve estar sintonizado com os debates, os impasses e os avanços teórico-metodológicos que estão ocorrendo nas respectivas instâncias de cada ciência humana e social. Como a Arte revela um universo de formas, e a ciência desvenda um universo de leis e princípios, a religião conscientiza sobre a universalidade e fundamental identidade da vida. A experiência religiosa é individual e subjetiva, mesmo que seja induzida em rituais públicos.

Segundo Ellison (1991), na literatura, há registros de que a religiosidade pode influenciar vários aspectos do bem-estar subjetivo por favorecer a integração e o suporte social, o estabelecimento de relações com o divino, a promoção de sistemas de significado e de coerência existencial ou mesmo por estimular estilos de vida específicos de algumas religiões. A religiosidade revela a paixão do crente, mas os progressos do conhecimento são compartilhados por crentes e cientistas.

As criações da ciência deram ao homem uma sensação nova de sua capacidade, mas não podem satisfazer toda a necessidade que há em seu eu profundo, uma preciosa virtude que unicamente a religião detém. Assim como o homem do passado, o homem de hoje volta-se para a busca das explicações míticas, diante das angústias. Por essa visão, a função da religião vai além de explicar a realidade para acomodar e tranquilizar o homem em um mundo assustador, afinal, Religião, Filosofia e Ciência mantêm uma relação de intercomplementaridade, haja vista que uma sempre sucede ao outro, de forma cíclica, no decorrer do tempo.

O homem primitivo vive integralmente o sagrado, com a mente e com o corpo, sem questionar sua existência, pois a experiência religiosa não é regida pelo pensamento racional, mas pelo sentimento. Fazendo uma abstração dos sentimentos e das experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se apresenta como uma rede de símbolos.

Esse campo de estudo apresenta modos diferentes de defini-lo, devido à possibilidade de cruzar uma singularidade ou pluralidade de método e de objeto. Alguns autores falam em “ciência da religião” ao pressupor a existência de um método científico e de um objeto unitário. Fala em “ciências das religiões” quem está convencido tanto do pluralismo metodológico quanto do pluralismo do objeto. Entre esses extremos, há soluções intermediárias - ciência das religiões ou ciências da religião.

Assim, as ciências das religiões não constituem uma disciplina à parte, fundada, como gostaria a tradição hermenêuticamente orientada, na unidade do objeto (a religião) e na unidade do método (a compreensão hermenêutica). Ela é, antes, um campo disciplinar e, como tal, uma estrutura aberta e dinâmica (FILORAMO, 2007). O Programa de Pós-graduação da UFPB fez opção pela denominação “Ciências das Religiões”, por estar convencido tanto do pluralismo metodológico quanto do pluralismo do objeto.

Cabe, pois, ao estudioso dos fenômenos religiosos conhecer não só uma religião nem apenas a psique, a cultura ou a sociedade, mas um entrelaçamento concreto, historicamente dado em determinadas individualidades religiosas, com sua particular lógica, estrutura e determinados contextos histórico-sociais (FILORAMO, 2007).

4 PRODUÇÃO CIENTÍFICA: conceitos e delimitações

O avanço dos conhecimentos científicos, nos últimos tempos, tem provocado mudanças na vida das pessoas e passou a exigir o acompanhamento sistemático da produção científica, que é toda produção documental sobre um determinado assunto de interesse de uma comunidade científica, que contribua para o desenvolvimento da ciência e para a abertura de novas pesquisas.

Conforme Witter (1999), a produção científica envolve produtos e produtor, consumidor e contexto histórico, econômico, educacional e social, cujos objetivos buscam ampliar e aprofundar conhecimentos que, progressivamente, tragam melhoria à qualidade de vida do homem.

A análise da produção científica fornece subsídios para a tomada de decisão na produção do conhecimento, na definição de políticas de pesquisa e de Pós-graduação, além de permitir detectar aspectos como: nível do conhecimento alcançado, padrões discursivos, tecnologias utilizadas pelos pesquisadores, periódicos que valorizam a área de conhecimento, entre outros aspectos (WITTER, 1999a; DOMINGOS, 1999; CARELLI, 2002).

Sendo um marco no Século XX (WITTER, 2002), a produção científica possibilitou mudanças tanto no âmbito pessoal quanto no social, político e econômico, permitiu o avanço em diversas áreas do conhecimento e demonstrou o quanto é útil e importante para o desenvolvimento, a evolução e a transformação de toda nação. A produção do conhecimento, em qualquer área da ciência, contribui para o desenvolvimento das pessoas, das instituições e dos países (WITTER, FREITAS, 1997).

Witter, G. (1997, 2005) e Witter, C. (1996, 2005) destacam a importância da realização de pesquisas que investiguem a realidade e procurem estabelecer relações entre as variáveis estudadas para que ocorra um avanço científico e tecnológico nas diversas áreas do saber. Na produção científica, estuda-se a pesquisa, em si, quem a fez, quem se beneficiará dela e as relações entre estes elementos: produtor, produto e consumidor.

De acordo com Cusatis Neto (2002) e Pacheco (2003), a produção científica relaciona-se com as conquistas da ciência e com seus benefícios na qualidade de vida do homem, pois a ciência e a sociedade caminham em rumos estreitos. Nesse sentido, a produção científica ocupa um lugar de destaque, visto que é por sua via que é possível tornar pública a produção desenvolvida pelo pesquisador.

Os trabalhos de metaciência são fundamentais para avaliar o avanço científico de uma determinada área de conhecimento, assim como detectar as lacunas e as necessidades de

se desenvolverem pesquisas sobre determinado assunto. As pesquisas sobre produção científica são fundamentais para a melhoria e a evolução da ciência, tanto na análise do nível e da qualidade da pesquisa quanto da própria temática das investigações, entre outros aspectos avaliados pela metaciência.

Witter, já em 1997, destacou a importância da metaciência na avaliação do conhecimento científico nas diversas áreas e contextos, desde a análise da produção individual, do currículo de um pesquisador, até o produto texto, com análise de conteúdo de periódicos, estendendo-se às bases de dados. A produção científica, concebida como a publicação dos resultados de pesquisas, é uma forma concreta de participação do cientista na atividade científica.

Na 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, pesquisadores defenderam a criação de uma Rede Nacional de Popularização da Ciência, Tecnologia e Inovação, com o objetivo de criar uma cultura de curiosidade científica, estimular o engajamento da população no tema e mostrar a importância do desenvolvimento científico para o crescimento do país e para a melhoria da qualidade de vida da população (JORNAL DA CIÊNCIA, 11/06/2010, p.12).

Nessa perspectiva, é preciso investimentos em estudos de meta-análise com dados internacionais, para comparar o que ocorre no Brasil com o que ocorre em outros países. Segundo Oliveira (apud WITTER, 1999), a pesquisa de meta-análise é uma forma de unificar o conhecimento produzido por pesquisas, de forma que demonstra o conhecimento produzido em uma determinada área e que temas estão sendo mais ou menos trabalhados.

A avaliação da produção científica não é uma prática recente. No século passado, alguns esforços foram realizados, com o intuito de buscar essa avaliação, mas o estudo nessa área se intensifica e sistematiza somente a partir das últimas duas décadas (MORAES, 1992). Sendo assim, o crescimento exponencial das publicações científicas exige que haja registro e controle dessa produção, a fim de que possa ser disseminada convenientemente, entre os que estão envolvidos na produção do conhecimento.

Inserido no bloco dos Brics (Brasil, Rússia, Índia e China), o Brasil está entre os emergentes e, segundo o ex-ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Resende, tomando como base a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), há 60 anos, o país faz ciência há poucos anos, mas tem conseguido manter um crescimento animador (JORNAL DA CIÊNCIA, 29/04/2011, p.1).

Trabalhos de análise de pesquisa têm sido realizados, como os de Buriti; Witter, C. e Witter, G. (2007), por exemplo, que apresentam, em PRODUÇÃO CIENTÍFICA E

PSICOLOGIA EDUCACIONAL, textos que foram organizados para compor uma obra que pudesse interessar a educadores, psicólogos e profissionais envolvidos com o fazer ciência e com o atuar no campo educacional. Esses mesmos autores, ainda no ano de 2007, apresentam PROBLEMAS PSICOSSOCIAIS EM ANÁLISE DE PRODUÇÃO. Nesse livro, foram aglutinados textos escritos em colaboração, que enfocam, predominantemente, problemas de cunho psicossocial.

A produção científica tem uma importância muito grande no universo da pesquisa e do saber do homem, porque é por seu intermédio que se traz a lume o resultado de uma pesquisa ou investigação científica. Produção científica refere-se à geração de conhecimentos pelo pesquisador e a comunicação dos resultados de seu trabalho para a sociedade, isto é, o seu produto (DOMINGOS, 1999).

A qualidade da produção científica deve ser avaliada para que os grupos de pesquisa e os seus pesquisadores tenham atitudes críticas e reflexivas na busca de soluções. Através da produção científica, é possível avaliar o avanço científico de determinada área de conhecimento e detectar as lacunas e a necessidade de se desenvolverem pesquisas sobre certo assunto. É importante destacar as muitas variáveis que influenciam na quantidade e na qualidade da produção. Entre elas, destacam-se a cultura do pesquisador, a formação, o apoio financeiro ou material, entre outros (PACHECO, 2003).

A ciência é necessária para atender à demanda de qualidade e de competitividade. Nesse sentido, o Brasil vem aumentando sua contribuição no cenário mundial graças ao aumento da quantidade de cursos, alunos titulados e instituições que oferecem cursos reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC), que contribuem diretamente para o fortalecimento do setor científico e tecnológico nacional.

A cultura científica da população é uma condição necessária para que seja assegurada a eficácia de qualquer política nacional de ciência e tecnologia. Para assegurar o desenvolvimento científico, é importante estabelecer políticas de incentivo à pesquisa, que respeitem o contexto, a realidade e busquem melhorias sem comprometer a identidade comunitária. A responsabilidade da política científica do Brasil está sob o patrocínio do Ministério da Ciência e da Tecnologia, da Capes e do CNPq, que priorizam os cursos de pós-graduação por serem formadores de cientistas.

É preciso analisar a produção científica em Ciências das Religiões no Brasil, avaliando e comparando, mostrando os aspectos de dificuldades e de avanços, para não perder o caminho da história e do desenvolvimento do povo. A análise da produção científica não

apenas mostra essa realidade como também pode ser instrumento de foco para integrar e ampliar desenvolvimentos futuros.

4.1 O PAPEL DA UNIVERSIDADE

A emergência do conhecimento sem fronteiras e da sociedade da informação, em um mundo cada vez mais globalizado, confronta a educação superior contemporânea com desafios sem precedentes. Por isso, Santos (2002) afirma que o processo de globalização mostra que estamos perante um fenômeno multifacetado, com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo.

Se o conhecimento é central, no novo paradigma econômico-produtivo e social-político, então também o é a universidade, dada sua relação intensiva com o conhecimento. Isso tem reflexos nas atitudes dos pesquisadores e suas relações com a ciência e a sociedade. As transformações sociais recentes e as tecnologias de informação e comunicação que embasam novas metodologias vêm alterando significativamente o fazer científico, apontando para uma “ecologia de saberes” (SANTOS, 2006).

O conhecimento produzido na Universidade e por ela socializado difere do que emerge e transita no cotidiano: aquele surge da problematização da realidade e da investigação sistemática e rigorosa, visando à construção de respostas ou de alternativas de solução aos problemas estudados, enquanto o conhecimento cotidiano surge da vivência em cada contexto social e cultural, sem compromisso com o rigor acadêmico. Assim, é papel da Universidade manter espaços para a explicitação dessas duas formas de conhecimento e promover a pesquisa com vistas à produção do conhecimento.

Em texto divulgado pela UNESCO (BERNHEIM E CHAUI, 2008), no que se refere à Declaração Mundial sobre a Educação Superior, em seu preâmbulo, citado em Bernheim e Chauí (2008, p. 16) percebemos que,

[...] sem uma educação superior adequada e instituições de pesquisa que formem massa crítica de pessoas qualificadas e cultas, nenhum país pode garantir genuíno desenvolvimento endógeno e sustentável; e, em particular, os países em desenvolvimento e os países de menor desenvolvimento relativo não poderão reduzir o hiato que os separa dos países desenvolvidos industrializados.

Ainda de acordo com a Declaração Mundial sobre a Educação Superior, há mais consciência da importância fundamental que esse tipo de educação tem para o desenvolvimento sociocultural e econômico e para a construção do futuro:

Devido ao escopo e ao ritmo das mudanças, a sociedade cada vez mais tende a fundamentar-se no conhecimento, de modo que a educação superior e a pesquisa atuam hoje como parte fundamental do desenvolvimento cultural, socioeconômico e ecologicamente sustentável dos indivíduos, comunidades e nações. Portanto, sendo confrontada a formidáveis desafios e precisa proceder à mudança e à renovação mais radicais que já foi obrigada a fazer, para que a nossa sociedade, que passa hoje por profunda crise de valores, possa transcender meras considerações econômicas e incorpore dimensões mais profundas de moralidade e espiritualidade (BERNHEIM E CHAUÍ, 2008, p. 17).

Conforme vimos, se o conhecimento ocupa, atualmente, lugar central nos processos que configuram a sociedade contemporânea, as instituições que trabalham com e sobre o conhecimento participam também dessa centralidade, que faz do conhecimento um pilar da riqueza e do poder das nações.

No Brasil, o sistema universitário, com todas as suas conhecidas dificuldades e limitações, tem sido o principal centro de produção e transmissão do conhecimento, por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Sua função ultrapassa, assim, o limite de ensinar ciência, porque ela é, por excelência, o lugar mais propício para a realização da investigação e da pesquisa científica.

É nessa instituição que o aluno encontra as ferramentas ideais para a apreensão dos fenômenos empíricos e a forma de encontrar a verdade científica, o que implica a sua formação intelectual. Sem o apoio de um centro de pesquisa, como devem ser as universidades, não se pode falar em pesquisa e em produção do saber científico. Produção científica, no Brasil, é sinônimo de universidade pública (SILVA; BAFFA FILHO, 2006).

Segundo Adolfo Crippa (apud SALOMON, 1994), a universidade apresenta-se, inicialmente, como uma cooperação de pessoas que se consagram ao saber, algumas ensinando, muitos aprendendo. Essa instituição docente transforma-se em instituição-pesquisa, em que o ideal deixa de ser a sabedoria para ser a procura do saber, ou seja, a investigação.

Embora Crippa tenha razão quando afirma que a função da Universidade é, cada vez mais, dedicar-se à pesquisa e à produção da ciência, em detrimento da prática pedagógica do ensino da ciência, consideramos, contudo, que essas duas esferas da produção do saber não

são excludentes, pelo contrário, podem coexistir em harmonia para efetivar o saber e o conhecer científicos, porque, sem a segunda, não há como se chegar à primeira.

Para Witter (1996a, p. 8), a produção científica consubstancia a atividade das instituições que trabalham com a investigação e a produção da ciência. Por isso, ela afirma:

Produção científica é a forma pela qual a universidade ou instituição de pesquisa se faz presente no saber-fazer-poder ciência; é a base para o desenvolvimento e a superação da dependência entre países e entre regiões de um mesmo país; é o vínculo para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes de um país; é a forma de se fazer presente não só hoje, mas também amanhã; é... Esse rol pode ir longe mas, seja qual for o ângulo que se tome por referência, é inegável o papel da ciência na vida das pessoas, das instituições dos países. Pode-se afirmar que alguma produção científica está ligada à maioria, quase totalidade das coisas, dos eventos, dos lazeres com que as pessoas se envolvem no cotidiano.

Embora a universidade não seja a única responsável pela criação do caldo cultural, do fazer e viver Ciência, como processo para encontrar caminhos, dela esperam-se contribuições para o progresso da humanidade (LIMA, 1999). E como as universidades são os centros de produção do conhecimento, atribui-se a essas instituições o compromisso de fazer ciência por meio da pesquisa e da divulgação, para a aplicação e superação de problemas. Nesse sentido, pode-se considerar que, de um lado, a ciência é produto, de outro, produz mudanças substanciais e desenvolvimento.

Moura (1997) chega a assegurar que a universidade tem como papel principal a formação de pesquisadores, pois estimula e incentiva os produtores a prosseguirem em seus estudos, a não se limitarem à graduação, a fim de que o mercado científico esteja sempre atualizado.

Assim, o Brasil precisa oferecer ensino de qualidade e melhores condições para desenvolver pesquisadores qualificados em suas universidades que, por sua vez, precisam se mostrar dinâmicas para modernizar suas estruturas e seus objetivos, sempre que for necessário, afinal, a universidade foi criada com o objetivo de cultivar o saber e incentivar a produção científica.

A comunidade científica universitária brasileira começa a firmar-se a partir de 1934, com a criação da Universidade de São Paulo, e em 1935, com a criação da Universidade do Distrito Federal. Gradativamente, o quadro foi se desenvolvendo, e a Universidade tornou-se o maior produtor de conhecimento científico e tecnológico do Brasil. Consolidou-se ainda mais com a criação, em 1948, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, despertando os docentes para os problemas da comunidade (MENEZES, 1993).

As atividades de pesquisa vêm se expandindo rapidamente nas universidades brasileiras, desde a metade da década de 1960 e logo foram impulsionadas, principalmente, com a expansão e a criação de vários cursos de pós-graduação, com os seguintes objetivos, conforme Parecer 977/65 do MEC:130 (BRASIL, 1965):

- a) Formar professores competentes para atenderem à expansão quantitativa do ensino superior, assegurando, concomitantemente, a elevação dos atuais níveis de qualidade;
- b) Estimular o desenvolvimento da pesquisa científica, através do preparo dos pesquisadores;
- c) Garantir a capacitação de técnicos e de especialistas de alto padrão, para atender às necessidades do desenvolvimento nacional em seus diversos setores;
- d) Garantir o nível de desenvolvimento tecnológico, através do consumo da ciência.

O modelo de Pós-graduação do Brasil inspirou-se, em parte, na estrutura universitária norteamericana, com a reforma de 1968, com base na visão conservadora do projeto de Darcy Ribeiro, implantado na Universidade de Brasília. A Reforma do Ensino Superior, através da Lei 5540/68, segundo Granja (1995, p. 8),

[...] institucionalizou a pós-graduação no país, distinguindo-a segundo a classificação de pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu*. Essa abriga os cursos realizados após a graduação a título de aperfeiçoamento, especialização e objetivos, portanto, técnico profissional; aquela abriga cursos voltados para a formação do pesquisador, do técnico de alto nível e à capacidade docente.

Considerando que a Capes é órgão vinculado ao MEC, ficou sob a sua responsabilidade o processo de regulamentação da pós-graduação, que exige titulação dos docentes, avaliação dos cursos oferecidos, bem como a produção científica dos docentes, para que eles possam, frente ao resultado da avaliação, receber credenciamento.

O Brasil vem construindo um dos sistemas mais robustos de Educação Superior e de Ciência e Tecnologia do mundo, mas ainda não está conseguindo apropriar-se amplamente dessa conquista. Isso por conta de um grande descompasso entre a baixa capacidade de inovação das empresas e a alta competência científica das universidades brasileiras, mensurada pela crescente formação de alunos de pós-graduação, especialmente doutores (JORNAL DA CIÊNCIA, 8/10/2010, p. 4). Esse cenário foi apresentado por José Oswaldo Siqueira, do CNPq, na Reunião Regional da SBPC, em Lavras.

Como afirma Cláudio de Moura Castro, em reportagem à revista Veja (9/04/2011, p.20), a cada ano o Brasil produz quase 13 000 doutores. Comparado com países médios, o país está bem, pois, em publicações, é ultrapassado apenas pela Índia e pela China. Essa realidade é resultado da aplicação contínua de boas regras.

De acordo com os dados divulgados pela coordenação da Capes, no *Jornal da Ciência* (24/09/2010), na Avaliação Trienal 2010, que leva em consideração o período entre 2007 e 2009, no Brasil, o número de cursos da pós-graduação - Mestrado acadêmico, Doutorado e Mestrado profissional - passou de 3.394 para 4.099 – aumento correspondente a 20,8%. A Região Norte registrou, nesse período, o maior crescimento (35,3%). Aparecem, em seguida, as Regiões Nordeste (31,3%), Centro-oeste (29,8%), Sul (24,2%) e Sudeste (14,9%).

Apesar do maior aumento percentual de cursos nas Regiões Norte e Nordeste, a concentração da pós-graduação na Região Sudeste ainda é muito superior à das demais regiões, embora seja preciso considerar que as Regiões Norte e Nordeste, que tiveram o maior aumento de programas nos últimos três anos, ainda estão no processo natural de consolidação.

Como se pode conferir, no *Jornal da Ciência* (8/10/2010, p. 6), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC) apontaram as diretrizes para acelerar o crescimento científico e tecnológico do país, com vistas ao desenvolvimento socioeconômico. Entre os desafios a serem enfrentados, o avanço acelerado da ciência brasileira, o Brasil na fronteira da produção de conhecimento e a revolução necessária na educação podem ser conquistados com a continuidade de políticas públicas.

A produção científica brasileira ultrapassou a da Rússia, antiga potência na área, e caminha para superar também a da Índia e se consolidar como a maior entre os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), segundo levantamento feito pela *Thomson Reuters* (BBC, 2010). O levantamento acompanhou a produção científica nos quatro países, com base na análise das 10.500 principais revistas científicas do mundo.

Em sua análise da produção científica do Brasil, a *Thomson Reuters* observa que, no Brasil, os gastos com pesquisa e desenvolvimento chegaram em 2007 a quase 1% do PIB, proporção inferior aos cerca de 2% gastos nos Estados Unidos e na média dos países desenvolvidos, mas ainda bem acima de outros países latino-americanos. O documento afirma que a proporção brasileira é semelhante à de outros países em desenvolvimento, como a própria China, e que a base de pesquisadores vem crescendo.

Em 2008, o país alcançou a 13ª colocação no *ranking* mundial da produção científica, hoje, responde por 2,7 da produção científica mundial, e sua participação foi dobrada entre 2000 e 2009, período em que o número de publicações aumentou 205%, atingindo 32 mil artigos indexados na base de dados *National Science Indicators* (NSI). Essa situação foi apresentada pelo secretário Ronaldo Mota, do Ministério da Ciência e Tecnologia (JORNAL DA CIÊNCIA, 18/02/2011, p. 2).

A preocupação com a competência das universidades, tendo como referência a valorização da produção científica, pode ser retratada no Exame Nacional de Cursos, na Avaliação das Universidades, na Gratificação de Estímulo à Docência (GED), que privilegiam a pesquisa no processo de avaliação de desempenho das instituições de ensino.

Para Moura (1997), a pesquisa e a produção científica são as justificativas da existência da Universidade, embora essa não seja a realidade brasileira em muitas instituições. Glaucius Oliva, presidente do CNPq, defende a necessidade de introduzir, no sistema de avaliação fatores que garantam a qualidade e que promovam as abordagens multidisciplinares, não apenas o número de publicações (JORNAL DA CIÊNCIA, 18/02/2011, p. 3).

É preciso, portanto, que a universidade desenvolva atividades pedagógicas que permitam e favoreçam o desenvolvimento do conhecimento do aluno, por meio da reflexão e da pesquisa, porque não há conhecimento científico sem pesquisa (SALOMON, 1999), visto que a universidade ainda é o melhor lugar para se divulgarem pesquisas realizadas, porque é nela que se realiza a maioria das investigações científicas.

4.2 MEIOS DE DIVULGAÇÃO

A produção científica envolve dois estágios: o primeiro é o da pesquisa, que é o processo de fazer ciência, de descobrir, de alterar o conhecimento, de comprovar teorias. Esse estágio requer observação, criticidade, investigação e análise de dados. O segundo estágio é o da divulgação dos resultados, como forma de democratizar o conhecimento para sua aplicação.

De acordo com o Manual de Publicação da *American Psychological Association* (2001), a publicação científica é uma forma de compartilhar uma pesquisa com a comunidade científica. Esse Manual salienta que uma pesquisa só está completa quando seus resultados são compartilhados.

Para Carvalho e Ferrari (apud WITTER, 1997), os resultados das pesquisas científicas são divulgados através de canais de comunicação, formais e informais, e, embora a comunicação informal seja de grande importância, para contribuir com o desenvolvimento da ciência, o produto deve ser registrado e difundido em forma de publicações, bibliografias, meios magnéticos etc., de modo que cientistas e leigos se utilizem desses conhecimentos para a melhoria da comunidade.

Witter e Pécora (apud WITTER, 1997) consideram que o discurso científico pode ser apresentado de forma oral, pictórica e escrito, mas asseveram que o discurso científico escrito é aquele que possibilita, de forma mais efetiva, a chegada de informação relevante para a construção permanente do conhecimento científico. Contudo, como as dissertações, as revistas e os livros são pouco divulgados na comunidade, o conhecimento por parcela significativa da população não existe. Essas ideias ficam restritas a um pequeno grupo de interessados, quase todos os professores e pesquisadores da área.

No que diz respeito às diferenças entre a comunicação formal e a informal, podemos destacar que os elementos desse processo de comunicação se diferem, basicamente, no que diz respeito à audiência, ao armazenamento, à atualidade e à autenticidade da informação, orientação, redundância e interatividade (LE COADIC, 2004).

Para que essa produção possa contribuir com o desenvolvimento da ciência e, ainda, para a análise de desempenho da instituição, é necessário que seja registrada e difundida em forma de publicações, bibliografias, sistemas automatizados, meios magnéticos, redes etc. A produção científica é, geralmente, divulgada sob a forma de livros, artigos de periódicos, comunicações em congressos, exposições, teses, dissertações e outros.

Segundo Morel e Morel (1997), a publicação pode ser considerada o produto final do trabalho do cientista que, de um lado, comunica suas informações e, de outro, garante a propriedade científica e, através dela, passa a ser conhecido e reconhecido por seus pares. A pesquisa científica propriamente dita ou é publicada ou não existe, daí o esforço de todos os pesquisadores para publicarem seus trabalhos. É o conjunto de publicações de um autor, que permite conhecer sua produtividade e da instituição a que se vincula (MENECHINI, FONSECA, 1994).

Dentre os vários produtos resultantes do fazer ciência, os textos são um meio determinante de divulgação, intercâmbio e democratização do conhecimento científico, com destaque para os artigos em periódicos científicos, pela difusão rápida e eficiente da informação. É via texto que a maioria das informações chega aos outros cientistas, aos profissionais e, até, à população alfabetizada (WEPNER E GAMBREL, 2006).

O periódico nasceu em 1665, na França (*Journal des Savans*) e na Inglaterra (*Philosophical Transactions*), para satisfazer às necessidades de uma elite que já não se contentava com a comunicação feita através dos colégios e dos livros. Daquela época em diante, o número de periódicos vem crescendo cerca de 5% ao ano, dobrando, aproximadamente, a cada 15 anos (BRAGA, 1984).

Os artigos de periódicos, além de oferecerem um meio para preservação do conhecimento, servem como forma de comunicação entre os cientistas, como divulgação de resultados de pesquisas e de estudos acadêmicos. Através de sua política editorial, o periódico funciona como um filtro de qualidade no processo de artigos a serem publicados, pois o trabalho científico oficial, publicado numa revista conceituada, não é um item noticioso, mas uma contribuição para o consenso do conhecimento público (ZIMAN, 1979).

Oliveira (apud WITTER, 1999) considera que a divulgação do conhecimento, por meio de sua publicação, constitui a base da produção científica e do desenvolvimento científico e cultural, na medida em que atua alimentando o ciclo da geração do saber. Pacheco (2003) afirma que o pesquisador, ao divulgar seu trabalho, além de contribuir para avançar o conhecimento na área e tornar acessíveis as informações produzidas, submete à crítica suas ideias, seus métodos e suas descobertas. Esse processo de divulgação favorece para melhorar a qualidade de vida do homem e, conseqüentemente, da sociedade em que vive.

Sob o ponto de vista de *Le Coadic* (2004), uma das funções da comunicação na ciência é de assegurar o intercâmbio de informações entre cientistas. Podemos dizer, ainda, que a comunicação científica é um processo que envolve a construção, a comunicação e o uso do conhecimento, o que possibilita a evolução do campo científico.

Entende-se, pois, que a publicação é um produto natural, indispensável à atividade científica e tecnológica. É através dela que o pesquisador comunica o resultado de seus trabalhos, estabelece a prioridade de suas descobertas, oferece contribuições para toda a comunidade científica e a sociedade, afirmando a sua reputação.

Durante décadas, os materiais bibliográficos, como índices e abstracts, eram disponibilizados apenas de forma impressa, o que dificultava seu armazenamento e recuperação. Já com a inclusão da informática na disposição de materiais bibliográficos, proporcionou-se um acesso mais rápido e prático, que resultou em um dos maiores eventos para a Biblioteconomia no Século XX (SILVA, RAMOS E NORONHA, 2006).

Segundo Packer e Meneguini (2006), o crescimento da pesquisa científica em escala mundial e a necessidade intrínseca da comunicação dos seus resultados provocaram um aumento radical das publicações científicas. Fizeram-se comuns constatações de que a quantidade de informação científica dobra a cada dois a cinco anos.

A tarefa da melhoria da qualidade e da competitividade é realizada por pesquisadores cujo empenho e espírito científico promovem o desenvolvimento de novas ciências e, conseqüentemente, da sociedade. É importante que os centros promotores de programas de incentivo à produção científica assegurem a circulação dos resultados de

pesquisas, para popularizar o conhecimento científico, de modo a instigar o uso da metodologia científica e do conhecimento científico por todos os segmentos da sociedade.

Afinal, visibilidade é, atualmente, uma característica essencial na comunicação científica. Quanto mais visíveis forem os periódicos, mais visível será a produção científica que eles publicam. Em consequência, adquirir, manter e aumentar, progressivamente, a visibilidade passa a ser essencial para a sustentação de um periódico (PACKER E MENEGUINI, 2006). Os resumos publicados em bases científicas constituem um importante veículo de acesso ao conteúdo dos trabalhos científicos, na medida em que permitem uma apreciação por parte do leitor sobre o estudo, antes de ler o trabalho completo.

De acordo com Witter (1990), a pesquisa documental é básica para todo profissional, e para quem pretende ser um pesquisador é indispensável que acompanhe o desenvolvimento científico, filosófico, social e outros envolvidos em sua ação. A produção científica escrita é a mais relevante, por ser mais democrática, viabilizar análises mais precisas e permitir um sistema cumulativo de informações que, ao mesmo tempo, preserva, resgata e atualiza o saber.

A importância do trabalho do cientista deve ser reconhecida pela sociedade, que será beneficiada pelo resultado da pesquisa. Portanto, a sociedade está embutida nesse processo, que faz com que o cientista tenha, além de motivos pessoais, acadêmicos, profissionais ou outros, o motivo de satisfazer, de alguma forma, a necessidade da sociedade em que está embutido (VIEIRA, 1997). Portanto, o papel principal dos cientistas é desenvolver novos conhecimentos que, para contribuírem efetivamente com a ciência, devem ser comunicados de modo que possam ser compreendidos e verificados por outros cientistas.

Diante desta realidade, para que a ciência evolua e tenha êxito, é preciso uma formação adequada tanto de quem consome, quanto de quem produz o conhecimento, porquanto as pesquisas, de certa forma, procuram garantir a qualidade do conhecimento humano, evitar e corrigir vieses científicos, bem como divulgar à sociedade, em geral e, em específico, às sociedades científicas e profissionais o impacto dos trabalhos de uma descoberta.

4.3 UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO RELIGIOSO

Dentro do quadro crítico em que vive a sociedade brasileira, a camada popular não tem acesso à educação e ao direito constitucional, e a preocupação maior é com os

aspectos políticos. A educação escolar é desenvolvida em vários níveis de complexidade e funções diferentes a serem cumpridas, de modo a proporcionar muitas aprendizagens, que são revertidas em competências e habilidades para os alunos, o que justifica o insubstituível papel dessa educação na formação do cidadão e na capacitação de recursos humanos para o país.

No que diz respeito ao objetivo da educação, na contemporaneidade, sob o ponto de vista de Libâneo (1998, p. 23), mesmo que se reconheça toda a amplitude possível das finalidades do ato de educar,

[...] numa sociedade em que as relações sociais baseiam-se em relações de antagonismo, em relações de exploração de uns sobre os outros, a educação só pode ter cunho emancipatório, pois a humanização plena implica a transformação dessas relações.

O Brasil é conhecido como um campo religioso extremamente dinâmico, mas, segundo cientistas da religião da Europa e dos Estados Unidos, falta um saber detalhado sobre a história e a situação religiosa atual (USARSKI, 2002). Produzir e disseminar o conhecimento pode caracterizar-se como forma de assegurar o pleno exercício da investigação, o intercâmbio de ideias e soluções para os problemas humanos (PACHECO, 2003). É o que acontece com o fenômeno religioso aqui enfocado, um dos mais complexos da cultura humana.

Mallozze (apud LIMA, 1999) assevera que o grande desafio da educação contemporânea é como fazê-la operante em um contexto socioeconômico complexo, subjetivo, em transformação, viabilizando um escolar mais crítico, criativo e dinâmico. No que se refere ao Ensino Religioso, é imprescindível a formação adequada aos docentes, para garantir a qualidade desse ensino.

Como a produção científica é de fundamental importância para o desenvolvimento da ciência, deve-se realizar um trabalho para verificar a produção científica sobre o Ensino Religioso, já que a religião é um fenômeno que acompanha o desenvolvimento da humanidade e se apresenta na sociedade de várias formas.

Para o desenvolvimento das forças produtivas, em qualquer setor da sociedade, é fundamental que o homem, elemento dinâmico desse conjunto de forças, adquira os conhecimentos, as habilidades e as destrezas necessárias ao manejo de instrumentos e objetivos de trabalho e os ponha em uso. Nesse sentido, se o ponto de partida do processo educativo é a realidade concreta, todo programa deverá começar na pesquisa conjunta da realidade dos educandos (WERTHEIN, 1986).

A cultura científica da população é uma condição necessária para que seja assegurada a eficácia de qualquer política nacional de ciência e tecnologia. Somente com a formação científica básica ao alcance dos educandos é possível estimular vocações e identificar talentos que, mais tarde, trarão ao país os conhecimentos e as descobertas capazes de colocá-lo em condições de competir com as demais nações. Para Moura (1997), a produção científica está estritamente relacionada com a atuação dos cursos de pós-graduação, quer pelo fazer científico, quer pelo seu papel na formação de professores e pesquisadores que irão atuar em outras entidades, universitárias ou não.

A educação escolar é desenvolvida em vários níveis de complexidade e funções diferentes a serem cumpridas, de modo a proporcionar muitas aprendizagens que são revertidas em competências e habilidades para os alunos, o que justifica o insubstituível papel dessa educação na formação do cidadão e na capacitação de recursos humanos para o país.

A religião, como ciência que instrumentaliza a qualidade, no Brasil, tem ficado em segundo plano em trabalhos de cientistas e teóricos da Educação, devido à urgência de se garantir o acesso, sem associação com questões que envolvem a qualidade. Entretanto, no processo de democratização da educação, a aplicação de conhecimentos científicos contribui para superar problemas crônicos do sistema, embora muito já tenha sido realizado quanto à formação do educador, a partir de 1997, com a nova redação do Art. 33 da LDBEN.

O sistema educacional deve instrumentar-se e habilitar-se a trabalhar com os critérios da ciência. Propor as Ciências das Religiões como base epistemológica e, portanto, como área de conhecimento pertinente ao Ensino Religioso é a melhor maneira de corresponder ao valor teórico, social, político e pedagógico do estudo da religião para a formação do cidadão (PASSOS, 2007). Nesse sentido, as Secretarias e o Ministério de Educação devem estar mais atentos para providenciar ações que possam contribuir com a melhoria do ensino religioso, visto que, sem pesquisas educacionais bem conduzidas, sem recursos humanos competentes, pouco se conseguirá.

O pesquisador Içami Tiba (2002, p. 81) em seu *best seller* “Quem ama educa”, aponta a religião como um integrador entre as pessoas que têm interesses e objetivos comuns:

Mas só a ética não explica o companheirismo do ser humano. O que faz uma pessoa gostar das outras é a *religiosidade*. Esse sentimento é a força-mestra da convivência social. A religião, que é a espiritualização da religiosidade, reúne pessoas com a mesma afinidade espiritual, estabelecendo rituais, regras, hierarquias, locais próprios e *modus operandi* para sua finalidade.

O desenvolvimento científico sempre esteve presente, mas nunca tão acelerado como hoje, quando a ciência se faz necessária para atender à demanda de qualidade e de competitividade. Segundo Hobsbanm (1983), os problemas tecnológicos, do começo da Revolução Industrial, não exigiam homens com escolaridade, bastava que estivessem familiarizados com dispositivos mecânicos simples, com o trabalho em metal e dotados de experiência prática e iniciativa.

A ciência e a tecnologia se viabilizam por meio de um processo de construção do conhecimento, e esse processo flui na esfera da comunicação. O uso dos meios científicos e tecnológicos deve ser levado a efeito, numa perspectiva da relevância que eles passam a ter para a sociedade, e uma das áreas que mais contribui para o desenvolvimento socioeconômico é a educação que, em si mesma precisa acompanhar, passo a passo, esse progresso constante e cumulativo do conhecimento e da técnica do fazer humano.

Assim, é relevante analisar a interação entre Religião e Educação, afinal, a educação e a ciência estão entrelaçadas, numa relação entre conhecimento científico com educação sistemática e ciência com desenvolvimento tecnológico, na explosão científica do conhecimento, tendo em vista a formação adequada do educando.

Entende-se que o desenvolvimento da educação não se faz de forma isolada, estanque, porque ela própria é componente das Ciências Humanas e uma das vertentes da cultura. Há de responder e corresponder às necessidades dos avanços das áreas econômica, política e tecnológica para contribuir, efetivamente, em sua parcela específica, com o avanço cultural e social. Leonardo Boff (1994) enuncia que, para educar, é necessário fazer experiências de aprendizagem pessoal e coletiva.

A tarefa de buscar fundamentos para o Ensino Religioso remete às questões do fundamento do conhecimento humano. Assim, essa disciplina se constitui como parte integrante do sistema e é considerada um elemento essencial para a formação do cidadão, em que se exige o respeito à diversidade cultural-religiosa do Brasil e veda-se qualquer forma de proselitismo. Por isso, é de fundamental importância a formação adequada do educador dessa disciplina.

Dentre os inúmeros instrumentos de que dispõe a sociedade para alcançar tão elevado objetivo, está a religião, pois somente quando se coloca a questão da transcendência, a que se denomina Deus, encontra a comunidade humana e cada uma das pessoas individualmente, respostas às perguntas fundamentais que todos se colocam diante da vida (CATÃO, 1995).

No Brasil, a história do Ensino Religioso ainda nos remete a questionar a dimensão religiosa dessa disciplina, já que temos a herança da religião católica, ainda significativa na Educação Religiosa das nossas escolas. Será necessário compreender qual é o papel do Ensino Religioso em nossas escolas públicas hoje em dia.

Para Fernandes (2000, p. 25):

[...] olhando a história do Ensino Religioso no Brasil desde o Período Colonial até hoje, nota-se que ainda é necessário um verdadeiro reconhecimento da dimensão religiosa que auxilia o educando a superar os desafios e conflitos oriundos da própria natureza religiosa inerente a todo ser humano.

O Ensino Religioso escolar tem uma grande responsabilidade na vivência do pluralismo e tem sido sonhado como um espaço plural possível de encontro, fraternidade e unidade fundamental para a construção da cidadania. O pluralismo requer mais que a tolerância para com a diversidade de raças, culturas, ideologias e religiões, exige que essa diversidade seja aceita e acolhida como um valor. Conforme Catão (1993, p. 45)

[...] quando afirmamos que o mundo contemporâneo é pluralista, não estamos simplesmente constatando a sincronia das diversas raças, culturas, ideologias ou religiões, mas reconhecendo que, no mundo de hoje, há um fermento na unidade da diversidade, uma aspiração comum ao convívio na diferença, a exigência difusa de um espírito ecumênico, no sentido amplo, de tolerância, de entendimento e de colaboração entre todos os homens e mulheres, entre todas as raças, culturas, ideologias e religiões, apesar de sua diversidade, reconhecida e até cultivada.

Para entender melhor a história, a concepção, a formação, a estrutura e a identidade da disciplina Ensino Religioso, é necessário um olhar histórico, em que se observa o ensino dessa disciplina em três momentos históricos distintos, embora sempre guiado pela LDB. Nessa disciplina, nem sempre dedicada às culturas e às tradições religiosas, o que havia, em muitos momentos, era, de fato, uma catequização. Assim, é preciso estudar o fenômeno religioso a partir da compreensão histórico-antropológica.

Num primeiro momento histórico, o Ensino Religioso era deliberado pela LDB 4024/61, tendo como eixo articulador a dimensão *religere* (re-escolher, saber em si), em que havia uma perspectiva teológica e confessional. Depois, deliberado pela LDB 5692/71, tendo como eixo articulador a dimensão *religare* (re-ligar, saber em relação), havia uma perspectiva antropológica e axiológica sobre a disciplina. No terceiro momento histórico, esse ensino passa a ser deliberado pela presente LDB 9394/96, tendo como eixo articulador a dimensão *relegere* (re-ler, saber de si), numa perspectiva fenomenológica.

A partir da atual LDB, o estado, a escola e a sociedade não podem mais considerar o Ensino Religioso como uma simples formação religiosa ou axiológica nem como Catequese ou como uma ação pastoral, é necessário compreendê-la como componente curricular cujo conteúdo seja o fenômeno religioso.

O Ensino Religioso, conforme se pode ver nos PCNER, tem como objeto de estudo o conhecimento religioso, que estuda o fenômeno religioso que, por sua vez, é resultado da experiência humana individual ou coletiva com o Transcendente. Nesse movimento pelo sentido e pela manutenção da vida, as diferentes experiências transformam-se em diversidades culturais disponíveis para a observação, a informação e a reflexão em uma sala de aula. No decorrer do diálogo e do exercício sensível do cuidado e da alteridade, a identidade poderá emergir no saber fazer, aprender, conviver e ser de cada indivíduo.

Assim, o Ensino Religioso deve contribuir para a formação pessoal e grupal do educando, promovendo uma autêntica mudança de comportamento diante da diversidade religiosa. Para alcançar esse objetivo, o educador deve ter uma visão aberta, reflita sobre a sua prática pedagógica, colocando o ensino religioso num contexto mais amplo de valores, fundamentando essa prática em um conceito de educação que se embase, realmente, em sua concepção de homem e de sociedade.

Gadamer (2002) afirma que o verdadeiro diálogo não é a experiência de algo novo, mas o encontro, no outro, de algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo, pois onde houve êxito em um diálogo, ficou algo para nós e em nós, que nos transformamos.

Os eventos científicos assumem importante papel, pois permitem que ideias novas sejam discutidas e avaliadas, através da transferência oral, tanto formal quanto informal. Além disso, permitem um contato entre pessoas que atuam em áreas semelhantes ou relacionadas. A produção de discursos, dissertações e teses é contribuição que enriquece o conhecimento científico, em termos de saber e fazer, gerando poder de interferir na realidade para assegurar que o ser humano tenha uma boa qualidade de vida.

A preocupação com a qualidade de ensino deve resultar em ações que capacitem o professor no que se refere às tecnologias educacionais, a como pesquisar sua eficiência na realidade em que atua. Vale dizer que se espera poder contar com um docente-pesquisador. A produção científica é um processo contínuo, que traz a dinâmica da descoberta, contribui com o país, com a ciência e, sobretudo, fortalece o ensino e o saber científico (PACHECO, 2003).

É relevante o ensino religioso, principalmente como fonte de conhecimento capaz de fundamentar pesquisas voltadas para questões de maior significado para o educador, nas

necessidades de conhecimento educacional, nas seguintes áreas: aprendizagem, organizações, lazer, esporte, relacionamento, conflito, criatividade, segurança e desenvolvimento das questões presentes no processo educacional.

O ponto fundamental do ensino é o processo, e não, o produto. O conhecimento é considerado como uma construção contínua. A passagem de um estado de conhecimento para outro é sempre caracterizada por formação de novas estruturas cognitivas que não existiam anteriormente no indivíduo. A tarefa da melhoria da qualidade e competitividade é realizada por pesquisadores cujo empenho e espírito científico promovem o desenvolvimento de novas ciências e, conseqüentemente, da sociedade. Esses são indícios da preocupação com a formação do consumidor de ciências, o que pede ensino de boa qualidade.

Witter e colaboradores (2007) enfatizam a importância da formação do aluno pesquisador, que irá garantir a construção do profissional pesquisador e, nesse percurso, incluem o papel do docente no que se refere à base científica do aprendizado. Assim, é preciso levar em consideração as experiências de vida dos alunos, o contexto social, histórico e cultural em que vivem.

Em função da complexidade que permeia os problemas de aprendizagem, em nível universitário, e da premência em se interpretarem tais problemas, com base estritamente científica, o que observar e verificar, a metodologia pode ser um elemento primordial na melhoria do ensino religioso. A necessidade de profissionais qualificados para conduzir o ensino religioso, levou o sistema de ensino, algumas universidades, bem como entidades religiosas, à implementação e implantação de cursos de formação.

É importante que a escola se abra para a sociedade, e esta vá ao encontro da escola, tentando implementar ideias que possam frutificar uma melhoria no ensino-aprendizagem das religiões. Como lembra Freire (2005), a criança inicia seu grupo social no núcleo familiar e, posteriormente, na escola, tendo contato com conhecimentos das crenças, dos ritos, dos valores e dos comportamentos que são socialmente aceitos pelo grupo em que se encontra inserida.

Por se ocupar dos fenômenos religiosos, o Ensino Religioso tem também a tarefa de ajudar a pessoa a se desenvolver, a se envolver e a se comprometer com o cenário de vida. Sendo assim, a tarefa do educador é de motivar o educando para um novo olhar, de interioridade, subjetividade e afetividade sobre a sociedade e o mundo, valorizando as pequenas coisas, sabendo usar os avanços tecnológicos com sabedoria.

O objetivo da Pós-graduação é preparar cientistas, professores e pesquisadores que vão, além de transmitir o conhecimento existente, contribuir para aprofundar esse

conhecimento através da pesquisa. Deve ser instituído um esforço contínuo de manutenção e desenvolvimento para que se mantenha um bom pesquisador (WITTER, 2004).

Galembeck (apud WITTER, 2006) considera que o progresso científico depende de avaliações sistemáticas da produção e trabalho dos pesquisadores, o que garante o aperfeiçoamento constante não só do conhecimento em si, como também do próprio ensino. Reconhecemos com destaque, a partir de pesquisas como as de Mendonça (1997), Burity (1999) e Lima (1999), entre outras, a importância da produção como melhoria do processo ensino-aprendizagem. Assim, o conceito de conhecimento no Ensino Religioso, de acordo com as teorias contemporâneas, aproxima-se cada vez mais da ideia de que conhecer é construir significados.

A publicação do saber gerado possibilita a democratização do saber e objetiva o despertar da motivação e do interesse nos alunos para a pesquisa (WITZIG E MARTINS, 2004). A produção de discursos, dissertações e teses é contribuição que enriquece o conhecimento científico, em termos de saber e fazer, gerando poder de interferir na realidade para assegurar melhor qualidade de vida.

Educar, nos dias de hoje, para ser um cidadão amanhã, sem restringir a escola ao papel de preparar o indivíduo maleável e manipulável, é a grande tarefa com que se defrontam os educadores ao cuidar do ensino e da aprendizagem, envolvendo paradigmas psicológicos, filosóficos e didáticos voltados para uma nova visão.

Décio Passos (2007, p. 65) comenta a visão de Ensino Religioso, defendida e definida pelo Fórum Nacional Permanente para o Ensino Religioso (FONAPER):

O conhecimento da religião faz parte de educação geral e contribui com a formação completa do cidadão e deve estar sob a responsabilidade dos sistemas de ensino e submetido às exigências das demais áreas de conhecimento que compõem os currículos escolares. As Ciências das Religiões podem oferecer a base teórica e metodológica para a abordagem da dimensão religiosa em seus diversos aspectos e manifestações, articulando de forma integrada com a educação.

Nesse sentido, é necessário que as Secretarias e o Ministério de Educação estejam mais atentos para providenciar ações que possam contribuir com a melhoria do ensino religioso, pois, sem pesquisas educacionais bem conduzidas, sem recursos humanos competentes, pouco se conseguirá.

Acredita-se que os novos estudos nesse processo de globalização possibilitem a construção de um novo projeto de sociedade, que supere a opressão e a exclusão sociais, visto que há, nesse início da primeira década do Século XXI, segundo Santos (2002c, p. 15)

[...] o reconhecimento de que há conhecimentos rivais alternativos a ciência moderna e de que mesmo no interior desta há alternativas aos paradigmas dominantes. Com isto, a possibilidade de uma ciência multicultural, ou melhor, de ciências multiculturais é hoje mais real do que nunca.

De acordo com Población e Oliveira (apud POBLACIÓN, WITTER, SILVA, 2006), a produção de conhecimento e a busca por saber proporcionam o crescimento exponencial da Ciência e representam importantes escolhas feitas pelos pesquisadores. Essas escolhas revertem serviços e produtos que beneficiam o Brasil e permitem que ele entre na competição do veloz crescimento da Produção Científica mundial. Os países que investiram em educação científica, como Alemanha e Japão, conheceram um desenvolvimento tecnológico com rapidez e amplitude.

Assim, estudos sobre produção científica se mostram necessários para que se possa conhecer essa realidade mais de perto, a fim de ser trabalhada uma melhoria da situação da pesquisa nacional, pois, como já dizia Domingues (1994), a produção científica passa a ser um divisor entre países e precisa de empenho para melhorar, a fim de reduzir a dependência socioeconômica e cultural. Infelizmente, a tradição brasileira tem sido de importação e dependência.

Portanto, o terceiro milênio exige um ensino religioso divergente daquele que era ministrado numa visão limitada. Para isso, é necessária a busca do conhecimento, o desenvolvimento da pesquisa para a melhoria do processo educacional. Nesse sentido, a cultura científica da população é condição necessária para assegurar a eficácia de políticas nacionais de ciência e tecnologia.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos resultados, apresenta-se, inicialmente, a análise da pesquisa realizada através do Catálogo Nacional de Teses e Dissertações, que dispõe do arquivo completo de trabalhos publicados. Na pesquisa a esse catálogo, somente os primeiros 500 resultados podem ser acessados. Ao classificar por ano de defesa, foram disponibilizadas teses e dissertações de várias universidades do país, inclusive da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

A coleta realizada no período de 14 a 17 de fevereiro de 2011, disponibilizou 102 trabalhos de cinco universidades brasileiras, que atuam com Programa de Pós-graduação no referido campo de estudo: a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Em seguida, apresentam-se os resultados da Produção Científica do Mestrado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foram objeto desta pesquisa as dissertações das duas turmas pioneiras (T1 e T2) que tiveram início no ano de 2007. Assim, a atenção foi direcionada para as dissertações defendidas no período de 2009 a 2010, anos de defesa dessas duas turmas do programa; uma vez que a terceira turma (T3) em fase de conclusão dos trabalhos; enquanto a quarta turma (T4), da qual fazemos parte, ainda em fase de pesquisa.

Na T1 foram matriculados 19 alunos, dois dos quais não concluíram; enquanto outro, embora tenha defendido seu trabalho, ainda não disponibilizou os exemplares na Coordenação do Programa. Já na T2, matricularam-se 22 alunos; desses, um ainda não defendeu, e três, embora tenham defendido seus trabalhos, também não disponibilizaram os exemplares na Coordenação do Programa.

Os trabalhos da UFPB foram analisados na própria instituição, por acesso direto, e serão apresentados posteriormente, para serem comparados com os trabalhos das universidades acima mencionadas. Nessa exposição, foram consideradas as categorias definidas para análise das variáveis, objeto do estudo. Assim, apresenta-se o histórico dessas universidades, seus objetivos e estrutura curricular; em seguida, os resultados da pesquisa, por variável.

As variáveis envolvem a autoria das pesquisas, analisando-se gênero e formação acadêmica, especificamente graduação; os títulos das pesquisas, considerando-se o número de

vocábulos e a pontuação empregada; por fim, o corpo das pesquisas com as variáveis, área do conhecimento e temas abordados; por fim, a tipologia das pesquisas, com base nos objetivos e nos procedimentos técnicos utilizados.

Assim, a Coordenação do Mestrado da UFPB disponibilizou para esta pesquisa 16 trabalhos da T1 e 18 trabalhos da T2, num total de 34 trabalhos. A análise da produção científica dessa instituição, tomando como referência essas duas turmas, foi comparada com a produção científica das cinco universidades brasileiras, acima mencionadas.

O catálogo nacional de teses e dissertações serviu de suporte para mostrar como estão as pesquisas nesse campo de estudos no Brasil, a fim de contribuir com os profissionais que abordam o fenômeno religioso em suas atividades, mais especificamente, o professor do Ensino Religioso.

5.1 AS UNIVERSIDADES

As Universidades, referência desta pesquisa, de acordo com o Índice Geral de Curso da Instituição – IGC 2009 (Triênio 2007, 2008 e 2009), ocupam posição satisfatória no ranking das 180 Universidades e instituições de ensino superior que participaram do Enade.

O IGC é um indicador de qualidade de instituições de educação superior, que considera, em sua composição, a qualidade dos cursos de graduação e de pós-graduação (Mestrado e Doutorado).

Quadro 1 - Relação de cursos recomendados e reconhecidos. Grande Área: Ciências Humanas. Área: Teologia ²

PROGRAMA	UNIVERSIDADE	NOTA		
		M	D	F
CIÊNCIA DA RELIGIÃO	UFJF - Universidade Federal de Juiz De Fora - MG (Federal)	5	5	-
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco – PE(Particular)	3	-	-
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP (Particular)	5	5	-
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	UMESP - Universidade Metodista de São Paulo / SP (Particular)	5	5	-
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	UPM - Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP (Particular)	3	-	-
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	UFPB-JP - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa - PB (Federal)	3	-	-

5.1.1 Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPCIR

O Departamento de Ciência da Religião iniciou suas atividades em junho de 1969, oferecendo disciplinas eletivas para os cursos de graduação da UFJF. Nos anos 70, ofereceu, durante alguns anos, o curso de graduação, mediante ingresso com vestibular, experiência que foi interrompida posteriormente.

Nova etapa ocorreu em 1991, com o nascimento da experiência de pós-graduação lato sensu (curso de especialização). O Mestrado deu sequência ao processo, iniciando-se em setembro de 1993, e o projeto do Doutorado foi aprovado em julho de 1999. O PPCIR mantém o conceito 5 na CAPES desde a avaliação acadêmica de 2001. Juntamente com as atividades de ensino, o programa vem incentivando a produção científica dos docentes e discentes. Dentre os seus objetivos estão:

- 1) Ampliar e aprofundar conhecimentos, estimular a capacidade criadora, aperfeiçoar a formação profissional e desenvolver métodos e técnicas de pesquisa no campo da Ciência da Religião;
- 2) Atender à demanda de conhecimentos sobre o tema religião, estimulando a reflexão sistemática e a produção de pesquisas, numa perspectiva pluridisciplinar e não confessional;
- 3) Estimular a iniciativa e o interesse do aluno, através de uma estrutura curricular que favoreça o desenvolvimento dos estudos de modo a atender

às exigências de especialização e habilitar ao grau de Mestre nos termos da legislação em vigor.

Quanto ao que diz respeito à estrutura curricular, está subdividida em áreas de concentração e linhas de pesquisa descritas a seguir. A primeira área de concentração, Ciências Sociais da Religião se subdivide em:

- 1) Linhas de pesquisa Campo religioso brasileiro: Visa mapear, tipologizar e conceituar as características e as dinâmicas das diversas religiões e religiosidades nas suas interações dentro do chamado campo religioso brasileiro. Busca também investigar, numa perspectiva histórica, as transformações ocorridas na interface entre religião, sociedade e cultura, dentro da sociedade brasileira, ou na sua comparação com outros contextos.
- 2) Linhas de pesquisa Religião e espaço público: Pretende compreender o fenômeno religioso para além de seus limites institucionais, contemplando processos de transversalidade desse fenômeno no âmbito do espaço público.

A segunda área de concentração é a de Filosofia da Religião, cuja linha de pesquisa, Abordagens filosóficas e psicológicas da Religião, aborda autores que, no âmbito da Psicologia e da Filosofia, buscam um diálogo com a religião ou a teologia, mais precisamente, pensadores que articulam a busca existencial pelo sentido e a experiência religiosa nas suas mais diversas manifestações.

A terceira e última é a Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, e a linha de Pesquisa Religião e diálogo visa abordar as distintas reflexões realizadas no âmbito da Teologia, da fenomenologia e das religiões comparadas, envolvendo a temática do diálogo e do pluralismo religioso, bem como dos novos desafios religiosos que acompanham a modernidade plural.

5.1.2 Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP: Mestrado em Ciências da Religião

A criação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da UNICAP, surge como um espaço ímpar, dando sustentação a esse campo de pesquisa no Norte e Nordeste do país.

O Mestrado em Ciências da Religião pretende atender a profissionais da Teologia, Sociologia, Antropologia, História, bem como de outras áreas que mantenham alguma relação com as Ciências da Religião, desde que apresentem projetos de pesquisa

relacionados às linhas que estão sendo oferecidas, incrementando o desenvolvimento da pesquisa nessa área. Os objetivos são:

- 1) Proporcionar condições para o desenvolvimento de pesquisas dentro das características do Programa, de forma a atender à demanda da Região para profissionais qualificados;
- 2) Preparar profissionais de Ciências da Religião e áreas afins para a produção do conhecimento científico nas suas áreas de atividade profissional;
- 3) Preparar professores, pesquisadores e profissionais interessados no fenômeno religioso na sociedade contemporânea.

Quanto ao que diz respeito à estrutura curricular, apresenta como área de concentração Religião, cultura e sociedade e linhas de pesquisa, descritas a seguir, relacionadas ao Campo religioso brasileiro, cultura e sociedade:

O campo religioso, em suas múltiplas interfaces com a cultura e a sociedade, apresenta-se como uma rica e complexa manifestação do fenômeno religioso no Brasil. A linha de pesquisa baseia-se no pressuposto epistemológico de que a prática coletiva da religião ou sua negação constitui-se um fenômeno social, cujo estudo crítico e sistemático, com o aporte multidisciplinar das diversas ciências, especialmente, em relação aos pesquisadores atuais envolvidos na linha da História, da Antropologia, da Psicologia e da Teologia, é essencial para a compreensão do campo religioso no Brasil.

Buscando produzir estudos socialmente significativos, diante da amplidão do campo religioso no Brasil, a linha definiu para os próximos anos, a partir das pesquisas desenvolvidas atualmente, três blocos nos quais ela se concentra atualmente: Religião e práticas políticas e sociais; Identidade e religião e Identidade e sincretismos religiosos. Os projetos dos docentes e dos discentes, engajados nessa linha de pesquisa, estão articulados em um desses três blocos.

A linha de pesquisa Tradição judaico-cristã, cultura e sociedade pretende estabelecer, através de princípios metodológicos hermenêuticos, uma relação dialogal entre os desafios antropológico-sociais da atualidade e os conteúdos simbólicos da tradição judaico-cristã, tal como consignada nos textos sagrados do Antigo e Novo Testamentos, nos escritos dos padres da Igreja e da história do Cristianismo.

Entre as matrizes da religiosidade brasileira e continental, a tradição cristã ocupa um lugar histórico de grande influência. Coube à Teologia, em centros de formação eclesiais, desenvolver um discurso racional e, o mais das vezes, apologético dessa tradição.

No mundo acadêmico da nossa cultura pluralista, ligada ao campo epistemológico das Ciências da Religião, cabe à Teologia se redefinir como hermenêutica das tradições de fé – entre elas, da tradição judaico-cristã. A Teologia pode aprofundar criticamente a finalidade das ciências, mas deve examinar a cientificidade do seu próprio método e investigar o sagrado – também o cristão – com maiores pretensões de objetividade.

Através das pesquisas geradas pela recuperação dessas temáticas da tradição cristã, em sintonia com os desafios lançados pela nossa sociedade atual, pretendemos colaborar para redefinir a Teologia como uma ciência que desenvolve a interpretação de mitos, ritos e símbolos das tradições de fé – o que implica tanto a caracterização dos conceitos teológicos como símbolos, quanto a redescoberta de conteúdos racionais em narrativas míticas.

Essa linha de pesquisa articula-se em torno dos seguintes temas: Textos sagrados judaico-cristãos, Patrologia e Apologética, Diálogo inter-religioso, Cristianismo e modernidade. Pretendemos colaborar, igualmente, para uma nova hermenêutica dos símbolos da tradição cristã, pelo realismo que se impõe em um campo transdisciplinarmente aberto à história comparada das religiões e à crítica psicossocial do fenômeno religioso.

5.1.3 Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Da Religião – CRE

Criado em 1978, o Programa de CRE visa investigar as manifestações do religioso, em uma perspectiva multidisciplinar e de acordo com metodologias consagradas dessa área de conhecimento. Dentre os seus objetivos estão:

- 1) Promover estudos, pesquisas, trabalhos e análises sobre as manifestações do religioso, em especial, no plano brasileiro e latino-americano, dentro de uma abordagem interdisciplinar;
- 2) Preparar pesquisadores para o exercício da docência e da investigação científica;
- 3) Conferir, mediante regime didático-científico previsto em seu Regulamento, os graus de mestre e de doutor em Ciências da Religião.

Para atingir seus objetivos, o Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião adota três áreas de concentração, com linhas de pesquisa, que congregam algumas das principais tendências de pesquisa na área.

A crescente diversidade de enfoques nos estudos sobre a religião exige um exame sistemático dos fundamentos do conhecimento assim produzido. A área Fundamentos das Ciências da Religião tem por objetivo focalizar as principais contribuições clássicas e contemporâneas deste campo disciplinar, assim como de outras ciências e da filosofia, na medida em que ofereçam premissas, paradigmas e métodos para o estudo da religião.

Nessa área a linha de Pesquisa Religião, Modernidade e Pós-Modernidade: Recorrendo a pensadores seminais destes últimos cem anos, contempla projetos que investigam os fundamentos da experiência religiosa e as metodologias adequadas ao entendimento desta. Privilegiam-se temáticas como religiões, ciências naturais e natureza humana; teorias do sacrifício, mimese e violência; controvérsias epistemológicas em ciências da religião, correntes místicas judaico-cristãs e seus fundamentos; as religiões na condição pós-moderna.

A segunda área de concentração é Religião e sociedade. Essa área trabalha os processos complexos de construção e reconstrução de crenças, práticas e discursos religiosos nas sociedades modernas, pluralistas e multiculturais. Inclui análises clássicas e contemporâneas de diferentes religiões, sua coexistência, os conflitos internos ao campo religioso e suas relações com diversas dimensões e aspectos da sociedade. Conforme o caráter multidisciplinar das Ciências da Religião, serão aplicadas abordagens de vários tipos de teorias e métodos que compõem as ciências humanas e sociais.

Sendo a linha de Pesquisa dessa área Religião e os desafios da Globalização, a ênfase recai entre os diversos aspectos que caracterizam o atual processo de globalização, pode-se destacar: a) a centralidade da economia de mercado; b) encontros e desencontros entre culturas e religiões, por exemplo, religiões orientais no ocidente e encontro conflituosos entre o ocidente e o Islã; c) aumento da importância da educação, especialmente daquela voltada para a solidariedade, no esforço pela inclusão social na atual sociedade de conhecimento.

Estas características modificam e desafiam as instituições e os movimentos religiosos, assim como a própria compreensão do papel das religiões no mundo contemporâneo. Esta linha, pois, envolve pesquisas sobre as relações entre o campo religioso e tais aspectos e desafios colocados pela globalização.

A terceira área de concentração, Religião e campo simbólico focaliza os processos de surgimento, organização e interpretação dos comportamentos, símbolos e linguagens nas religiões, em suas múltiplas manifestações e expressões, privilegiando as perspectivas da História, da Antropologia, da Psicologia e da Literatura.

Sua linha de pesquisa Religião e Produções simbólicas, orais e literárias se volta para a pesquisa teórica e metodológica do universo religioso-simbólico, em especial da América Latina e do Brasil. Estuda as práticas e crenças religiosas entendidas como produção simbólica, gerada no interior das culturas. Privilegia assim a observação empírica através da pesquisa de campo no âmbito da oralidade, das expressões literárias e da imagem e análise e interpretação de rituais, gestos e devoções.

5.1.4 Universidade Metodista de São Paulo – UMESP: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

A Pós-graduação em Ciências da Religião iniciou suas atividades em 1976, como primeiro Curso de Mestrado da atual Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). O Curso de Doutorado foi implantado em 1990. No mesmo ano, o Mestrado recebeu credenciamento do Conselho Federal de Educação.

O Doutorado foi credenciado em 1994. Desde então, ambos os cursos são regularmente avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na última avaliação, referente ao triênio 2004 a 2006, a CAPES atribuiu nota 6,0 ao Programa, numa escala de 1 a 7. No triênio 2007-2009, o programa recebeu nota 5.

Em seus 34 anos de existência, o Programa titulou 444 mestres e 153 doutores. Atualmente, acolhe, em média, 130 alunos e alunas, entre mestrandos e doutorandos, procedentes de diferentes regiões brasileiras e de vários países, predominantemente latino-americanos e africanos. O corpo docente é formado por pesquisadoras e pesquisadores doutorados em universidades brasileiras, americanas e europeias.

As atividades de ensino e pesquisa envolvem docentes e discentes no estudo crítico do fenômeno religioso, buscando o conhecimento científico e de relevância para a sociedade, a partir de diferentes abordagens metodológicas, respeitando a complexidade e a variedade da experiência religiosa em nosso continente. Assim, o mestrado pretende atingir os seguintes objetivos:

- 1) Formar docentes para instituições de ensino superior;
- 2) Promover a formação de pesquisadores;
- 3) Estimular a produção científica na área de Ciências da Religião;
- 4) Preparar quadros para assessorar escolas, lideranças comunitárias, instituições religiosas e organizações governamentais e não governamentais;
- 5) Fomentar o diálogo com a sociedade sobre temas de interesse, relacionados ao fenômeno religioso.

Quanto à estrutura curricular, apresenta duas áreas de concentração e linhas de pesquisa descritas a seguir. A primeira área de concentração, Linguagens da Religião trata de estudo de textos, símbolos, mitos, ritos, práticas das religiões, assim como de sistemas doutrinários, a partir de sua linguagem e articulação próprias, por meio de métodos das Ciências da Linguagem, da Hermenêutica, da Teologia, da Filosofia, da História e da Antropologia. Esta área se subdivide em:

- 1) Linha de pesquisa Literatura e religião no mundo bíblico: Análise de textos do mundo bíblico, em diferentes cânones, apócrifos, pseudepígrafos, Qumran e do seu entorno religioso-cultural, em perspectiva literária, sócio-histórica e da história da recepção.
- 2) Linha de pesquisa Teologias das religiões e cultura: Estudo das expressões simbólicas, narrativas, rituais, doutrinários e éticas das religiões, com seus respectivos sistemas interpretativos e teológicos, em articulação com as culturas onde interagem, com o auxílio de diferentes instrumentais teóricos.

A segunda área de concentração Religião, sociedade e cultura, um estudo em perspectiva interdisciplinar, das múltiplas interfaces que se estabelecem entre a sociedade, a cultura e o campo religioso – instituições, movimentos, organizações, práticas e experiências religiosas –, com a utilização de instrumentais das Ciências Sociais, da História, da Economia, da Psicologia, da Pedagogia, da Teologia e da Filosofia. Esta área se subdivide em:

- 1) Linha de pesquisa Religião e dinâmicas socioculturais: Estudo das inter-relações de instituições, organizações, movimentos e sujeitos e suas respectivas práticas religiosas, com os processos sociais, culturais, econômicos e políticos, nas suas dinâmicas de reprodução e transformação, com ênfase nos estudos de gênero, poder, cotidiano, periferia e mídia.

- 2) Linha de pesquisa Religião e dinâmicas psicossociais e pedagógicas: Estudo dos aspectos psicossociais, pedagógicos e missiológicos das experiências e práticas religiosas no mundo contemporâneo, assim como dos impactos e das influências das transformações hodiernas nas experiências e práticas religiosas.

5.1.5 Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM: Mestrado em Ciências da Religião

O Mestrado Acadêmico em Ciências da Religião foi criado em 2001, iniciado em 2002 e recomendado pela CAPES naquele mesmo ano, como resultado não apenas das atividades de montagem e consolidação do Programa de Pós-graduação em teologia, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), por mais de uma década, mas também do papel que a referida Instituição desempenha no panorama educacional brasileiro, desde 1895, como um dos mais antigos e conceituados centros de ensino superior do país.

Em conformidade com a política de Pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, por sublinhar a cosmovisão protestante, com ênfase no Protestantismo de tradição reformada, considerando suas contribuições nos campos da Filosofia, da Psicologia, da Economia, da Política, da Ética e da Educação; as relações desta tradição com o campo religioso da sociedade brasileira; estar devidamente credenciado pela CAPES e em consonância com as tendências contemporâneas de estudo do fenômeno do campo religioso, o Programa de Mestrado em Ciências da Religião buscará:

- 1) Compreender a religião na interface das ciências humanas e sociais; é a religião sob o olhar da Teologia Reformada, da História Social, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia e da Filosofia;
- 2) Fomentar o surgimento de lideranças religiosas, sociais, culturais, políticas e empresariais, em sintonia com as demandas científico-culturais e histórico-sociais de nosso tempo no campo religioso, sob o viés do Protestantismo Reformado;
- 3) Estimular a pesquisa e a produção científica na área das Ciências da Religião e nas áreas relacionadas ao fenômeno do campo religioso em geral;

- 4) Formar docentes e pesquisadores altamente qualificados para atuarem no campo do estudo do fenômeno religioso, em suas relações com a sociedade brasileira.

Quanto à estrutura curricular, apresenta duas áreas de concentração e linhas de pesquisa descritas a seguir. A primeira área de concentração, Ciências sociais e Religião. Essa área privilegia a pesquisa da presença das diversas religiões, com seus ajustes e conflitos, como panorama para o estudo e a compreensão da formação do campo religioso brasileiro.

Foca o estudo epistemológico e a pesquisa do fenômeno do campo religioso, a partir das Ciências Sociais, em diálogo com as Ciências Humanas: Sociologia, Antropologia, História, Psicologia, Filosofia, Política etc., a fim de lançar luz sobre a dimensão social da experiência religiosa, isto é, da crença, do rito, do grupo, da organização e da instituição religiosa em suas relações com a sociedade. Entende a sociedade como lócus.

Sua linha de pesquisa Estudos multidisciplinares do campo religioso brasileiro investiga os grupos, as organizações e instituições religiosas, as crenças, os cultos e a linguagem religiosa. Pesquisa também a influência da religião sobre o comportamento humano em geral e sobre a sociedade e grupos que têm como objeto as entidades sagradas, sejam elas institucionalizadas ou não. A sociedade é aqui considerada como produto e produtora da religião.

A segunda área de concentração Teologia e história das ideias religiosas do Cristianismo concentra seus estudos e pesquisas na Teologia, nas raízes e no desenvolvimento histórico do Cristianismo, incluindo suas matrizes históricas no Antigo Oriente Próximo e na região do Mediterrâneo, a fim de analisar o pensamento histórico e teológico do mundo bíblico, e o desenvolvimento do pensamento religioso cristão, com ênfase na era protestante e no pensamento reformado nos seus diversos ângulos: história, pensamento religioso (Teologia/Filosofia), ética, educação, política, psicologia etc.;

Essa área também aborda o estudo da teologia e da história da Reforma Protestante, para melhor compreensão do Protestantismo histórico e das expressões pentecostais, em suas ramificações e em suas relações com a sociedade, numa relevância pela busca dos traços da tradição reformada na formação da cultura brasileira.

Sendo a linha de pesquisa Teologia e história das ideias religiosas do Protestantismo, propõe-se a estudar e pesquisar a história e a influência do pensamento da Reforma e das obras dos reformadores e pós-reformadores, buscando a recuperação

dos seus fundamentos teológicos e filosóficos, assim como sua influência e presença na cultura, educação, economia, política na Modernidade, em meio às numerosas e variadas definições, como a perda da universalidade com a fragmentação das grandes cosmovisões, e dos desdobramentos e aplicações do pensamento reformado no mundo ocidental.

5.1.6 Universidade Federal da Paraíba – UFPB

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi criada pela Lei Estadual 1.366, de 02 de dezembro de 1955, e instalada sob o nome de Universidade da Paraíba como resultado da junção de algumas escolas superiores. Posteriormente, com a sua federalização, aprovada e promulgada pela Lei nº. 3.835 de 13 de dezembro de 1960, foi transformada em Universidade Federal da Paraíba, incorporando as estruturas universitárias existentes nas cidades de João Pessoa e Campina Grande.

A partir de sua federalização, a UFPB desenvolveu uma crescente estrutura multicampi, distinguindo-se, nesse aspecto, das demais universidades federais do sistema de ensino superior do país que, em geral, têm suas atividades concentradas num só espaço urbano. Essa singularidade expressou-se por sua atuação em sete campi implantados nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Areia, Bananeiras, Patos, Sousa e Cajazeiras.

No início de 2002, a UFPB passou pelo desmembramento de quatro, dos seus sete campi. A Lei nº. 10.419 de 9 de abril de 2002 criou, por desmembramento da UFPB, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com sede em Campina Grande. A partir de então, a UFPB ficou composta legalmente pelos campi de João Pessoa (capital), Areia e Bananeiras, passando os demais campi (Campina Grande, Cajazeiras, Patos e Sousa) a serem incorporados pela UFCG.

Dentro do Plano de Expansão das instituições públicas de ensino superior, denominado Expansão com Interiorização, do Governo Federal, a UFPB criou em 2005 mais um campus, no Litoral Norte do Estado, abrangendo os municípios de Mamanguape e Rio Tinto,

Em 2011, a UFPB está estruturada da seguinte forma: Campus I, na cidade de João Pessoa, compreendendo os seguintes Centros: Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN); Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA); Centro de Ciências Médicas (CCM); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA); Centro de Educação (CE); Centro de Tecnologia (CT); Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) e

Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional (CTDR); Campus II, na cidade de Areia, compreendendo o Centro de Ciências Agrárias (CCA); o Campus III, na cidade de Bananeiras, abrangendo o Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) e o Campus IV, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, com o Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE). Dois novos centros foram criados em 2011 pelo Conselho Universitário (Consuni). São eles: o Centro de Informática e o Centro de Energias Alternativas Renováveis.

Nos últimos cinco anos, com a adesão ao novo Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI), do Governo Federal, a UFPB conseguiu dobrar de tamanho e, hoje, já é a instituição de ensino superior do Norte e Nordeste do país a oferecer o maior número de vagas no seu processo seletivo. Em 2005, a UFPB oferecia cerca de 3.700 vagas por ano. Para 2012, são 8.020 vagas distribuídas pelo Processo Seletivo Seriado (PSS) e pelo ENEM/SISU.

Desde sua criação e ao longo de toda sua história, a UFPB vem cumprindo papel fundamental na promoção do ensino, da pesquisa e da extensão. Na esfera da educação superior, a UFPB tem o reconhecimento social como resultado de sua histórica contribuição, tanto para o avanço científico e tecnológico regional, quanto para a formação de quadros profissionais de excelência para o Estado da Paraíba e para o restante do país, com destaque para a Região Nordeste.

No ensino de graduação, de 2005 para 2011, o número de cursos aumentou de 50 para 104. O número de estudantes matriculados aumentou de 18.759 para 29.629. No ensino de pós-graduação, o número de cursos de mestrado aumentou de 32 para 50 e os de doutorado de 470 para 1.290.

A melhoria acadêmica da UFPB é incontestável. Nas avaliações do ensino superior, o MEC utiliza o Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição (IGC), que vai de 1 a 5. A UFPB tem IGC igual a 4. Na pós-graduação, mais de 60% dos cursos obtiveram conceitos do sistema MEC/CAPES acima da nota média. A pesquisa e a produção científica da UFPB são muito bem referidas nacional e internacionalmente.

Na Extensão, a UFPB também é referência atuando em oito áreas temáticas: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Trabalho. A instituição oferece o Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) para estudantes de graduação. As fontes de financiamento da extensão vêm de recursos da própria UFPB, de editais do Ministério da Educação (MEC), a exemplo do PROEXT, além de incentivos da Petrobrás e Banco do Nordeste.

O projeto de criação do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões - PPG-CR foi acalentado por um grupo de professores pertencentes ao Religare - Grupo de Pesquisas e Estudos em Religiosidade, que agrega pesquisadores cadastrados no CNPQ desde 1999. Durante dez anos (1996-2006), o grupo produziu, publicou e orientou inúmeros trabalhos acadêmicos. Mas o ano de 2005 foi um marco na existência do futuro PPG-CR, que atendeu à Comissão Permanente do Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, que solicitou um curso de capacitação para os professores da disciplina Ensino Religioso.

Assim, nasceu o 1º Curso de Especialização em Ciências das Religiões (lato sensu), aprovado pela Resolução nº. 40/2004 do CONSEPE e iniciado em abril de 2005. Esse curso deu o impulso necessário ao projeto de criação do programa de pós-graduação stricto sensu. O PPG-CR foi criado nos termos da Resolução nº 03/2006 do CONSEPE e reconhecido pelo Conselho Técnico Científico da CAPES, em reunião realizada no dia 12 de julho de 2006. A primeira turma teve início em março de 2007.

O fenômeno religioso é um dos quatro pilares da cultura humana, e os outros três, a Filosofia, a Arte e a Ciência. É nas instituições de ensino que se entra em contato com a ciência. O mesmo deveria ocorrer com as Religiões, patrimônio cultural de todos os povos e, como tal, matéria de estudo e pesquisa. O conhecimento abre a mente, mas o fundamentalismo religioso é extremamente nocivo para o indivíduo e para a sociedade.

Ele promove a intolerância, a dificuldade de relacionamento entre grupos, destrói a integração e o respeito mútuo, não admite opiniões divergentes e considera sua perspectiva isenta de erros. Todavia, ao se ter por pressuposto que a ignorância é a mãe da intolerância, a maneira mais consequente de superar a ignorância, ou seja, o desconhecimento, e assim forjar a tolerância religiosa, é fomentar o conhecimento.

Nesse sentido, a Universidade Federal da Paraíba criou o Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, com o intuito de contribuir para a construção de uma sociedade harmoniosa, tolerante para com os diferentes, fundamentada na ética e no respeito às minorias.

O Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões tem por objetivos:

- 1) Formar docentes para o ensino fundamental, o médio e o superior;
- 2) Formar pesquisadores para assessorar órgãos governamentais ou não;
- 3) Formar consultores.

Quanto à estrutura curricular, apresenta quatro linhas de pesquisa descritas a seguir:

- 1) Espiritualidade e saúde: Desenvolver estudos e pesquisas na área de espiritualidade e de saúde, no sentido de contribuir para se compreender a relação entre fé e cura; Formar profissionais com capacidade de refletir sobre a relação entre espiritualidade e saúde, para que possam atuar nos campos da prevenção de agravos e da promoção, manutenção e recuperação da saúde, com base no modelo de atenção humanizada e centrada na maior integralidade do cuidado.
- 2) Estudo das religiões: Estudos/Ensino: Na perspectiva do estudo da Cultura Religiosa, a linha vem contribuir para o avanço e a renovação do Ensino Religioso.
- 3) Religiosidade popular: Religião popular: Essa linha atua na análise das múltiplas dimensões da religiosidade popular no Nordeste Oriental do Brasil.
- 4) Religião, cultura e produções simbólicas: Estudar o fenômeno religioso, em suas formas contemporâneas e arcaicas, inseridas no âmbito da cultura e do pluralismo religioso, com base nas interpretações formuladas pelas Mitologias, Teorias do Imaginário e Teorias da Religião; Abordar as diferentes práticas e os discursos religiosos, através das teorias do conhecimento e do mito, a fim de apreender as diferentes dimensões da cultura: política, econômica e simbólica; Examinar como as éticas religiosas, confrontadas com as diferentes éticas, repercutem na vida social no mundo contemporâneo.

5.2 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O estudo sobre produção científica, assim como toda a ciência, foi se desenvolvendo no decorrer das décadas. Segundo Witter, C. (2005), na década de 1970, os trabalhos tinham um caráter mais sistemático e passaram, nas décadas de 1980 e 1990, para uma análise cientométrica, uma área da ciência que apresenta métodos quantitativos empregados com a função de medir a produção científica, ou seja, uma análise com cálculos e estatísticas mais precisos e refinados.

É imprescindível fazer avaliações sistemáticas da produção científica, especialmente desde os grandes avanços, divulgação e incorporação dos conhecimentos científicos na vida diária das pessoas, sobretudo a partir do Século XX em diante (POBLACION; WITTER; SILVA, 2006).

Witter (2006) refere que a avaliação da pesquisa, ainda pouco habitual no Brasil, começa a se desenvolver, contribuindo com a comunicação científica e a avaliação das pesquisas, no que se refere à qualidade e à quantidade do que vem sendo produzido. Assim, os resultados desta pesquisa foram organizados conforme proposições da cienciometria, que envolve análise quantitativa. A análise quantitativa dos dados foi realizada por meio de frequência/percentual e apresentada em forma de tabelas e gráficos. Os resultados e a discussão foram apresentados simultaneamente, a fim de facilitar a compreensão do leitor.

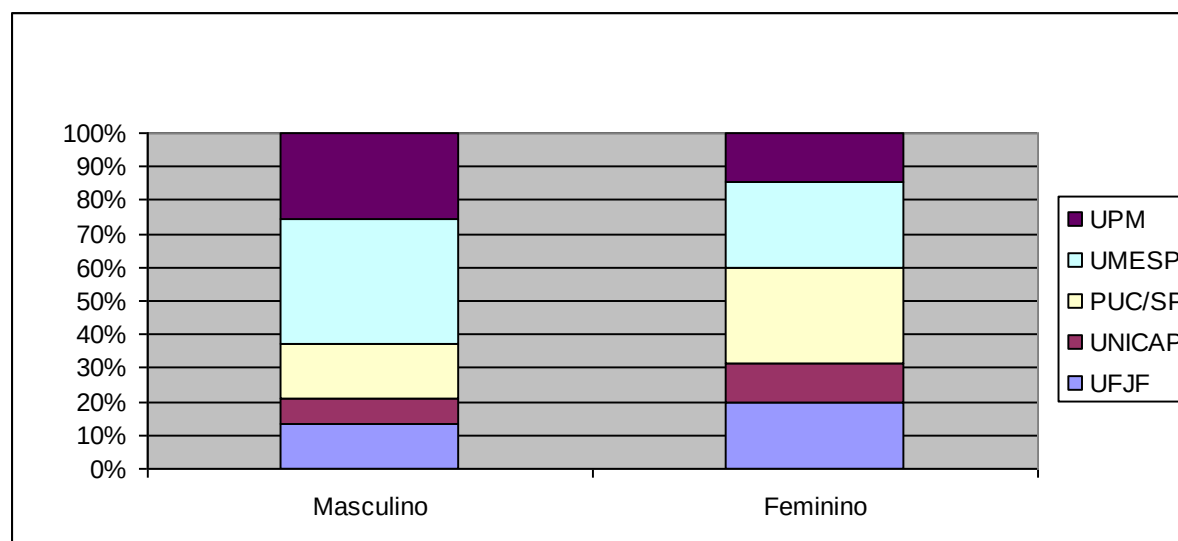
Os resumos das dissertações foram o ponto de partida para a análise das variáveis, embora, com algumas dissertações, foi preciso ler a Introdução, para complementar as informações. A leitura foi exaustiva, porém instigante e prazerosa, pelos resultados obtidos a cada avanço, na busca pela conquista dos objetivos propostos.

As Tabelas 1 e 2 apresentam dados de estudo referentes a autoria das dissertações analisadas, quanto ao gênero, identificado a partir do nome dos autores das pesquisas e, em alguns casos, pela fotografia no *lattes*. Sendo assim, as categorias para essa variável foram definidas em Masculino e Feminino.

Tabela 1 – Gênero dos autores das dissertações (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

GÊNERO	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Masculino	9	56,3	5	55,6	11	52,4	25	73,5	17	77,3	67	65,7
Feminino	7	43,8	4	36,4	10	47,6	9	26,5	5	22,7	35	34,3
TOTAL	16	100	9	91,9	21	100	34	100	22	100	102	100

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 1 – Gênero dos autores das dissertações

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 1, observa-se que o número de pesquisadores difere de uma instituição para outra: 16, na UFJF; 11, na UNICAP; 21, na PUC-SP; 36, na UMESP; e 22; na UPM. Há uma participação expressiva de autores do gênero masculino (65,7%,) em detrimento do número de autores do gênero feminino, que corresponde a pouco mais da metade desse percentual, com apenas 34,3%.

Na UPM, a diferença entre os gêneros é mais expressiva – 77,3%, para o masculino, e 22,7%, para o feminino. Essa diferença expressiva é seguida pela UMESP, quando o masculino representa 73,5%, e o feminino, 26,5%. Também é marcante a diferença de participação entre os gêneros na Unicap, uma representação de 55,6%, para o sexo masculino, e 36,4%, para o feminino. Nas UFJF e na PUC-SP, a diferença é menor. Na primeira, os homens representam 56,3%, e as mulheres, 43,8%; enquanto na segunda, a participação dos homens é de 52,4%, e a das mulheres, de 47,6%.

Buriti (2003), em análise da produção veiculada por dois periódicos - *Revista Paulista de Educação Física* (RPEF) e *The Sport Psychologist* (TSF) - entre 1995 e 2000, verificou a predominância de autoria masculina nos dois periódicos: 51,9% no total, contra 27,2% de autoria feminina, no RPEF, e de 55% masculina e 29,4% feminina, no TSP.

Parece haver uma tendência de gênero quanto à área de estudo enfocada, como, por exemplo, a pesquisa de Camargo (1997) e a de Ferreira (2002). Ele analisou os trabalhos do periódico *Coletânea do ITA*, publicada pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos, em que a participação feminina foi maior do que a masculina. Nos estudos sobre prevenção da AIDS, a autora constatou que tanto homens quanto mulheres estão envolvidos. Já nos estudos sobre envelhecimento (WITTER, 2006), foi observada maior presença masculina, talvez pelo grande número de pesquisas enfocando a área médica.

Esses resultados permitem constatar que a produção científica, em maior ou menor escala por determinado gênero, sofre variação de acordo com a área do conhecimento analisada, conseqüentemente, pela preferência dos gêneros em determinadas áreas do conhecimento. Entretanto, espera-se uma produção equitativa por gênero (POBLACION, WITTER, SILVA, 2006).

A predominância de pesquisadores do gênero masculino em estudos relacionados ao fenômeno religioso nos remete à relação histórica, quando segundo Lemos (2009) a representação social da masculinidade relaciona-se intimamente com a religião; afinal, os

atributos a Deus, enquanto força, autoridade, barba, cabelos grisalhos, potência, etc., são atributos físicos e subjetivos da masculinidade.

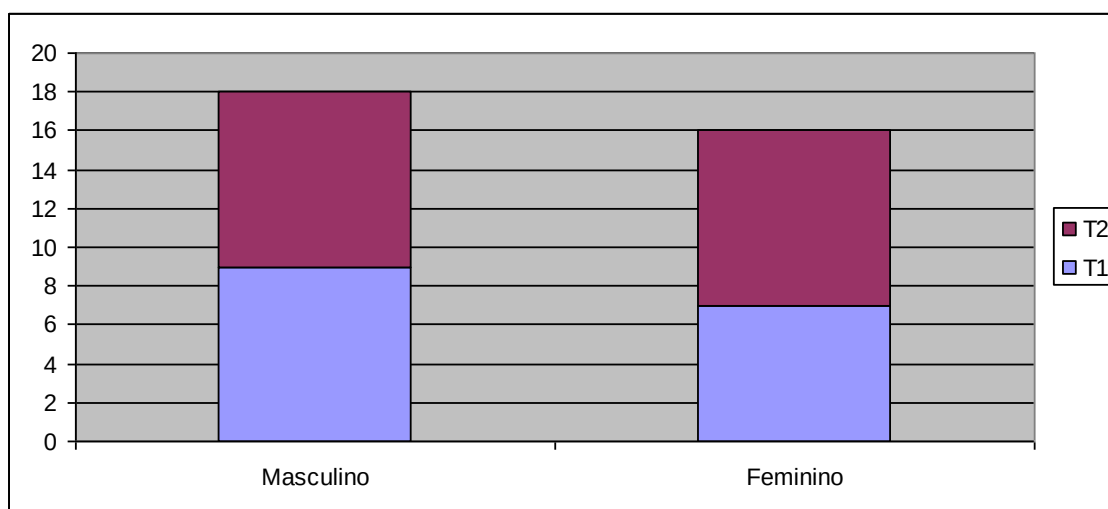
Assim, na pesquisa em andamento, que aponta a participação masculina maior que a feminina, nas cinco universidades, pode-se justificar que essa categoria tem despertado mais interesse por assuntos de ordem religiosa, ainda segundo Lemos (2009) ao afirmar que a masculinidade é construída social e historicamente, sendo determinada pela religião, pela época, pelo lugar e pela sociedade.

Tabela 2 – Gênero dos autores das dissertações (UFPB)

GÊNERO	T1		T2		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Masculino	9	56,3	9	50	18	52,9
Feminino	7	43,8	9	50	16	47,1
TOTAL	16	100	18	100	34	100

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 2 – Gênero dos autores das dissertações



Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 2, observa-se, no total, maioria para a categoria gênero masculino, com 52,9%, em detrimento da categoria gênero feminino, com 47,1%. Ao verificar os números, por turma, há diferença entre as categorias, apenas na T1, sendo 56,3% para masculino e 43,8% para feminino. Na T2, há equivalência, ou seja, 50%.

Outro aspecto analisado quanto à autoria faz referência à formação acadêmica dos pesquisadores, no que se refere à graduação, como mostram as Tabelas 3 e 4. Para a obtenção desses dados, recorreu-se ao currículo lattes, através do catálogo nacional de teses e dissertações.

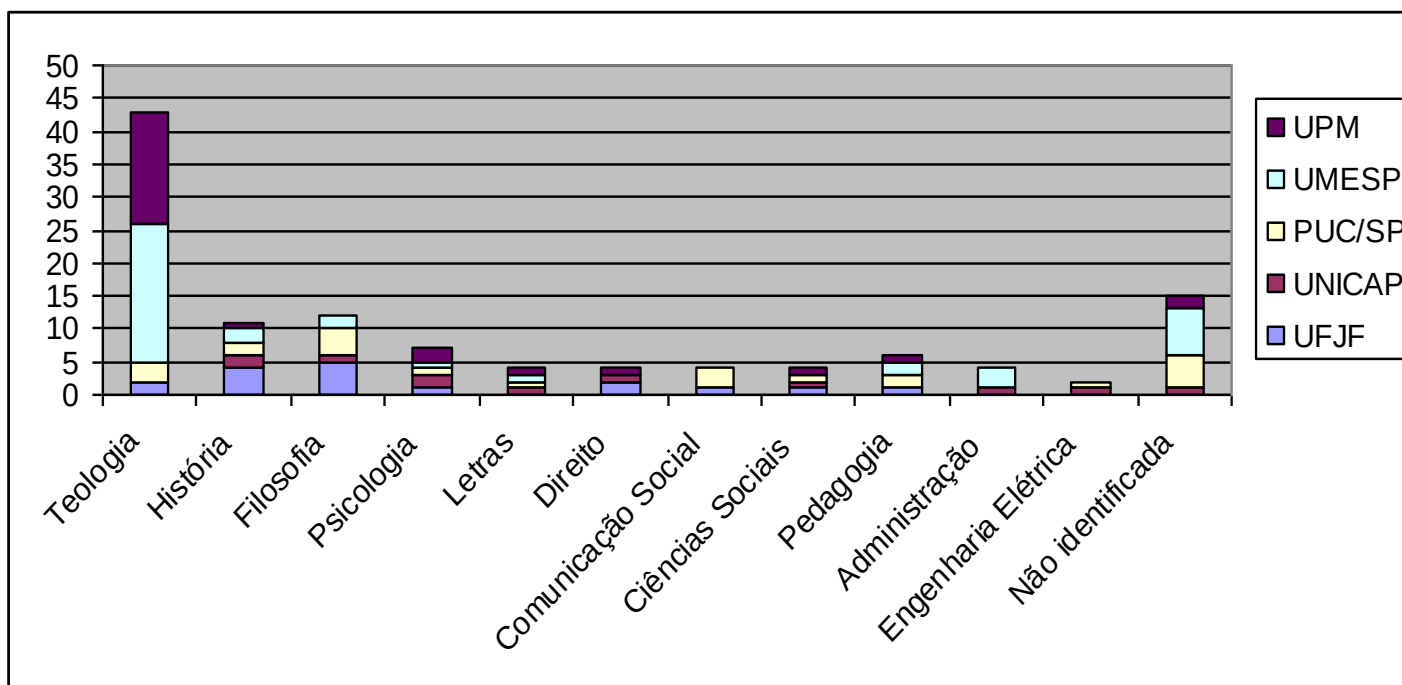
Na análise desta variável, como mostra a tabela 3, para os trabalhos das cinco universidades, foram elencadas doze categorias, sendo onze delas denominadas de acordo com os cursos de graduação, entre eles: Teologia, História, Filosofia, Psicologia, Letras, Direito, Comunicação Social, Ciências Sociais, Pedagogia, Administração e Engenharia Elétrica. Vale salientar que alguns dos autores desses trabalhos têm mais de uma graduação, e outros não informaram a esse respeito e mencionaram, apenas, o Mestrado em andamento. Há, ainda, os que não disponibilizaram seus currículos. Esses dois últimos casos aparecem na categoria “Não identificada”.

Tabela 3 – Formação acadêmica (graduação) dos autores das dissertações (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

FORMAÇÃO	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Teologia	2	11,8	0	0	3	13	21	53,8	17	65,4	43	37,1
História	4	23,5	2	18,2	2	8,69	2	5,12	1	3,84	11	9,48
Filosofia	5	29,4	1	9,09	4	17,4	2	5,12	0	0	12	10,3
Psicologia	1	5,88	2	18,2	1	4,34	1	2,56	2	7,69	7	6,03
Letras	0	0	1	9,09	1	4,34	1	2,56	1	3,84	4	3,44
Direito	2	11,8	1	9,09	0	0	0	0	1	3,84	4	3,44
Comunicação Social	1	5,88	0	0	3	13	0	0	0	0	4	3,44
Ciências Sociais	1	5,88	1	9,09	1	4,34	0	0	1	3,84	4	3,44
Pedagogia	1	5,88	0	0	2	8,69	2	5,12	1	3,84	6	5,17
Administração	0	0	1	9,09	0	0	3	7,69	0	0	4	3,44
Engenharia Elétrica	0	0	1	9,09	1	4,34	0	0	0	0	2	1,72
Não identificada	0	0	1	9,09	5	21,7	7	17,9	2	7,69	15	12,9
Total	17	100	11	100	23	99,9	39	100	26	100	116	99,9

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 3 - Formação acadêmica (graduação) dos autores das dissertações



Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

De acordo com os dados da Tabela 3, os Cursos de História e Psicologia, que assumiram no total das cinco universidades, a posição de terceiro e quarto lugar respectivamente, foram representados em todas elas, enquanto os demais tiveram representação em uma e outra universidades.

Na UFJF, os Cursos de Filosofia e de História foram os mais representados, com 29,4% e 23,5%, respectivamente. O Curso de História também foi bem representado na UNICAP, juntamente com o Curso de Psicologia, ambos representando 18,2%. Na PUC/SP, o maior percentual foi para a categoria “Não identificada”, com 21,7%, em detrimento das demais categorias. O Curso de Filosofia foi o mais bem representado com 17,4%, seguido pelos cursos de Teologia e Comunicação Social, cada um com 13% dos pesquisadores.

O Curso de Teologia teve representação expressiva na UMESP e na UPM, em detrimento das demais categorias, com 53,8% e 65,4%, respectivamente. Na UMESP, a segunda colocação ficou com a categoria “Não identificada”, com 17,9%, e na UPM, essa mesma categoria tem percentual igual ao do Curso de Psicologia, com 7,9%. Essa realidade aponta uma abrangência do programa que, ao tratar do fenômeno religioso, permite que ele seja analisado por toda e qualquer área do conhecimento humano, como forma de compreender o mundo, ao lado da ciência.

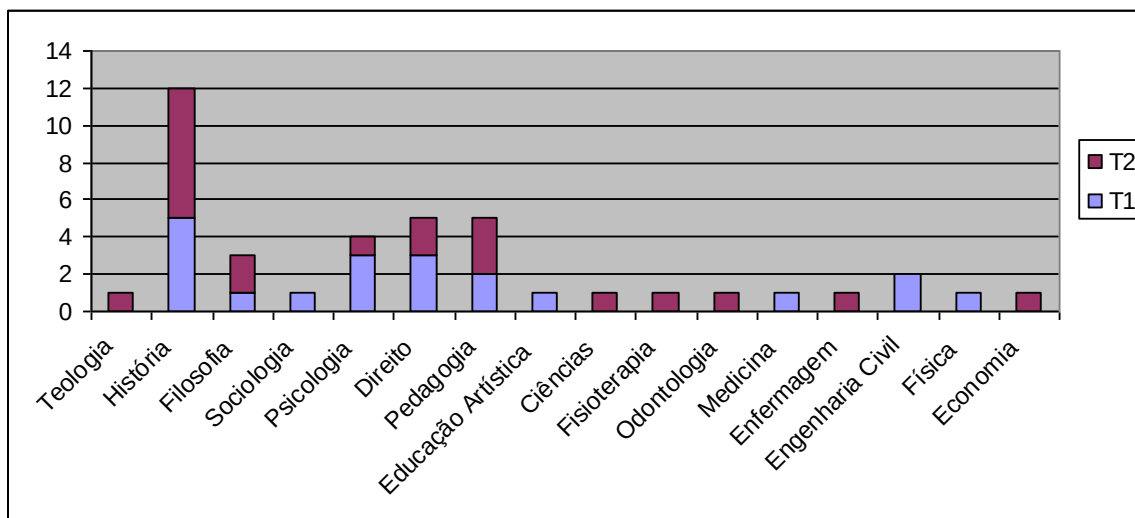
Na análise dos trabalhos da UFPB, nesta variável, houve mudança e acréscimo de categorias. Na análise das cinco universidades, anteriormente trabalhadas, foram apresentadas doze categorias, enquanto na análise desta instituição, foram elencadas dezesseis categorias, ou seja, alguns cursos, antes representados, nesta não foram registrados; enquanto outros cursos, antes não representados; nesta, foram registrados.

Assim, foram retiradas as categorias: Letras, Comunicação Social, Ciências Sociais, Administração, Engenharia Elétrica e a categoria “Não identificada”; afinal, identificou-se a formação de todos os pesquisadores da UFPB. Foram então acrescidas as categorias: Odontologia, Enfermagem, Ciências, Física, Economia, Engenharia Civil, Fisioterapia, Sociologia, Educação Artística e Medicina.

Tabela 4 – Formação acadêmica dos autores das dissertações

FORMAÇÃO	T1		T2		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Teologia	0	0	1	4,76	1	2,43
História	5	25	7	33,3	12	29,3
Filosofia	1	5	2	9,52	3	7,31
Sociologia	1	5	0	0	1	2,43
Psicologia	3	15	1	4,76	4	9,75
Direito	3	15	2	9,52	5	12,2
Pedagogia	2	10	3	14,3	5	12,2
Educação Artística	1	5	0	0	1	2,43
Ciências	0	0	1	4,76	1	2,43
Fisioterapia	0	0	1	4,76	1	2,43
Odontologia	0	0	1	4,76	1	2,43
Medicina	1	5	0	0	1	2,43
Enfermagem	0	0	1	4,76	1	2,43
Engenharia Civil	2	10	0	0	2	4,87
Física	1	5	0	0	1	2,43
Economia	0	0	1	4,76	1	2,43
Total	20	100	21	100	41	99,9

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 4 – Formação acadêmica dos autores das dissertações

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Diante da amostra (Tabela 4), num total de dezesseis categorias, relacionadas aos cursos de graduação dos pesquisadores, observa-se que, na T1, foram contempladas dez categorias; na T2, onze. As categorias registradas por uma turma e não registradas pela outra, tiveram apenas uma representação, com exceção do Curso de Engenharia Civil, com dois representantes na T1.

Destaca-se, nas duas turmas, um grande número de pesquisadores graduados em História, com um percentual de 26,31% e 33,3%, respectivamente. A partir da segunda colocação, as categorias divergem, pois, na T1, o segundo lugar, com 15,8%, foi para Psicologia, e na T2, para Pedagogia, com 14,3%. Em outro aspecto observado nas duas turmas, o terceiro lugar ficou para mais de uma categoria, por registrarem o mesmo percentual: na T1, Direito, Pedagogia e Engenharia Civil, com 10,5% cada, enquanto na T2, Filosofia e Direito, cada uma com 9,52%.

Título

No que se refere à elaboração e estrutura dos trabalhos, foram analisadas, inicialmente, as características dos títulos, sob dois aspectos: número de vocábulos e pontuação empregada, como efeito gráfico e de compreensão, considerando que se trata da abertura do trabalho.

A elaboração de um documento requer uma atenção especial, quanto à formulação do título, que deve resumir a ideia central do trabalho, ou seja, estar coerente com os objetivos. O título deve ser claro, conciso e abrangente, porém, com estilo, para que se compreenda, inicialmente, sua finalidade.

Como Carelli (2002), muitos autores concordam que o título é parte fundamental do discurso científico, por se referir ao primeiro contato do leitor com o texto. Witter (2006) destaca que os cientistas sentem dificuldade de formular título adequado à comunicação científica do seu trabalho. O título também serve de orientação para as bases de dados, podendo ser acessado a partir das palavras-chave, no momento da busca. É importante lembrar que a catalogação de obras é feita por autor, assunto e título, para facilitar a consulta do leitor. A base de dados da CAPES, destinada à indexação de dissertações e de teses, recomenda 210 bits, duas linhas ou, aproximadamente, 12 vocábulos (WITTER, 1999b).

Os títulos precisam e devem motivar os leitores à pesquisa, mas não como fonte enganosa de busca de assuntos ou temáticas que não foram objeto de estudos, o que pode ocasionar nos leitores falta de credibilidade e perda de tempo. Neste estudo, a crítica é direcionada, com o intuito de recomendar estratégias quanto à redação e ao estilo técnico para a criação de títulos de pesquisa.

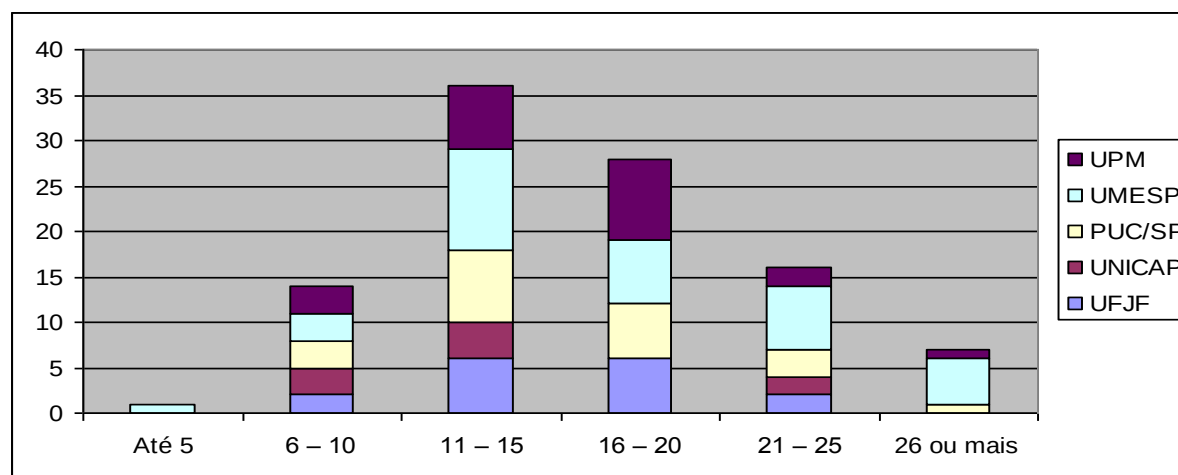
Assim, de acordo com o número de vocábulos dos títulos das dissertações apresentam-se seis categorias em ordem crescente: “Até 5”; “6 – 10”; “11 – 15”; “16 – 20”; “21 – 25”; “26 ou mais”;; enquanto à pontuação empregada, apresentam-se sete categorias, que variam em: Sem pontuação, Dois pontos, Vírgula, Aspas, Travessão, Ponto final e outros.

A elaboração do título do trabalho passa a ser um detalhe muitas vezes ignorado por muitos pesquisadores, mas de grande relevância na divulgação da pesquisa. Essa análise poderá ser uma fonte de reflexão crítica acerca da importância que deve ser dada aos títulos de pesquisas.

Tabela 5 – Número de vocábulos dos títulos (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

MÉDIA DE VOCÁBULOS	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Até 5	0	0	0	0	0	0	1	2,94	0	0	1	0,98
6 – 10	2	12,5	3	33,3	3	14,3	3	8,82	3	13,6	14	13,7
11 – 15	6	37,5	4	44,4	8	38,1	11	32,4	7	31,8	36	35,3
16 – 20	6	37,5	0	0	6	28,6	7	20,6	9	40,9	28	27,5
21 – 25	2	12,5	2	22,2	3	14,3	7	20,6	2	9,09	16	15,7
26 ou mais	0	0	0	0	1	4,76	5	14,7	1	4,54	7	6,86
Total	16	100	9	100	21	100	34	100	22	100	102	100

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 5 – Número de vocábulos dos títulos

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

O resultado da pesquisa apresentado na Tabela 5 apontou que muitos desses trabalhos não estão de acordo com as orientações acima, pois apresentam grande variação no número de vocábulos. O maior título tem trinta vocábulos, a exemplo do trabalho intitulado “É Um Luxo Trabalhar com Religião e AIDs! uma análise sobre o caderno ‘AIDS e igrejas: um convite à ação’ no grupo de trabalho religiões do estado de São Paulo”; enquanto que o menor título possui cinco vocábulos, a exemplo de “A Ontologia em Mircea Eliade”.

Nas cinco universidades, predominaram os títulos entre 11 e 15 vocábulos, com pouca variação, representando, no total, um percentual de 35,3%, estando de acordo com os critérios de avaliação dos títulos. A categoria “Até 5” teve apenas um registro na UMESP, o que corresponde a 2,94%; já a categoria “26 ou mais” foi representada pela PUC/SP – 4,76%, UMESP – 14,7% e UPM – 4,54%.

A segunda categoria com maior frequência envolve títulos entre dezesseis e vinte vocábulos, ultrapassando, assim, o recomendado. Apenas a UNICAP não registrou títulos nessa categoria. Sendo assim, as demais universidades, no total, obtiveram 27,5%, em detrimento das outras categorias. Títulos longos, com mais de quinze palavras, não chegam a comprometer os resultados dos estudos, mas provocam efeito antiestético, como reflexo da falta de concisão e a prolixidade.

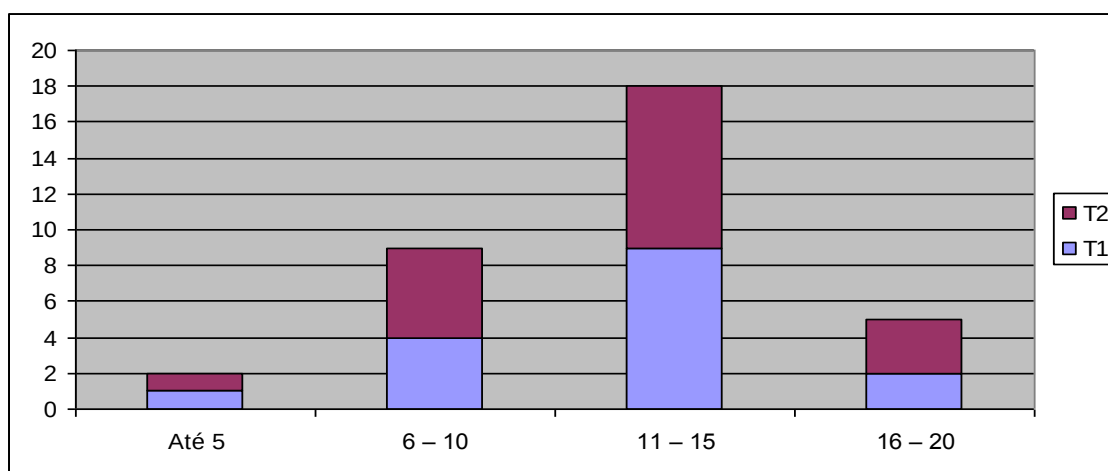
Ferreira (apud WITTER, 2006), em sua pesquisa Produção Científica sobre Idoso na PsycINFO (2003), constata grande variação entre o número de vocábulos dos títulos. O maior é composto por trinta e sete vocábulos, e o menor, por dois. Em estudo de meta-análise, Carelli (2002), comparando as dissertações e as teses das áreas de Educação e de Psicologia de quatro universidades paulistas, no período de 1990 a 1999, e do *Dissertation Abstract International* (DAI), no ano de 1999, também encontrou variação similar aos dados da pesquisa de Ferreira.

Assim, ao somar o número de trabalhos com títulos até quinze vocábulos, o total é igual a cinquenta e um, o que corresponde a 50% dos trabalhos; os outros 50% são a soma dos trabalhos com títulos acima de dezesseis vocábulos, o que significa metade dos trabalhos, atendendo às recomendações, enquanto a outra metade, fora desse padrão. Esses resultados demonstram tendência para o cumprimento das orientações na elaboração dos títulos, no que se refere ao número de vocábulos, mesmo diante de algumas discrepâncias, o que se entende também que trabalhos dessa natureza advertem os pesquisadores a aprimorarem os seus trabalhos.

Tabela 6 – Número de vocábulos dos títulos (UFPB)

MÉDIA DE VOCÁBULOS	T1		T2		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Até 5	1	6,25	1	5,55	2	5,88
6 – 10	4	25	5	27,8	9	26,5
11 – 15	9	56,3	9	50	18	52,9
16 – 20	2	12,5	3	16,7	5	14,7
Total	16	100	18	100	34	100

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 6 – Número de vocábulos dos títulos

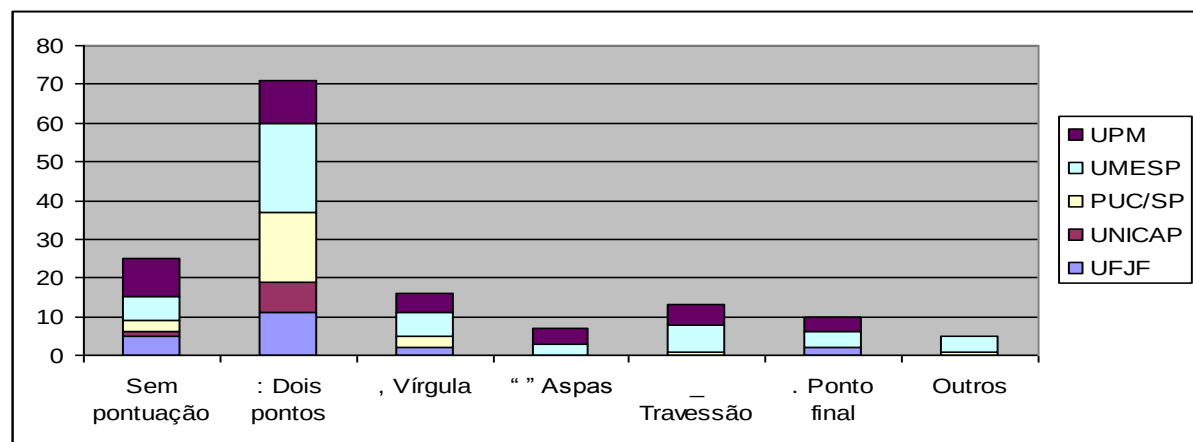
Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Na Tabela 6, observa-se uma característica interessante, posto que, nas duas turmas, a ordem de classificação das categorias é a mesma, sendo o primeiro lugar para a categoria 11-15, num total de 54,5%; o segundo, para a categoria 6-10, com 24,2%; e o terceiro lugar da categoria 16-20, com 15,2%; por último, a categoria Até 5, com 6,06%. Esse resultado aponta uma tendência em elaboração de títulos, de acordo com as recomendações da CAPES. A seguir, o resultado da variável pontuação, que apresenta os sinais de pontuação empregados no título desses trabalhos.

Tabela 7 – Características dos títulos: pontuação (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

CARACTERÍSTICA	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Sem pontuação	5	25	1	11,1	3	11,5	6	11,3	10	25,6	25	17
: Dois pontos	11	55	8	88,9	18	69,2	23	43,4	11	28,2	71	48,3
, Vírgula	2	10	0	0	3	11,5	6	11,3	5	12,8	16	10,9
“ ” Aspas	0	0	0	0	0	0	3	5,66	4	10,3	7	4,76
_ Travessão	0	0	0	0	1	3,84	7	13,2	5	12,8	13	8,84
. Ponto final	2	10	0	0	0	0	4	7,54	4	10,3	10	6,8
Outros	0	0	0	0	1	3,84	4	7,54	0	0	5	3,4
Total	20	100	9	100	26	100	53	100	39	100	147	100

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 7 – Característica dos títulos: pontuação

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Como mostra a Tabela 7, nas cinco universidades, a maior frequência foi de títulos de trabalho com a aplicação de dois pontos, num total de 48,3%, principalmente para marcar início de subtítulos, seguido por títulos sem pontuação (17%). Dessas universidades, a UNICAP foi a única a registrar trabalhos, apenas nessas duas primeiras categorias.

Witter (2005), ao analisar artigos sobre leitura, publicados no periódico *Reading Research Quarterly*, entre os anos de 2000 e 2002, também verificou uma predominância de dois pontos nos títulos que apresentaram sinais de pontuação. As demais categorias foram contempladas por uma ou outra universidade, com exceção da UMESP, que apresentou trabalhos que contemplaram todas as categorias dessa variável.

A vírgula foi empregada com pequena variação em títulos de trabalhos da UFJF (10%), da PUC (11,5%), da UMESP (11,3%) e da UPM (12,8%), enquanto que o emprego do travessão foi registrado em títulos de trabalhos da PUC (3,84%), da UMESP (13,2%) e da UPM (12,8%).

Verificou-se o emprego das aspas em títulos de trabalhos apenas da UMESP (5,66%) e da UPM (10,3%); já o ponto final, em títulos de trabalhos da UFJF (10%), da UMESP (7,54%) e da UPM (10,3%). A categoria “outros” reuniu trabalhos, em que se empregaram barra, interrogação e exclamação, com registro apenas em títulos de trabalhos da PUC/SP (3,84%) e da UMESP (7,54%). Essa foi a única categoria, não contemplada pela UPM.

Esse resultado surpreendeu, primeiramente, pelo emprego do ponto final em muitos títulos; depois, pelo fato de terem empregado, em um mesmo título, mais de um sinal de pontuação, como, por exemplo, trabalhos que empregaram vírgula, dois pontos e ponto final “Religião, Ciência e Arte como Respostas ao Desempenho Humano: a perspectiva de Sigmund Freud”.; dois pontos, vírgula e interrogação “Anjos Vigilantes e Mulheres Desveladas: uma relação possível em 1 coríntios 11,10?”; exclamação, aspas e dois pontos “É um Luxo Trabalhar com Religião e AIDS! Uma Análise Sobre O Caderno ‘AIDS e igrejas: um convite à ação’ no grupo de trabalho religiões do estado de São Paulo”; aspas, interrogação e vírgula “‘Quem é este?’ poder, medo e identidade mítica na narrativa de Marcos 4.35 – 41”.

A situação de títulos com vários sinais de pontuação também foi verificada na pesquisa realizada por Ferreira (apud WITTER, 2006), ao tratar da Produção Científica sobre Idoso na PsycINFO (2003).

É importante destacar que as cinco universidades apresentaram trabalhos com títulos contendo mais de quinze vocábulos, ultrapassando, assim, o limite recomendado pela base de dados da CAPES, embora, no que se refere à pontuação empregada, os títulos dos trabalhos da UNICAP se apresentam de acordo com o padrão recomendado, porquanto empregaram, apenas, dois pontos.

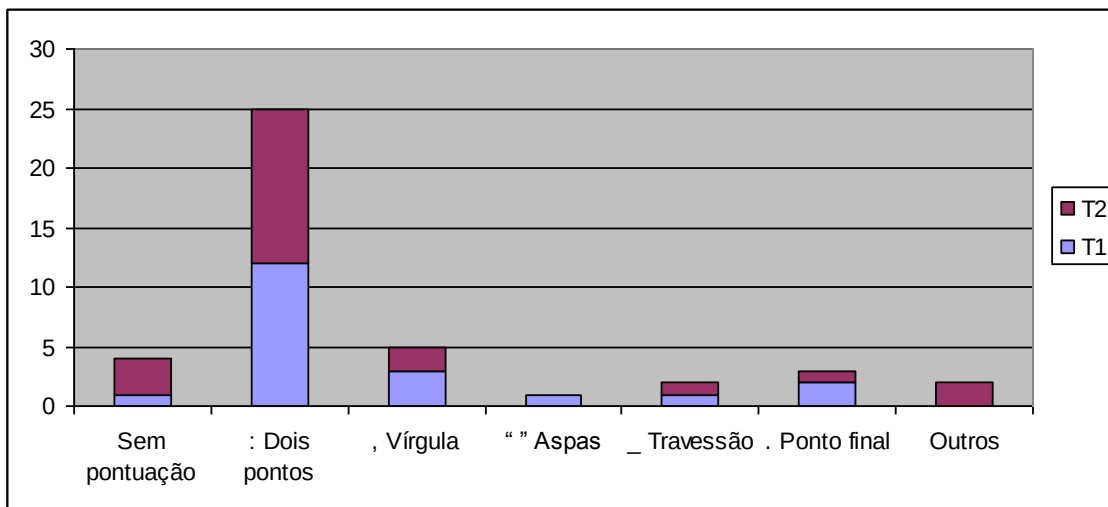
O problema se configura em alguns trabalhos que apresentaram seus títulos de forma pouco objetiva, por vezes, criando dificuldades para a identificação de algum tipo de interesse que a matéria pudesse despertar e, portanto, sendo objeto de críticas por incorreções que podem comprometer sua qualidade.

Nas cinco universidades, a análise dos dados das Tabelas 5 e 7 aponta a necessidade de uma orientação específica na elaboração de títulos, a fim de serem evitados títulos longos, com muita informação, mas sem clareza. Em fim, títulos completamente fora do recomendado, que não atendem ao objetivo principal a que se propõem, ou seja, suficientemente informativos, porém que não sejam longos.

Tabela 8 – Características dos títulos: pontuação (UFPB)

CARACTERÍSTICA	T1		T2		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Sem pontuação	1	5	3	13,6	4	9,52
: Dois pontos	12	60	13	59,1	25	59,5
, Vírgula	3	15	2	9,09	5	11,9
“ ” Aspas	1	5	0	0	1	2,38
_ Travessão	1	5	1	4,54	2	4,76
. Ponto final	2	10	1	4,54	3	7,14
Outros	0	0	2	9,09	2	4,76
Total	20	100	22	100	42	100

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 8 – Características dos títulos: pontuação

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Pelo resultado da Tabela 8, o destaque é para a categoria dois pontos, representando maioria nas duas turmas, num total de 59,5%. A segunda colocação na T1 foi ocupada pela categoria vírgula, com o percentual de 15%, ficando o terceiro lugar para a categoria ponto final, com 10%; na T2, a segunda colocada foi a categoria sem pontuação, com 13,6%. Nessa mesma turma, as categorias Vírgula e Outros obtiveram 9,09%. Na T1, as categorias Sem pontuação, Aspas e Travessão representaram, cada uma, 5%; na T2, Travessão e Ponto final representaram, cada uma, 4,54%. Na T1, apenas a categoria Outros não foi registrada, e na T2, a única não registrada foi a categoria Aspas.

A variável a seguir se refere a área do conhecimento de cada pesquisa. Para essa análise, recorreu-se à Tabela de Áreas de Conhecimento, através do site da CAPES³. Essa tabela foi atualizada em 23 de janeiro de 2008, através da Portaria nº 9, após a 44ª reunião do Conselho Superior, de 5 de dezembro de 2007.

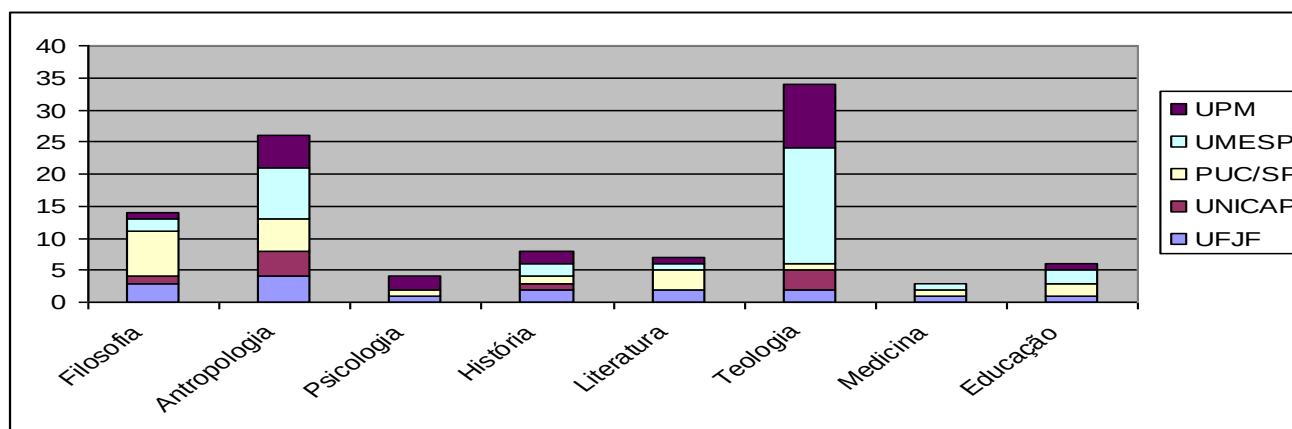
A pesquisa ao site da Capes teve como finalidade, fazer o reconhecimento dos aspectos que caracterizam as várias áreas do conhecimento, de modo a facilitar a associação de cada trabalho à determinada área, ampliando assim, os conhecimentos sobre o fenômeno religioso. Para situar o leitor da classificação estabelecida, exemplifica-se trabalho relacionado a cada área. Os títulos dos trabalhos foram apresentados, da mesma forma como foi escrito pelo autor.

- **Filosofia** O RETORNO DA RELIGIÃO NA ÉPOCA DA SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA Religião e secularização no pensamento de G. Vattino;
- **Antropologia** A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NA NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS;
- **Psicologia** A PSICOLOGIA E A BÍBLIA NO ACONSELHAMENTO DE LARRY CRABB;
- **História** O Papel político da imprensa batista: o Batista Paulistano e os governos de Jânio a Médici;
- **Literatura** “A CORAGEM DE SER” DE PAUL TILLICH E “A VIA CRUCIS DO CORPO” DE CLARICE LISPECTOR: Semelhanças e assimetria em busca de uma leitura teológico-existencial da obra de Lispector;
- **Teologia** A TEOLOGIA DA SECULARIZAÇÃO DE HARVEY COX E SUA BUSCA DE PLAUSIBILIDADE PARA O CRISTIANISMO;
- **Medicina** Esclerose Múltipla e Imagens de Deus: A influência da crença na qualidade de vida de portadores/as da doença;
- **Educação** O ENSINO RELIGIOSO NO ESTADO DA PARAÍBA: Desafios na formação docente e no contexto educacional.

Tabela 9 – Áreas de conhecimento (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

ÁREA	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%	F	%	f	%	f	%
Filosofia	3	18,8	1	11,1	7	33,3	2	5,88	1	4,54	14	13,7
Antropologia	4	25	4	44,4	5	23,8	8	23,5	5	22,7	26	25,5
Psicologia	1	6,25	0	0	1	4,76	0	0	2	9,09	4	3,92
História	2	12,5	1	11,1	1	4,76	2	5,88	2	9,09	8	7,84
Literatura	2	12,5	0	0	3	14,3	1	2,94	1	4,54	7	6,86
Teologia	2	12,5	3	33,3	1	4,76	18	52,9	10	45,5	34	33,3
Medicina	1	6,25	0	0	1	4,76	1	2,94	0	0	3	2,94
Educação	1	6,25	0	0	2	9,52	2	5,88	1	4,54	6	5,88
Total	16	100	9	100	21	100	34	100	22	100	102	100

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 9 – Áreas de conhecimento

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Os números dos resultados da Tabela 9 apontam as áreas de Teologia, Antropologia e Filosofia, nessa ordem de predominância, como as três áreas mais contempladas, nas cinco universidades da pesquisa, somando 72,5% do total dos trabalhos. A soma dos trabalhos, nas áreas de Literatura, Educação, História, Psicologia e Medicina, correspondeu apenas a 27,44%.

A área de História, embora em percentual pequeno, foi contemplada nas cinco universidades, num total de 7,84%; enquanto que a área de Literatura foi contemplada com trabalhos da UFJF (12,5%), da PUC/SP (14,3%), da UMESP (2,94%) e da UPM (4,54%). Esse mesmo percentual a UPM apresentou na área da Educação, a UFJF, 6,25%; a PUC/SP, 4,76% e a UMESP, 5,88%. A área de Psicologia foi contemplada pela UFJF (6,5%), pela PUC/SP (14,3%) e pela UPM (9,09%); a de Medicina, pela UFJF (6,25%), pela PUC/SP (4,76%) e pela UMESP (2,94%).

Como exemplo da variável anterior, a UNICAP, mais uma vez, é destacada, por apresentar trabalhos apenas em quatro categorias elencadas nessa variável, ou seja, seu enfoque tem sido nas áreas de Teologia, Antropologia, Filosofia e História, o que, de acordo com o histórico dessa instituição, evidencia a pretensão da criação do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.

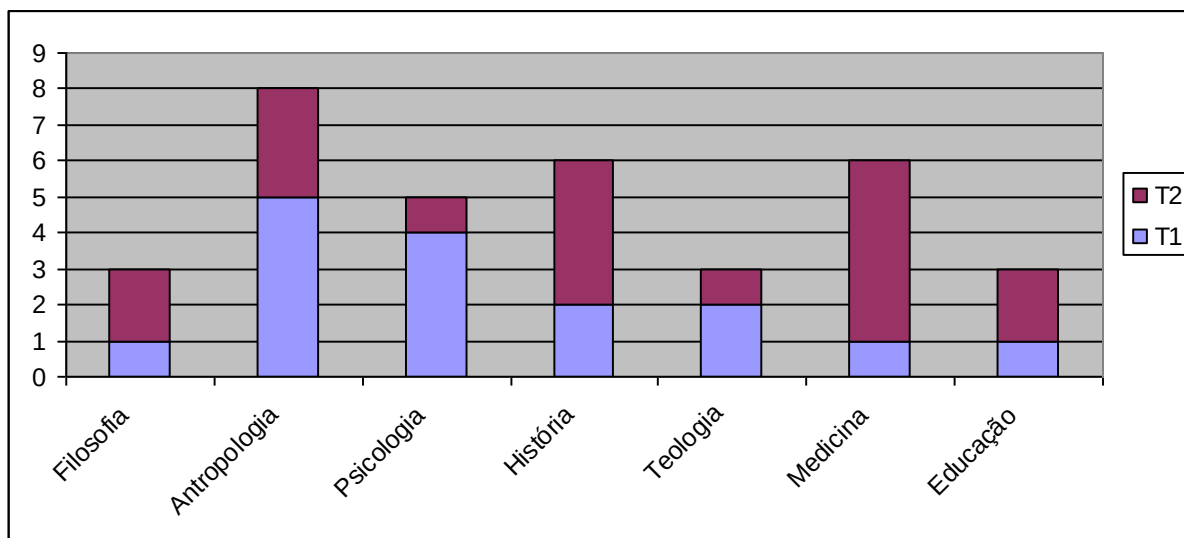
Considerando-se as lacunas do sistema educacional, no que se refere à condução do ensino religioso, observa-se que ainda é pouca a frequência de trabalhos na área da Educação. Essa realidade aponta a necessidade de pesquisas nessa área, um despertar para futuros mestrados, a fim de contribuir com a melhoria desse sistema.

Na análise dos trabalhos da UFPB, nessa variável (Tabela 10), sete categorias foram contempladas, diferentemente da análise das cinco universidades que, para essa mesma variável, apresentou oito categorias, tendo a mais, a categoria Literatura, porquanto nenhum dos trabalhos dessa instituição foi direcionado para essa área.

Tabela 10 – Áreas de conhecimento

ÁREA	T1		T2		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Filosofia	1	6,25	2	11,1	3	8,82
Antropologia	5	31,3	3	16,7	8	23,5
Psicologia	4	25	1	5,55	5	14,7
História	2	12,5	4	22,2	6	17,6
Teologia	2	12,5	1	5,55	3	8,82
Medicina	1	6,25	5	27,8	6	17,6
Educação	1	6,25	2	11,1	3	8,82
Total	16	100	18	94,4	34	100

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 10 – Áreas de conhecimento

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Ao analisar esta variável (Tabela 10), verificou-se que a categoria Antropologia ocupou o primeiro lugar na T1, com 31,25% dos trabalhos, enfocando essa área; enquanto na T2, essa mesma categoria ocupou o terceiro lugar, com 16,7% dos trabalhos. Na T2, a área de maior enfoque foi Medicina, com 27,77%; já na T1, essa área ocupou a quarta colocação, simultaneamente às áreas de Filosofia e Educação, com 6,25% cada uma. Essas duas categorias também ocuparam a quarta posição na T2, com percentual de 11,1%.

Psicologia foi a segunda categoria contemplada na T1 (25%), enquanto, na T2, ocupou a quinta e última posição, com percentual equivalente à Teologia (5,55%). Ainda

nessa mesma turma, a segunda categoria ficou com História (22,2%); na T1, ocupou, simultaneamente, à Teologia, a terceira colocação (12,5%).

Esses resultados apontam que apenas as categorias Filosofia e Educação ocupam a mesma colocação nas duas turmas, embora com um percentual muito pequeno, em detrimento das demais, o que significa que poucos trabalhos têm sido direcionados para essas áreas, especialmente no caso da Educação, quando a formação do docente de Ensino Religioso é tema central do programa de pós-graduação, no campo de estudos do fenômeno religioso.

Embora os trabalhos tenham sido classificados por área de conhecimento, houve necessidade de classificá-los quanto aos temas abordados, considerando-se que trabalhos de uma mesma área de conhecimento podem se diferenciar no enfoque estudado. A variável seguinte se refere aos temas das pesquisas (Tabelas 11 e 12) que, pela variedade, supõe-se estar de acordo com o perfil dos pesquisadores. Na análise dos temas, houve dificuldade em agrupá-los em categorias; afinal, todos os trabalhos estabeleciam relação direta com religião ou fé.

Assim, convencionou-se que trabalhos referentes à experiência e à prática religiosa, à criação e à natureza, ao sagrado e ao profano seriam agrupados na categoria Religiosidade. Como exemplo de trabalho, desta categoria “Esclerose Múltipla e Imagens de Deus: a influência da crença na qualidade de vida de portadores/as da doença”.

A segunda categoria ficaria com todos aqueles trabalhos que trataram de aspectos religiosos, envolvendo política, história, conflitos e reformas, ligados à religião, por isso denominada Movimentos religiosos, como exemplo, O Papel político da imprensa batista: o Batista Paulistano e os governos de Jânio a Médici.

Pesquisas em textos sagrados, numa análise exegética do Velho ao Novo Testamento, de profecia a hagiografia, com a pretensão de conhecer o pano de fundo histórico-sociológico que tece o texto, seriam elencados na categoria Evangelho; assim, representando essa categoria, “Não podeis servir s Deus e às riquezas: os impactos econômicos no evangelho de mateus no contextodo judaísmo do i século”.

A categoria Ética e valores humanos, com os trabalhos que fizeram referência a inclusão social, ética, moral e responsabilidade humana, na perspectiva de se produzirem sentimentos e comportamentos que conduzem o indivíduo a suprir suas necessidades de se relacionar com o sagrado, a exemplo, “Religião e Sexualidade: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo”.

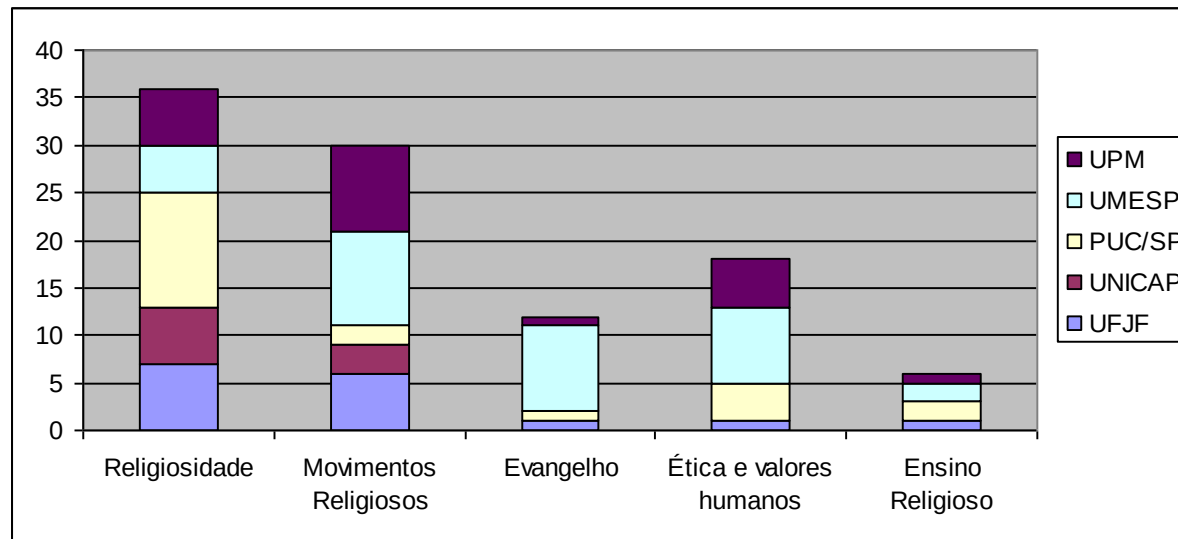
Por fim, a categoria Ensino religioso, contemplando os trabalhos das atividades realizadas pelos Jesuítas até a proposta de um estudo científico e laico do fenômeno religioso, de acordo com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ou seja, trabalhos com enfoque na condução do ensino religioso nas escolas, categoria representada pelo trabalho, O tempo e o espaço na construção do Ensino Religioso: um estudo sobre a concepção do Ensino Religioso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Esses títulos, assim como na variável anterior, foram apresentados da mesma forma como foi escrito pelo autor, o que conduz a outra observação, na análise de elaboração de títulos, ou seja, a sua estrutura no que se refere à letra, maiúscula e minúscula, negrito, o texto após os dois pontos; enfim, à apresentação do título.

Tabela 11– Temas abordados nas pesquisas (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

TEMA	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Religiosidade	7	43,8	6	66,7	12	57,1	5	14,7	6	27,3	36	35,3
Movimentos religiosos	6	37,5	3	33,3	2	9,52	10	29,4	9	40,9	30	29,4
Evangelho	1	6,25	0	0	1	4,76	9	26,5	1	4,54	12	11,8
Ética e valores humanos	1	6,25	0	0	4	19	8	23,5	5	22,7	18	17,6
Ensino religioso	1	6,25	0	0	2	9,52	2	5,88	1	4,54	6	5,88
Total	16	100	9	100	21	100	34	100	22	100	102	100

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 11 – Temas abordados na pesquisa

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Conforme os dados da Tabela 11 foram registrados, nas cinco universidades, trabalhos relacionados às categorias religiosidade e movimentos religiosos, num total de 35,3%, e 29,4%, respectivamente. Para as demais categorias dessa variável, com exceção da UNICAP, que não registrou trabalho, o percentual foi bem menor, ficando, no total, 17,6% na categoria ética e valores humanos; 11,8%, na categoria evangelho; e, surpreendentemente, apenas 5,88%, na categoria ensino religioso, o que reforça a necessidade de mais incentivo à produção científica, com base nessa temática, a fim de subsidiar o Ensino Religioso nas escolas.

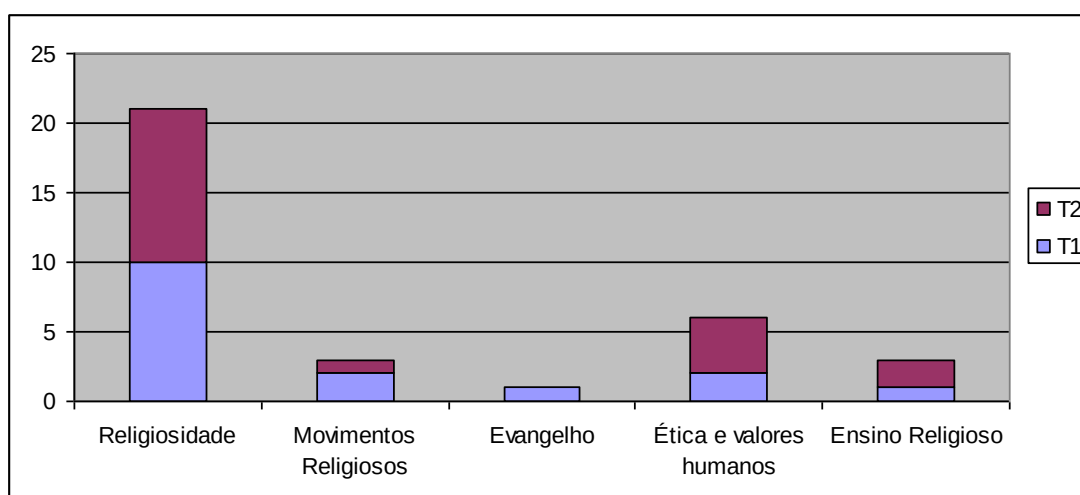
É bastante expressivo o percentual de trabalhos relacionados ao tema religiosidade, na UFJF (43,8%), na UNICAP (66,7%) e na PUC (57,1%); na UMESP e na UPM, destaca-se o número de trabalhos relacionados ao tema movimentos religiosos, com 29,4% e 40,9%, respectivamente.

Tabela 12– Temas abordados nas pesquisas (UFPB)

TEMA	T1		T2		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Religiosidade	10	62,5	11	61,1	21	61,8
Movimentos religiosos	2	12,5	1	5,55	3	8,82
Evangelho	1	6,25	0	0	1	2,94
Ética e valores humanos	2	12,5	4	22,2	6	17,6
Ensino religioso	1	6,25	2	11,1	3	8,82
Total	16	100	18	100	34	100

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 12 – Temas abordados nas pesquisas



Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Dentre as categorias dessa variável (Tabela 12), apenas a categoria Evangelho não foi contemplada na T2. Religiosidade atingiu a maioria dos trabalhos, nas duas turmas, com 62,5% na T1 e 61,1% na T2. A categoria Movimentos religiosos, juntamente com a categoria Ética e valores humanos, representaram, cada uma, 12,5%, na T1; as categorias Evangelho e Ensino Religioso ocuparam 6,25%, cada uma. Na T2, Ética e valores humanos foi a segunda mais contemplada, com 22,2%, seguida de Ensino Religioso, com 11,1% e da categoria Movimentos Religiosos, com 5,55%.

Para encerrar a análise das dissertações desta pesquisa, as duas últimas variáveis que seguem, fazem referência à Tipologia da Pesquisa, quando se analisou primeiramente, a pesquisa com base nos objetivos estabelecidos; depois, quanto aos procedimentos técnicos utilizados.

As pesquisas classificam-se em exploratórias, descritivas e explicativas para o estabelecimento do marco teórico, ou seja, para possibilitar uma aproximação conceitual (GIL, 2010). O objetivo primordial da pesquisa exploratória consiste em proporcionar maior familiaridade com o problema, de modo a torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses; na pesquisa descritiva, é essencial a descrição das características de uma população ou fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis; já a pesquisa explicativa tem como foco identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Segundo Gil (2010), a pesquisa explicativa é o tipo mais complexo, por explicar a razão, o porquê das coisas, o que não significa que as pesquisas exploratórias e descritivas tenham menos valor, afinal, elas constituem etapa prévia nas explicações científicas. As duas últimas variáveis seguintes apresentam a classificação das pesquisas. Ao classificar um trabalho de pesquisa, é necessário estabelecer critérios com base nos objetivos gerais da pesquisa, como também, nos procedimentos técnicos utilizados (GIL, 2010).

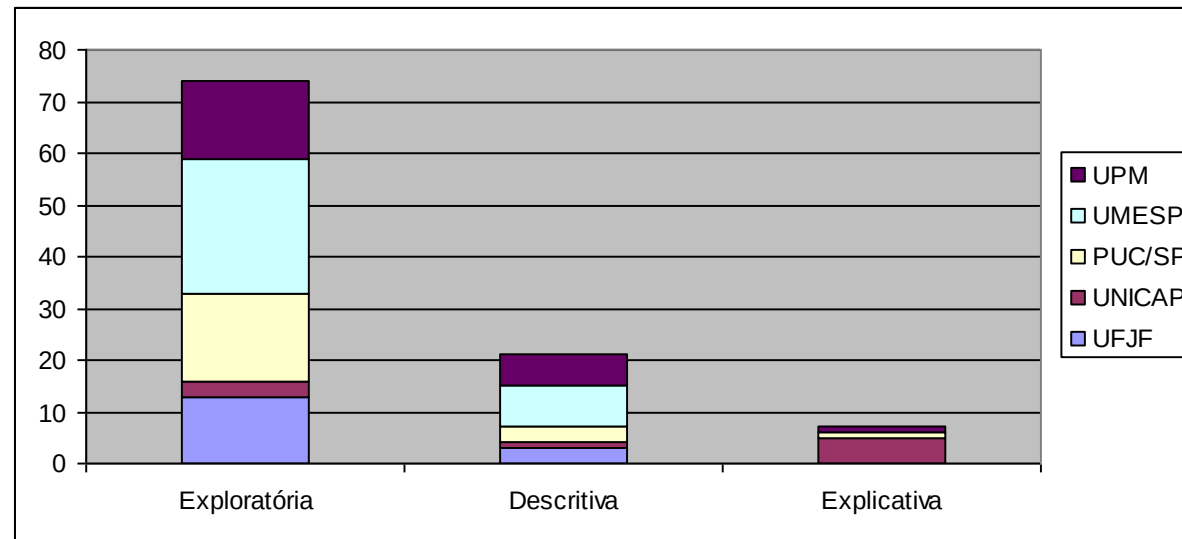
As pesquisas com base nos objetivos são classificadas em exploratórias, descritivas e explicativas, e as com base nos procedimentos técnicos utilizados são reorganizadas em dois grupos: um das fontes de papel, que envolve a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, e o grupo dos dados fornecidos por pessoas, ou seja, da pesquisa experimental, *ex-post facto*, de levantamento e de estudo de caso. Nesse segundo grupo, ainda são incluídas a pesquisa-ação e a pesquisa participante.

Sendo assim, as Tabelas 13 e 14 apresentam o resultado da classificação da pesquisa quanto aos objetivos; enquanto as Tabelas 15 e 16 mostram o resultado da classificação da pesquisa com base nos procedimentos utilizados.

Tabela 13 – Tipologia: com base nos objetivos (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

TIPOLOGIA	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	F	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Exploratória	13	81,3	3	33,3	17	81	26	76,5	15	68,2	74	72,5
Descritiva	3	18,8	1	11,1	3	14,3	8	23,5	6	27,3	21	20,6
Explicativa	0	0	5	55,6	1	4,76	0	0	1	4,54	7	6,86
Total	16	100	9	100	21	100	34	100	22	100	102	100

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 13 – Tipologia: com base nos objetivos

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

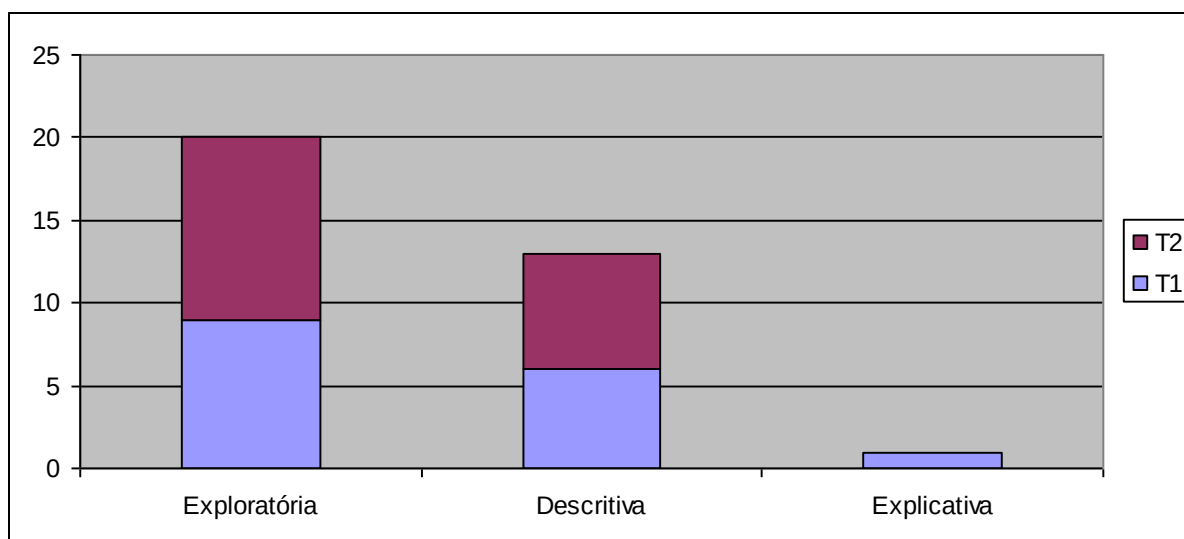
Ao analisar os dados da Tabela 13, verifica-se que a pesquisa exploratória foi empregada em trabalhos das cinco universidades, numa frequência bastante expressiva (72,5%). Em relação à pesquisa descritiva, embora tenha sido empregada em trabalhos das cinco universidades, o percentual foi bem menor (20,6%), enquanto a pesquisa explicativa obteve 6,86%). A pesquisa exploratória só não obteve maioria na UNICAP, onde o percentual maior foi de pesquisa explicativa (55,6%). Esse mesmo tipo de pesquisa não foi empregado em estudos da UFJF e da UMESP.

Tabela 14– Tipologia: com base nos objetivos (UFPB)

TIPOLOGIA	T1		T2		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Exploratória	9	56,3	11	61,1	20	58,8
Descritiva	6	37,5	7	38,9	13	38,2
Explicativa	1	6,25	0	0	1	2,94
Total	16	100	18	100	34	100

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 14– Tipologia: com base nos objetivos



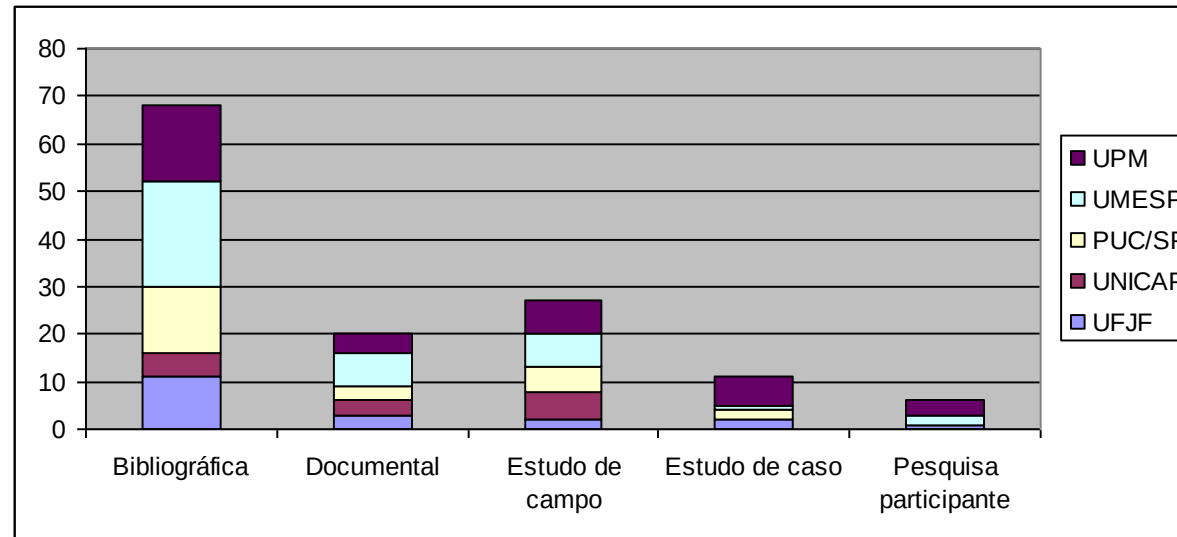
Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

No que se refere à tipologia, com base nos objetivos das pesquisas, constata-se que a pesquisa exploratória predomina nas duas turmas, com 56,3%, na T1, e 61,1%, na T2. Depois da pesquisa exploratória, a descritiva foi aplicada nas duas turmas, em percentuais muito próximos, 37,5% e 38,9%, respectivamente; já a pesquisa explicativa foi aplicada apenas em um trabalho da T1, correspondendo a 6,25%.

Tabela 15 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados (UFJF, UNICAP, PUC/SP, UMESP e UPM)

Tipologia	UFJF		UNICAP		PUC/SP		UMESP		UPM		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Bibliográfica	11	57,9	5	35,71	14	58,3	22	56,4	16	44,4	68	51,5
Documental	3	15,8	3	21,4	3	12,5	7	17,9	4	11,1	20	15,2
Estudo de campo	2	10,5	6	42,9	5	20,8	7	17,9	7	19,4	27	20,5
Estudo de caso	2	10,5	0	0	2	8,33	1	2,56	6	16,7	11	8,33
Pesquisa participante	1	5,26	0	0	0	0	2	5,12	3	8,33	6	4,54
Total	19	100	14	64,3	24	100	39	100	36	100	132	100

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Gráfico 15 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados

Fonte: Catálogo Nacional de Teses e Dissertações.

Para analisar os fatos, do ponto de vista empírico, para confrontar a visão teórica com os dados da realidade, é preciso traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa (GIL, 2010). Assim, o mais importante é o procedimento adotado para a coleta de dados, que podem ser divididos em dois grupos - um das fontes de material impresso e o outro dos dados fornecidos por pessoas.

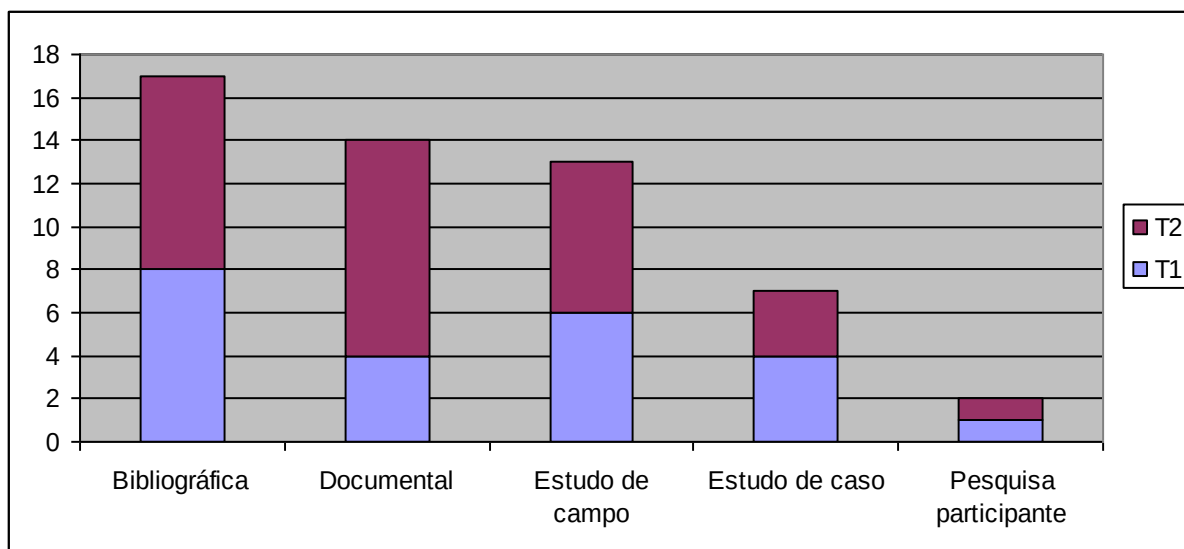
Quanto à tipologia da pesquisa, no que se refere aos procedimentos técnicos utilizados, observando-se o resultado da Tabela 15, é importante considerar que, embora a maioria dessas pesquisas tenha adotado, exclusivamente, a pesquisa bibliográfica, em outras, como, por exemplo, as pesquisas descritivas e explicativas, foi empregado mais de um procedimento técnico, por isso, podem assumir mais de uma classificação, porque qualquer espécie de pesquisa requer uma pesquisa bibliográfica, prévia para a fundamentação teórica.

Nas cinco universidades, registrou-se o maior percentual em pesquisa bibliográfica, num total de 51,5%. Então, ficaram 48,57%, assim distribuídos: 15,2%, para a pesquisa documental; 20,5%, para o estudo de campo; 8,33%, para o estudo de caso; e 4,54%, para a pesquisa participante. Esses dados demonstram a preferência dos pesquisadores pelas fontes de material impresso.

Tabela 16 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados (UFPB)

Tipologia	T1		T2		TOTAL	
	F	%	f	%	f	%
Bibliográfica	8	34,8	9	30	17	32,1
Documental	4	17,4	10	33,3	14	26,4
Estudo de campo	6	26,1	7	23,3	13	24,5
Estudo de caso	4	17,4	3	10	7	13,2
Pesquisa participante	1	4,34	1	3,33	2	3,77
Total	23	100	30	100	53	100

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UFPB.

Gráfico 16 – Tipologia: com base nos procedimentos técnicos utilizados

Fonte: Banco de dados do PPGCR-UEPB.

Na análise dos trabalhos desta instituição, no que se refere à tipologia da pesquisa, com base nos procedimentos técnicos utilizados, os resultados apontam que a pesquisa bibliográfica, a documental e o estudo de campo foram as mais utilizadas nas duas turmas, embora se diferenciando na ordem.

Enquanto na T1 a pesquisa bibliográfica ficou em primeiro lugar, seguida da pesquisa documental e do estudo de campo, com 34,8%, 26,1% e 17,4%, respectivamente; na T2, o primeiro lugar foi da pesquisa documental (33,3%), seguida da bibliográfica (30%) e do estudo de campo (23,3%).

O estudo de caso e a pesquisa participante ocuparam a quarta e a quinta posição, respectivamente, nas duas turmas. Ficando na T1, o estudo de caso, com 17,4%; e a pesquisa participante, 4,34%; enquanto na T2, o estudo de caso teve 10%, e a pesquisa participante, 3,33%.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

As conclusões e as sugestões sobre a produção científica das universidades brasileiras que desenvolvem o Programa de Pós-graduação, relacionado ao fenômeno religioso, entre elas, a UFJF, a UNICAP, a PUC/SP, a UMESP e a UPM, comparadas à produção da UFPB, são apresentadas com o objetivo de oferecer um mapeamento e a avaliação desse campo de estudos, com base nas variáveis desta pesquisa.

Embora os resultados não ofereçam uma perspectiva geral do que vem sendo pesquisado sobre o fenômeno religioso, trazem algum subsídio, quanto à questão em análise, em contextos ambientais diferentes. Assim, tendo em vista a possibilidade de cruzar uma singularidade ou pluralidade de método e de objeto desse campo de estudos, há diferentes modos de defini-lo. A UFJF adota “Ciência da Religião”; a UNICAP, a PUC/SP, a UMESP e a UPM adotam “Ciências da Religião”, e a UFPB, “Ciências das Religiões”.

Essas instituições vêm mantendo a avaliação da CAPES que, numa escala de "1" a "7", atribuiu nota “5” à UFJF, à PUC/SP e à UMESP; à UNICAP, à UPM e à UFPB foi atribuída nota “3”. Esse resultado evidencia que, as três últimas universidades, especialmente, precisam buscar o fortalecimento de seus Programas, a fim de que essa nota seja melhorada, para garantir a deliberação CNE/MEC sobre a renovação de "reconhecimento", a vigorar no triênio subsequente.

Dentre os objetivos do Programa, nessas universidades, destaca-se a formação do docente na condução do ensino religioso, de modo a atender à demanda de conhecimentos sobre o tema religião, estimulando a reflexão sistemática e a produção de pesquisas, numa perspectiva pluridisciplinar e não confessional.

Diante das dissertações analisadas, e considerando-se o exposto no parágrafo anterior, conclui-se que os programas têm atraído profissionais das mais diversas áreas da atividade humana interessados no fenômeno religioso, o que representa ganho para a sociedade contemporânea, mas, em contrapartida, menos espaço para o docente. Essa realidade evidencia que a área da educação acaba sempre “invadida” por outras áreas, razão por que seria interessante investigar a relação dos pesquisadores com a função profissional exercida e conduzir pesquisas da produtividade desses mestres, após a obtenção do título.

A presença marcante de pesquisadores do gênero masculino, nesse campo de estudos, tem sido registrada nessas universidades, embora, na UFPB, tenha-se registrado uma produção equitativa, na T2. Esses resultados revelam que mais homens do que mulheres têm demonstrado interesse pelo fenômeno religioso, buscando o título de mestre em Ciências das

Religiões. Portanto, é preciso tornar o ensino e a pesquisa, nesse programa, mais atraentes, de modo a assegurar maior participação do gênero feminino.

No que se refere ao título das dissertações, relativo ao número de vocábulos e ao emprego de sinais de pontuação, enquanto as demais universidades, na variável número de vocábulos, registraram títulos na categoria “21-25”, e algumas delas atingiram a categoria “26 ou mais”, a UFPB registrou títulos atingindo, no máximo, a categoria “16 - 20”. Isso significa que essa instituição, dentre as demais desta pesquisa, é a que melhor atende às recomendações metodológicas de trabalhos científicos.

Entretanto, na variável pontuação, destaca-se a UNICAP, que apresentou trabalhos cujos títulos tinham apenas dois pontos, contrastando com a UMESP, com trabalhos contemplando todas as categorias dessa variável, enquanto, nas demais instituições, uma ou outra categoria deixou de ser contemplada.

A realidade das duas variáveis anteriormente comentadas sinaliza para a necessidade de se adaptar a estrutura curricular dessas universidades, de modo a ser oferecida a disciplina Metodologia do Trabalho Científico para orientar o pesquisador na elaboração de um trabalho com precisão e clareza.

Por fim, constatou-se, com exceção da UNICAP, a predominância da pesquisa exploratória, seguida da pesquisa descritiva, reafirmando a análise de Gil (2010), para quem essas pesquisas, juntas, são habitualmente as mais realizadas por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, houve maior frequência de pesquisa bibliográfica, documental e de estudo de campo.

No que diz respeito aos resumos analisados, vale uma observação, quanto à formatação, à digitação e às omissões essenciais, que prejudicam a qualidade do trabalho. Em alguns casos, não ficou claro do que trata o autor. Outros trabalhos, como, por exemplo, o de Witter e Assis-Maria (2005), também fazem reclamações nesse sentido. Assim, é necessário maior cuidado com a produção de resumos.

Portanto, sendo pioneira nesse campo de estudos, na UFPB, esta pesquisa procura colaborar com o Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, por oferecer um mapeamento de sua produção científica, como também o perfil dos egressos a esse programa, no sentido de reavaliar sua estrutura curricular, o processo seletivo para a formação de novas turmas e os encaminhamentos necessários para o desenvolvimento do programa, com base na avaliação da Capes.

Os dados analisados nesta pesquisa apontam que as publicações relativas à educação são poucas e evidenciam a necessidade de se desenvolverem trabalhos nessa área, a

fim de verificar o nível das pesquisas e sua estrutura, com base nas recomendações da pesquisa científica, com o objetivo de contribuir com a formação dos pesquisadores para o exercício da investigação científica, mais especificamente, para o exercício da docência, visando à qualidade do Ensino Religioso nas escolas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Manual de Publicação da American Psychological Association**. 4. ed. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

BERNHEIM, C. T.; CHAUÍ, M. S. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**: cinco anos depois da Conferência Mundial sobre Educação Superior. Brasília: UNESCO, 2008.

BOFF, L. **Nova era**: a civilização planetária, SP: Ática, 1994.

BRAGA, G.M. **Comunicação científica**: o periódico. In: Seminário de Publicações Periódicas na Área de Educação, Brasília: INEP, 1984.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.1.

BRASIL. Ministério da Educação. CES/MEC - Parecer nº 977/65, C. E. Su, aprov. em 3-12-65, 1965.

BURITI, M. A. **Produção científica em Educação Física no DAI**. 1999. Tese (Doutorado em Psicologia). PUC, Campinas, São Paulo, 1999.

BURITI, M. S. L. **Psicologia do esporte, adolescência e agressividade: Análise da produção científica em periódicos**. 2003. 162 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2003.

BURITI, M. A. de; WITTER, C.; WITTER, G. (Orgs.). **Produção científica e psicologia educacional**. Guararema, São Paulo: Anadarco, 2007.

CAMPOS, K. C. L.; WITTER, G. P. **Análise de títulos do periódico Paradigma**. In: G. P. WITTER (Org.). **Produção Científica em Psicologia e Educação**. Campinas: Alínea, 1999.

CAMARGO, M. V. G. P. de. **Autoria na geração de artigos**. In: Witter G. P. (Org.). **Produção Científica**. Campinas: Átomo, 1997.

CAMURÇA, M. **Ciências Sociais e Ciências da Religião**: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2003a.

CARELLI, A. E. **Produção científica em leitura**: dissertações e teses (1990 – 1999). 2002. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2002.

CARON, L. e Equipe do GRERE. **O ensino religioso na nova LDB**: histórico, exigências, documentário. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTRO, C. M. A feirinha e o rabino. **Revista Veja**. Editora Abril, edição 2207, ano 44, n.10, 09 de março de 2011.

CATÃO, F. A. C. **O fenômeno religioso**. São Paulo: Letras & Letras, 1995.

_____. **A educação no mundo pluralista**: por uma educação de liberdade. São Paulo: Paulinas, 1993.

CARVALHO, J. J. de. Características do fenômeno religioso. In: BINGEMER, M. C. (Org.). **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: McGraw-Hill, 1981.

CUSATIS NETO, R. **Fisioterapia e aspectos biopsicológicos**: análise de produção científica. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2002.

DOMINGOS, N. A. M. **Produção científica**: análise de resumos de dissertações e teses em psicologia (1992/1996). 1999. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 1999.

DOMINGUES, C. M. **Discurso científico**: análise das dissertações da Faculdade de Engenharia Agrícola - Unicamp. 1994. 121 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 1994.

DURAND, G. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

_____. **O retorno do mito**: introdução à mitologia. Mitos e sociedade. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, n.23, abril de 2004. Quadrimestral. 2004a.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Lisboa: Cosmos, 1990.

_____. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELISSON, C. G. Religious involvement and subjective Well-being. **Journal for Health and social Behavior**, 1991 Mar;32(1):80-99.

FERNANDES, M. M. S. **Afinal, o que é ensino religioso?**: Sua identidade própria em contraste com a catequese. São Paulo: Paulus, 2000.

FERREIRA, A. A. Produção Científica sobre Prevenção da AIDS (1994 – 1999). In: Witter G. P. (Org.). **Psicologia Tópicos Gerais**. Campinas: Alínea, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário**: o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FILORAMO, G.; PRANDI, C. **As ciências das religiões**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

FREIRE-MAIA, N. **A ciência por dentro**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, J. B. Estudo Um. Da escola para a vida. In: Venâncio, S.; Freire, J. B. (Orgs). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, São Paulo: Autores Associados. Apoio: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2005.

FUNARO, V. M. B. O.; NORONHA, D. P. Literatura cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados. In: G. P. Witter; D. A. Poblacion e J. F. M. Silva. **Comunicação e Produção Científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Algelara, 2006.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1995.

GRANJA, E. C. **Produção científica**: dissertações da IPUSP – 1980/1989. 1995. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILBERTO, S. O papel da ciência e da tecnologia dentro da estratégia de segurança nacional da doutrina bush. In: **Relações internacionais no mundo globalizado atual**. Curitiba: faculdades integradas, 2005.

GOLDSTEIN, L. L. Desenvolvimento do adulto e religiosidade: uma questão de fé. In: NERI, A. L.(Org). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005. Coleção repensando a religião.

HABERMAS, Jürgen. Individuação através da socialização. Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead. In: **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1990.

HOBBSBANN, E. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

JORNAL DA CIÊNCIA. **Publicação da SBPC** – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Rio de Janeiro, 11/06/2010. Ano XXIV, N. 668.

_____. 24/09/2010. Ano XXIV, N. 675.

_____. 08/10/2010. Ano XXIV, N. 676.

_____. 18/02/2011. Ano XXIV, N. 684.

_____. 29/04/2011. Ano XXIV, N. 688.

JULIANO, A. M. R. **Análise de recursos das dissertações de Mestrado em Biblioteconomia**: PUCCAMP (1988-1992). 1994. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1994.

KOURGANOFF, W. **A face oculta da universidade**. Tradução Cláudia Schilling; Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

KUNSCH, M. M. K. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992.

LE COADIC, Y.-F. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEMOS, F. **Religião e masculinidade**: identidades plurais na modernidade. Santo André: Fortune, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, M. F. **A Psicologia em tese da administração educacional**. 1999. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia). PUC, Campinas, São Paulo, 1999.

LYON, D. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LUFT, L. A maior ironia. **Revista Veja**. Editora Abril, ed. 2204, ano 44, n. 7, 16 de fevereiro de 2011.

MENDES, I. A. Autobiografia intelectual de uma enfermeira-pesquisadora. In: **Impacto na prática**. São Paulo: Editora da USP, 1991.

MENDONÇA, A. G. Ciências da Religião: de que mesmo estamos falando? São Paulo: **Revista Ciências da Religião História e Sociedade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003, Ano 1, N. 2.

MENDONÇA, O. M. L. **Ensino-aprendizagem de ciências**: produção científica e aplicação metodológica. 1997. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 1997.

MENECHINI, R; FONSECA, L. **Índices alternativos de avaliação da produção científica no Brasil**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1994.

MENEZES, E. M. **Produção científica dos docentes da Universidade Federal de Santa Catarina**: análise quantitativa dos anos de 1989 a 1990. 1993. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Campinas, 1993.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, E. **ITA: avaliação da produção científica (1991-1995)**. In: G. P. Witter (Org.). **Produção Científica**. Campinas, São Paulo: Átomos, 1997.

MORAES, L. de S. **O modelo e a prática na produção intelectual da Universidade Federal de São Carlos: uma história de muitas vidas**. 1994. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1992.

MOREL, R. L. de M. Um estudo sobre a produção científica brasileira, segundo dados do *Institut for Scientific Information*. **Ciência da Informação**, v. 6, n. 2 p. 99-100, 1997.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, Monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 2004.

PACHECO, E. M. C. Produção científica e avaliação psicológica. In: G. P. Witter (Org.). **Metaciência e psicologia**, Campinas: Alínea, 2005.

_____. **Produção científica em avaliação psicológica: Análise de Periódicos Brasileiros (1997-2002)**. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2003.

PACKER, A. L. e MENEGUINI, R. Visibilidade da produção científica. In: G. P. Witter; D. A. Poblacion e J. F. M. Silva. **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Algelara, 2006.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 10 ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2004.

PAIVA, G. J. de. **Ciência, religião, psicologia: conhecimento e comportamento**. Psicologia: Reflexão e crítica. Porto Alegre, v. 15, n. 3, mai., 2002.

FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. 8 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006.

PASSOS, J. D. **Ensino Religioso: construção de uma proposta**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PÉCORA, G. M. M. Atividades acadêmicas de pesquisador. In: Witter, G. P. (Org.). **Produção científica**. Campinas, São Paulo: Átomo, 1997.

PETERS, T.; BENNETT, G. **Construindo pontes entre a ciência e a religião**. São Paulo: Loyola, 2003.

POBLACION, D. A.; OLIVEIRA, M. Input e output: insumos para o desenvolvimento da pesquisa. In: G. P. Witter; D. A. Poblacion e J. F. M. Silva. **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Algelara, 2006.

POBLACION, D. A., WITTER, G. P., SILVA, F. (Orgs.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**: elemento de metodologia de trabalho científico. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, B. de S. Os processos de globalização. In: SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. (Org.). **Reinventar a emancipação social**: para novos manifestos. V.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. Porto, Portugal: Almedina, 2006.

_____. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Globalização**: fatalidade ou utopia? Porto: Afrontamento, 2002c.

SILVA, J. F. M. da; RAMOS, L. M. S. V. C.; NORONHA, D. P. Bases de dados. In: G. P. Witter; D. A. Poblacion e J. F. M. Silva. **Comunicação e Produção Científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Algelara, 2006.

SILVA, J. A.; BAFFA FILHO, O. A centralização do saber. In: SILVA, J. A. et al. (Eds.). **Reflexões sobre universidade, ciência e pós-graduação**. Ribeirão Preto: Holos, 2006. p. 102-104.

TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Editora Gente, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.

USARSKI, F. **Constituintes da ciência da religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Entrevista com alunos do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião**. PUC-SP, Julho de 2002.

VICENTE, R. B. Bíblia: **Reconciliação como caminho para a individuação**. Traduzido do original: Bible: reconciliation as a way to the individuation. Revista Psicologia Argumento, n. Ano 19, N§ 29, Outubro/2001, p. 7-25, 2001.

VIEIRA, K. C. Temas enfocados em transformação de 1989 a 1996. In: G. P. Witter. **Produção científica**. Campinas: Alínea, 1997.

WEBER, M. **Sobre a teoria das ciências sociais**. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. **Ensaio de sociologia**. Guanabara: Koogan, 1982.

WEITHEIN, J. **Educação rural no terceiro mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

WEPNER, S. B; GAMBREL, L. B. (Orgs.). **Beating the odds**: getting published in the field of literacy. Newark: IRA, 2006.

WITTER, C. Produção científica e educação: análise de um periódico nacional. In: G. P. Witter (Org.). **Metaciência e Psicologia**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2005.

_____. **Psicologia Escolar**: produção científica, formação e atuação (1990 – 1994). 1996. Tese (Doutorado em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano). Universidade de São Paulo, IPUSP, 1996.

WITTER, C.; BURITI, M. A. e WITTER, G. P. (Orgs.). **Problemas psicossociais**: análise de produção. São Paulo: Guararema, 2007.

WITTER, G. P. (Org.). **Envelhecimento**: referenciais teóricos e pesquisas. Campinas, São Paulo: Alínea, 2006.

_____. **Metaciência e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2005.

_____. **Educação e psicologia**: cinquenta anos de profissão. São Paulo: Ateliê, 2004.

_____. (Org.). **Psicologia e Educação**: professor, ensino e aprendizagem. Campinas: Alínea, 2004.

_____. **Leitura**: Textos e pesquisas. Campinas: Alínea, 2002.

_____. **Produção científica em psicologia e educação**, Campinas: Alínea, 1999.

_____. Títulos dos trabalhos do II Seminário sobre currículo da PUC-Campinas. In: G. P. Witter (Org.). **Produção científica em psicologia e educação**, Campinas: Alínea, 1999.

_____. Metaciência e leitura. In: G. P. WITTER (Org.). **Leitura**: Textos e pesquisas. Campinas: Alínea, 1999a.

_____. **Produção científica**. Campinas, São Paulo: Átomos, 1997.

_____. Introdução. **Catálogo de publicações dos docentes da PUCCAMP (1990 – 1994)**, Campinas, São Paulo, 1996a.

_____. Pesquisa em psicologia escolar no Brasil. In: S. M. Wechsler (Org.). **Psicologia escolar**: pesquisa, formação e prática. Campinas, São Paulo, Alínea, 1996b.

_____. **Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação**. Estudos de Psicologia da PUCCAMP. Campinas, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1990.

WITTER, G. P., Assis-Maria, F. Velhice no banco de teses da CAPES (2000 e 2001) In: G. P. Witter (Org.). **Metaciência e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2005.

WITZIG, T.; MARTINS, L. N. R. Perspectivas de orientandos de Mestrado e Doutorado. In: WITTER, G. P. (Org.). **Psicologia e Educação - Professor, ensino e aprendizagem**. Campinas: Alínea, 2004.

ZIMAN, J. C. **Conhecimento público**. São Paulo. EDUSP, 1979.

PÁGINAS ACESSADAS

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD. Disponível em: <<http://bdtd2.ibict.br>>. Acesso em 14/02/2011.

Ministério da Ciência e Tecnologia. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd2.ibict.br>>. Acesso em 14/02/2011.

Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em 14/02/2011.

Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cre>>. Acesso em 19/02/2011.

Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões – PPG-CR. Universidade Federal da Paraíba Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/ppgcr>>. Acesso em 22/02/2011.

Universidade Católica de Pernambuco – Ciências da Religião. Disponível em: <http://www.unicap.br/pos/ciencias_religiao/apresentacao.htm>. Acesso em 18/02/2011.

Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – PPCIR. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppcir>>. Acesso em 18/02/2011.

Universidade Federal da Paraíba Disponível – Histórico. Disponível em: <<http://www2.ufpb.br/content/hist%C3%B3rico>>. Acesso em 28/11/2011.

Universidade Metodista de São Paulo. Ciências da Religião – Programa de Pós-graduação. Disponível em: <<http://www.metodista.br/posreligiao>>. Acesso em 19/02/2011.

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Tradição e pioneirismo na Educação. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/ciencias_religiao.html>. Acesso em 20/02/2011.